



VANESSA MORAES LUGLI

**MUDANÇA ESTRUTURAL E O SETOR DE SERVIÇOS
NO BRASIL**

**Campinas
2015**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA

VANESSA MORAES LUGLI

Mudança estrutural e o setor de serviços no Brasil

Prof. Dr. Célio Hiratuka– orientador

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Ciências Econômicas.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA
VANESSA MORAES LUGLI E ORIENTADA PELO
PROF. DR. CÉLIO HIRATUKA.

Orientador

A handwritten signature in blue ink is written over a horizontal line. The signature is stylized and appears to be "C. Hiratuka".

**CAMPINAS
2015**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Economia
Mirian Clavico Alves - CRB 8/8708

L967m Lugli, Vanessa Moraes, 1983-
Mudança estrutural e o setor de serviços no Brasil / Vanessa Moraes Lugli. –
Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Celio Hiratuka.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Economia.

1. Mudança estrutural (Economia). 2. Setor terciário. 3. Serviços (Economia). I.
Hiratuka, Celio, 1970-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Economia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Mudança estrutural e o setor de serviços no Brasil

Palavras-chave em inglês:

Structural change (Economy)

Tertiary sector

Services (Economy)

Área de concentração: Teoria Econômica

Titulação: Mestra em Ciências Econômicas

Banca examinadora:

Celio Hiratuka [Orientador]

Fernando Sarti

Silvio Antonio Ferraz Cario

Data de defesa: 24-02-2015

Programa de Pós-Graduação: Ciências Econômicas



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VANESSA MORAES LUGLI

Mudança estrutural e o setor de serviços no Brasil

Defendida em 24/02/2015

COMISSÃO JULGADORA

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "C. Hiratuka", is written over a large, faint circular stamp or watermark.

Prof. Dr. CÉLIO HIRATUKA
Instituto de Economia / UNICAMP

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "F. Sarti", is written in a cursive style.

Prof. Dr. FERNANDO SARTI
Instituto de Economia / UNICAMP

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "S. Cario", is written in a cursive style.

Prof. Dr. SILVIO ANTONIO FERRAZ CARIO
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Para Djair, Thereza, Daniele e Roberto, meu amor

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais Djair Lugli e Thereza Paula de Moraes Lugli e à minha irmã Daniele Moraes Lugli, pelo amor, pela união e pela cumplicidade ao longo de toda a minha vida. Agradeço ao meu marido Roberto Bizaco pelo amor incondicional, pelo companheirismo, pela paciência e pelo apoio, em todos os sentidos, das minhas decisões e atitudes.

Agradeço aos professores e colegas que contribuíram para a minha formação acadêmica, profissional e pessoal através da transmissão do conhecimento e dos debates fazendo com que me apaixonasse cada vez mais pela ciência que escolhi.

Em especial, agradeço ao meu orientador Celio Hiratuka por acreditar e confiar nas minhas capacitações e no meu trabalho, bem como por seu apoio na elaboração, discussão e apresentação desta dissertação. Agradeço também aos integrantes da banca examinadora, os professores Fernando Sarti e Silvio Antônio Ferraz Cário, pelo debate que tanto enriqueceu o meu trabalho.

Por fim, agradeço à Unicamp e ao Instituto de economia pelo apoio institucional.

Resumo

A mudança estrutural pode ser entendida como uma transformação de longo prazo da estrutura produtiva de um país estando, portanto, intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento econômico. Nesse processo, os setores e as atividades produtivas crescem a velocidades diferentes, alterando assim a sua participação na geração do produto e do emprego agregados. Nas últimas décadas, iniciou-se um debate, não apenas nos países desenvolvidos, mas também em desenvolvimento, como o Brasil, sobre a ocorrência de um processo de desindustrialização dessas economias, dado pela retração do setor industrial em contrapartida à expansão do setor de serviços. Considerando que, dentro deste debate, o setor de serviços foi analisado como uma categoria residual, composto por diversas atividades muito distintas entre si e que não se encaixavam na classificação de agropecuária ou indústria, sua análise de forma agregada pode ser problemática, levando a resultados e conclusões imprecisos. Sendo assim, esse trabalho se propõe a analisar de forma detalhada o setor de serviços no Brasil no período entre 2000 e 2012, compreendendo melhor a sua estrutura e a sua dinâmica, contribuindo também para qualificar essa mudança estrutural e seus impactos sobre o desenvolvimento econômico brasileiro.

Palavras-chave: mudança estrutural (economia), setor terciário, serviços (economia).

Abstract

Structural change can be understood as a long-term transformation of the productive structure of a country, intrinsically related to economic development. In this process, the sectors and productive activities grow at different rates, altering its participation in the generation of output and employment aggregates. In recent decades, began a debate, not only in developed countries but also in developing ones, such as Brazil, on the occurrence of a process of deindustrialisation of these economies, given the decline of the industrial sector in contrast to the expansion of the service sector. Whereas, within this debate, the service sector has been analyzed as a residual category, composed of several very different activities that did not fit in agriculture or industry classification, the analysis of aggregate form can be problematic, leading to inaccurate results and conclusions. Thus, this study aims to analyze in detail the services sector in Brazil between 2000 and 2012, to better understand their structure and its dynamics, also contributing to qualify this structural change and its impact on Brazil's economic development.

Keywords: structural change (economy), tertiary sector, services (economy).

Índice de tabelas e gráficos

Tabelas

Tabela 1 – Participação dos setores na demanda pelas atividades de serviços, em percentual – 2000.....	25
Tabela 2 – Participação dos setores na demanda por atividades de serviços, em percentual – 2005.....	25
Tabela 3 – MP, ME e IRH por grupo de serviços, 2000.....	40
Tabela 4 – MP, ME e IRH por grupo de serviços, 2005.....	41
Tabela 5 – Participação na demanda por atividade de serviços, em percentual – 2009.....	45
Tabela 6 – MP, ME e IRH por grupo de serviços – 2009.....	51
Tabela 7 – Evolução do setor de serviços em relação à indústria para variáveis selecionadas, em percentual – 2002 a 2006.....	57
Tabela 8 – Desempenho do setor de serviços em relação à indústria para os indicadores selecionados, em percentual – 2002 a 2006.....	58
Tabela 9 – Evolução do setor de serviços em relação à indústria para variáveis selecionadas, em percentual – 2007 a 2012.....	64
Tabela 10 – Evolução do setor de serviços em relação à indústria para os indicadores selecionados, em percentual – 2007 a 2012.....	65
Tabela 11 – Produtividade relativa entre os grupos de serviços, em percentual – 2007 a 2012	71
Tabela 12 – Salário médio relativo entre os grupos de serviços, em percentual – 2007 a 2012	72
Tabela 13 – Média de pessoal ocupado por empresa por grupo de serviços, em nº de trabalhadores – 2007 a 2012	73
Tabela 14 – Receita média relativa entre os grupos de serviços, em percentual – 2007 a 2012.....	74

Gráficos

Gráfico 1 – Participação dos setores na demanda por produtos, em percentual – 2000 e 2005.....	24
Gráfico 2 – Participação dos setores no consumo intermediário, em percentual - 2000 e 2005.....	27
Gráfico 3 – Participação dos setores no CI, importação, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2000	28
Gráfico 4 – Participação dos setores no CI, importação, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2005	29
Gráfico 5 – Participação dos setores e atividades na demanda por serviços, em percentual – 2000.....	34
Gráfico 6 – Participação dos setores e atividades na demanda por serviços, em percentual – 2005.....	35
Gráfico 7 – Participação dos grupos de serviços no CI, importações, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2000	36
Gráfico 8 – Participação dos grupos de serviços no CI, importações, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2005.....	37
Gráfico 9 – Participação dos setores na demanda por produtos, em percentual – 2009.....	44
Gráfico 10 – Participação dos setores no consumo intermediário, em percentual – 2009.....	46
Gráfico 11 – Participação dos setores no CI, importação, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2009.....	47
Gráfico 12 – Participação dos setores e atividades na demanda por serviços, em percentual – 2009.....	48
Gráfico 13 – Participação dos grupos de serviços no CI, importações, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2009.....	50
Gráfico 14 – ROL da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2002 a 2006.....	59

Gráfico 15 – VA na indústria e no setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2002 a 2006.....	60
Gráfico 16 – Salários, retiradas e outras remunerações da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2002 a 2006.....	61
Gráfico 17 – PO na indústria e em serviços, em milhões – 2002 a 2006.....	62
Gráfico 18 – Número de empresas da indústria e de serviços, em mil unidades – 2002 a 2006.....	63
Gráfico 19 – ROL da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2007 a 2012	65
Gráfico 20 – VA na indústria e no setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2007 a 2012.....	66
Gráfico 21 – Salários, retiradas e outras remunerações da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2007 a 2012.....	67
Gráfico 22 – PO na indústria e no setor de serviços, em milhões – 2007 a 2012.....	68
Gráfico 23 – Número de empresas da indústria e do setor de serviços, em mil unidades – 2007 a 2012.....	69
Gráfico 24 – Participação dos grupos de serviços na ROL, em percentual – 2007 a 2012.....	75
Gráfico 25 – Participação dos grupos de serviços no VA, em percentual – 2007 a 2012.....	76
Gráfico 26 – Participação dos grupos de serviços nos salários, retiradas e outras remunerações, em percentual – 2007 a 2012.....	77
Gráfico 27 – Participação dos grupos de serviços no total do PO, em percentual – 2007 a 2012.....	79
Gráfico 28 – Participação dos grupos de serviços no número de empresas, em percentual – 2007 a 2012.....	80

Sumário

Introdução.....	1
1. Mudança Estrutural e o setor de serviços	5
1.1. Mudança estrutural e a expansão do setor de serviços.....	6
1.2. Conceituação e classificações dos serviços	14
2. Análise do setor de serviços a partir das Contas Nacionais.....	21
2.1. Metodologia e dados das Contas Nacionais.....	21
2.2. Análise das Contas Nacionais para os anos de 2000 e 2005.....	23
2.2.1. Uma proposta de agregação para as atividades de serviço nas Contas Nacionais	31
2.2.2. Análise dos grupos de serviços das Contas Nacionais para os anos de 2000 e 2005	32
2.3. Análise das Contas Nacionais para o ano de 2009	43
2.3.1. Análise dos grupos de serviços das Contas Nacionais para o ano de 2009	47
3. Análise do setor de serviços a partir da Pesquisa Anual de Serviços (PAS)	55
3.1. Metodologia e dados da PAS	55
3.2. Análise dos dados da PAS para o período de 2002 a 2006	56
3.3. Análise dos dados da PAS para o período de 2007 a 2012	63
3.3.1. Uma proposta de agregação para as atividades de serviço na PAS	69
3.3.2. Análise dos grupos de serviços da PAS para o período de 2007 a 2012	70
Conclusão	83
Referências bibliográficas	89
Anexo.....	95

Introdução

A mudança estrutural pode ser entendida como um processo de longo prazo em que se observa a transformação da estrutura produtiva de uma economia, através da alteração da participação entre os setores ou mesmo entre as atividades, na geração do produto, da renda e do emprego. Nesse sentido, podemos dizer que a mudança estrutural está relacionada com o próprio processo de desenvolvimento de um país, através da diversificação da produção e da migração dos recursos entre os setores e atividades. Para alguns autores, como Colin Clark (1940), a mudança estrutural ocorreria em etapas sucessivas, com os setores e atividades tradicionais perdendo participação para outros mais modernos (urbanos), como ocorrido entre a agricultura e a indústria com a Revolução Industrial.

Porém, em meados do século XX, já se observava em algumas economias – em especial nos países desenvolvidos – o que parecia ser uma nova etapa do processo de mudança estrutural, com a elevação da participação do setor de serviços na geração de empregos e do produto. O tema ganhou importância por conta das discussões sobre a ocorrência de um processo de desindustrialização dessas economias, e por isso, muitos autores se dedicaram a entender as razões para a expansão do setor de serviços. As explicações do *demand-side* relacionam a mudança estrutural à renda e à elasticidade da demanda pelos produtos dos três setores. Já o *supply-side* acredita que a resposta está no diferencial de produtividade entre as atividades. Por fim, uma terceira visão trata a questão como consequência da divisão do trabalho intersetorial, relacionada ao fenômeno da externalização de algumas atividades industriais.

Independentemente das razões para a expansão dos serviços e da discussão sobre a ocorrência ou não de um processo de desindustrialização, é preciso realizar uma análise mais detalhada do setor, uma vez que este possui diversas características que o diferencia dos demais. O fato de ter sido criado com o objetivo de agregar todas as atividades não pertencentes à agropecuária ou à indústria tornou o setor de serviços uma categoria residual e assim muito heterogênea, caracterizada pela convivência entre serviços sofisticados, tradicionais, prestados pelo governo (sociais) e

ainda diversos outros que possuem uma dinâmica própria. Por essas atividades apresentarem diferentes níveis de produtividade do trabalho, de salários, de qualificação da mão de obra e de potencial de inovação, a análise dos serviços como um setor único se torna problemática.

Faz-se necessária então uma análise mais criteriosa das diferentes atividades classificadas como serviços, em especial quando olhamos para os ganhos e perdas de participação entre os setores¹. Isso porque, no caso da discussão sobre a desindustrialização, a perda de participação relativa da indústria poderia não ser um fator negativo caso observássemos uma expansão concentrada nos serviços de maior produtividade, que oferecessem postos de trabalho de melhor salário e qualificação ou ainda que apresentassem elevado potencial de inovação. A expansão de determinados serviços de apoio a indústria também não seriam interpretada como algo ruim, uma vez que, ao atuarem como fornecedores de insumos, podendo contribuir para a elevação da produtividade industrial, os serviços às empresas poderiam se beneficiar do seu crescimento. Por outro lado, um processo de desindustrialização com ganho de participação dos serviços tradicionais não caracterizaria uma mudança estrutural positiva e favorável ao crescimento e desenvolvimento da economia como um todo, por conta da migração de trabalhadores e recursos na direção das atividades menos produtivas, com baixo nível de qualificação e de salários.

A caracterização e a análise da dinâmica do setor de serviços brasileiro entre 2000 e 2012 foram feitas a partir dos dados das matrizes do Sistema de Contas Nacionais (SNC) e da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), sendo utilizados também os dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA) com o objetivo de estabelecer comparações entre os setores.

¹ É preciso esclarecer que, embora não seja tratado neste trabalho, reconhecemos a importância da discussão com relação à contribuição do aumento dos preços dos serviços para a elevação da inflação no Brasil nos últimos anos, em especial dos chamados serviços pessoais. O tema é relevante e precisa ser analisado e discutido de forma detalhada, fugindo assim do propósito deste trabalho. Por conta disso, os valores aqui apresentados estão a preços correntes, não tendo sido aplicado qualquer deflacionamento, ainda que exista a possibilidade da variação de preços influenciar o posicionamento desses grupos, super ou subestimando a real importância de algumas atividades dentro do setor e da economia como um todo.

Da análise geral dos dados das matrizes das Contas Nacionais pudemos perceber que o setor de serviços como um todo se destaca dos demais na geração do valor da produção, do valor adicionado bruto, no pagamento de salários e no volume de empregos, em grande medida por conta dos serviços pessoais, comércio e dos serviços do governo. Pelo lado da demanda, pudemos constatar que a maior parte da produção dos serviços fica com a demanda final e dentro do próprio setor (intrasetorial), marcando sua função muito mais como produtor de bens finais do que intermediários, a exceção dos serviços empresariais que possuem uma estrutura de demanda mais equilibrada, com grande participação da indústria e do próprio grupo de serviços empresariais. Essa característica se confirma ao analisarmos os índices de encadeamento (IRH), que revelaram que os serviços não poderiam ser considerados atividades-chave na economia, relativamente às demais, uma vez que demandam e são pouco demandados pelos outros.

A comparação entre os dados da PAS e da PIA mostrou que, ao excluirmos o comércio, as atividades de saúde, educação e financeiras, a indústria permanece na liderança com os maiores valores de receitas, valor adicionado, salários pagos, média de trabalhadores por empresa, produtividade e média salarial, sendo superada pelos serviços apenas em relação ao pessoal ocupado e o número de empresas registradas no setor. Observamos que entre os grupos, os serviços às empresas – mais especificamente os serviços sofisticados – se destacaram relativamente aos demais na geração da receita operacional líquida, do valor adicionado, no volume de salários pagos anualmente, na produtividade e no salário médio por trabalhador, embora tenha perdido participação ao longo do tempo. Essa perda de participação teve como contrapartida a expansão dos serviços pessoais na geração de receita, valor adicionado e empregos, corroborando com a ideia de uma mudança estrutural negativa, dado que a expansão do setor de serviços tem ocorrido com base nesse tipo de atividade.

A partir da análise dos dados concluímos que a correta qualificação da mudança estrutural e, portanto da ocorrência de um processo de desindustrialização, deve ser feita excluindo-se a participação de determinados serviços que, dada sua natureza, não estariam concorrendo e tomando o lugar do setor industrial, como é o

caso dos serviços sociais (essenciais) prestados pelo governo, dos serviços financeiros que possuem uma dinâmica própria e ainda do comércio que em grande medida tem a função de suporte das demais atividades (sem autonomia). Ao isolarmos essas atividades, percebemos que os serviços às empresas se destacam com os maiores percentuais dentro do setor. Nesse sentido, uma perda de participação da indústria não se caracterizaria como um problema, uma vez que esses serviços apresentam características e uma dinâmica muito parecidas à do setor industrial ou ainda são atividades ligadas a ele na forma de insumos à produção. Porém, observa-se nos últimos anos que a expansão dos serviços tem ocorrido por conta dos ganhos de participação do grupo de serviços pessoais, caracterizados por atividades de baixa produtividade, salários e qualificação, impulsionados pela variação da renda dos agentes mostrando que uma mudança estrutural com base no crescimento desses serviços não se mostra benéfica à economia brasileira.

Além desta breve introdução, o trabalho traz outros três capítulos. O primeiro apresenta a discussão teórica referente à mudança estrutural e às razões para a expansão do setor de serviços, tratando também da literatura referente à sua conceituação e classificações. Nos capítulos 2 e 3 trabalhamos especificamente com os dados referentes ao setor de serviços no Brasil, sendo que o capítulo 2 apresenta uma visão mais geral da economia, através da análise dos dados do Sistema de Contas Nacionais (SCN), enquanto no capítulo 3 analisamos especificamente as atividades de serviços, utilizando as informações da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), além da comparação com os dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA). Ao final apresentamos algumas conclusões.

1. Mudança estrutural e o setor de serviços

A mudança estrutural está relacionada com o próprio processo de crescimento e desenvolvimento dos países, uma vez que se observa a transformação da estrutura econômica através da alteração da participação dos setores e atividades na geração do produto e do emprego. Sendo assim, dada sua grande relevância, o estudo da mudança estrutural despertou o interesse de várias correntes de pensamento que buscaram explicar quais as suas causas e os fatores que impulsionam esse processo, bem como seus efeitos sobre os setores, as atividades e a economia como um todo. Posteriormente, a discussão sobre a ocorrência de um processo de desindustrialização – inicialmente nas economias desenvolvidas – levou alguns desses mesmos autores a tentar explicar as razões para a expansão da participação do setor de serviços na geração do produto e do emprego.

Porém, a análise comparativa, especialmente entre a indústria e o setor de serviços, precisa ser feita com cautela. Ao contrário da agropecuária e da indústria, que são setores mais homogêneos, o setor de serviços é constituído de uma grande variedade de atividades muito diferentes entre si, classificadas e agrupadas dentro de um mesmo conjunto, resultante da visão residual ou exclusiva em relação aos demais. Convivem, sob a mesma nomenclatura, atividades de grande produtividade e potencial inovador – que se assemelham às atividades industriais ou ainda que se encontram ligadas à dinâmica industrial – com os serviços tradicionais – cuja mão de obra apresenta baixa qualificação e assim recebe baixos salários – com os serviços autônomos e com aqueles ligados à políticas do governo e à renda. Essa grande heterogeneidade, característica marcante do setor, atrapalha a análise e as possíveis conclusões a respeito da mudança na estrutura da economia.

Nesse sentido, além da literatura sobre a mudança estrutural e a expansão do setor de serviços, apresentada na primeira parte, este capítulo também tratará da conceituação e os diversos esforços de classificação das atividades de serviços, que tiveram como objetivo comum captar da melhor forma essa peculiaridade do setor.

1.1. Mudança estrutural e a expansão do setor de serviços

A análise da estrutura e da dinâmica de uma economia passa pela observação da alteração na participação dos três grandes setores – agricultura, indústria e serviços – bem como das atividades que os compõem, no produto e no emprego agregados. Em um movimento constante, essa composição tende a mudar ao longo do tempo, alterando o posicionamento e conseqüentemente a importância dos setores e das atividades na determinação dos rumos da economia. Sendo assim, a mudança estrutural pode ser entendida como um processo de longo prazo que altera a estrutura produtiva de uma economia fazendo com que algumas atividades e setores experimentam um crescimento mais rápido que outros, alterando sua participação, principalmente no que se refere ao emprego e ao valor adicionado.

Em sua contribuição para o tema, Simon Kuznets (1973) afirma que a mudança da estrutura produtiva seria inevitável uma vez que os setores da economia respondem de forma diferenciada aos impactos das inovações tecnológicas, às diferentes elasticidades-renda da demanda doméstica por produtos e às mudanças nas vantagens comparativas no comércio exterior. Para Kuznets, o progresso tecnológico seria o principal responsável por mudar a escala de operação e o próprio caráter das unidades produtivas alterando, conseqüentemente, a alocação e estrutura da mão de obra dentro da economia. Syrquin tomando Kuznets como referência, elabora o conceito:

For Kuznets growth and structural change are strongly interrelated. Once we abandon the world of homothetic preferences, neutral productivity growth with no systematic sectoral effect, perfect mobility, and markets that adjust instantaneously, structural change emerges as a central feature of the process of development and an essential element in accounting for the rate of pattern of growth. It can retard growth if its pace is too slow or its direction inefficient, but it can contribute to growth if it improves the allocation of resources... (Syrquin, 2007)

Para Chenery (1982), a análise do processo de desenvolvimento dos países com diferentes níveis de renda e bem estar tem como fator principal a modificação de suas estruturas produtivas e assim, muito embora cada país tenha suas peculiaridades, a transformação de uma economia subdesenvolvida em desenvolvida passaria necessariamente pela mudança estrutural. Nesse sentido, um dos principais fatores determinantes da mudança estrutural seria o nível de renda, relacionado com o efeito demanda, através da chamada Lei de Engel², e o efeito oferta dado pelo aumento do estoque de capital por trabalhador e a elevação da educação e da qualificação. Isso porque, a possibilidade de diferentes combinações entre trabalho, capital e qualificação da mão de obra em cada setor possibilitaria o surgimento de vantagens comparativas, à medida que a renda per capita aumentasse. A mudança estrutural ainda seria determinada por fatores como: o tamanho do mercado, o acesso aos recursos naturais, a história e os objetivos políticos e sociais de cada país, bem como as políticas seguidas pelos governos para atingir esses objetivos (Chenery, 1982 e Syrquin, 1975).

No trabalho de Rodrick e McMillan (2011), a mudança estrutural aparece associada à diversificação da produção, através do deslocamento dos recursos entre os setores, resultando no aumento da renda e da produtividade geral da economia. Nesse movimento, a mão de obra e os recursos migrariam dos setores de menor para os de maior produtividade – que os autores chamam de atividades modernas ou urbanas – caracterizando a mudança estrutural positiva, uma vez que ocorre na direção progressista. O sentido negativo seria o oposto, quando os recursos migram em direção às atividades menos produtivas, reduzindo a produtividade e a competitividade da economia como um todo. Ainda segundo os autores, a velocidade dessa mudança estrutural seria o fator-chave para explicar as experiências bem e mal sucedidas apresentadas pelos países.

Assim também para Kruger (2008) a mudança estrutural é um fator de grande importância para explicar o desempenho das diferentes nações, sendo que a velocidade e a direção dessa mudança seriam determinadas pela interação de diversos

² A elevação no nível de renda levaria a uma mudança na composição da demanda com a redução da participação dos alimentos no consumo dos indivíduos.

fatores do lado da oferta e da demanda. Do lado da oferta estaria o progresso tecnológico, fator de grande importância e que comanda o processo de mudança estrutural, como indutor do aumento da produtividade e da criação de novos produtos. Do lado da demanda, estariam os fatores responsáveis pela determinação da direção da mudança tais como: os preços relativos, a preferência por maior qualidade e novos produtos e a saturação da necessidade por produtos existentes, que influenciariam a demanda pelas diversas indústrias.

Para a corrente evolucionária, o desenvolvimento econômico é um processo dinâmico e cumulativo. Os agentes que participam desse processo não agem de acordo com um comportamento otimizador, ao contrário, tomam decisões em um cenário de incerteza, dadas às restrições de informação que enfrentam. Sendo assim, são capazes de gerar inovações, contínuas ou radicais, que afetam as indústrias de forma diferente, permitindo que cresçam de forma distinta entre si, tornando o desenvolvimento e a mudança estrutural indissociáveis. Para alguns autores como Pasinetti (1981) as explicações para a ocorrência da mudança estrutural vêm da combinação de fatores como o crescimento populacional, o processo de aprendizado na produção e novos padrões de consumo adquiridos, resultando em novos produtos, na mudança no comportamento da demanda e na elevação da produtividade do trabalho, assim como na alteração da estrutura de preços relativos e no surgimento de novos setores.

Por conta de sua importante relação com o desenvolvimento econômico, a nova fase do processo de mudança estrutural – com a expansão dos serviços em detrimento à indústria – observada em vários países já no início do século XX, tornou-se também um tema de grande relevância. Muitos autores que se dedicaram a entender os fatores propulsores e as consequências da mudança estrutural sobre as economias passaram então a buscar explicações para a alteração da participação entre esses dois setores, estabelecendo suas próprias formas de classificação das atividades, chegando assim a conclusões muito distintas.

Entre os trabalhos mais conhecidos sobre o tema, Fisher (1935) e Clark (1940), através da chamada hipótese dos três setores, fazem uma análise agregada com relação ao valor adicionado e o emprego nos três setores, postulando uma

sucessão sistemática de dominância entre eles ao longo do tempo. O setor primário – composto pela agricultura e atividades correlatas – seria aquele que satisfaz as necessidades básicas da sociedade bem como realiza a exploração de recursos naturais. O setor secundário – relacionado basicamente à manufatura e à construção – seria o responsável pela produção de bens de consumo e de investimento, utilizando para isso as matérias primas, o trabalho e os próprios bens de investimento. Já o setor terciário proveria os serviços através do uso do trabalho e em menor medida de bens de capital. Para os autores, inicialmente, o setor primário prevaleceria em relação aos demais na geração de empregos e de valor adicionado. Com a industrialização, o setor secundário ganharia espaço em detrimento ao primário, mantida a participação do terciário constante. Posteriormente, a mão de obra passaria a migrar para o setor terciário, diminuindo a participação dos dois primeiros, fazendo do setor de serviços o grande responsável pelo emprego pela geração do valor adicionado da economia (Kruger, 2008).

Para Clark (1940), a explicação para a expansão do setor de serviços nesse último estágio, estaria relacionada com o comportamento da demanda (*demand-side*) de acordo com a “hierarquia de necessidades”. Ele argumenta que os serviços seriam responsáveis por atender as demandas mais sofisticadas e assim, conforme a renda *per capita* aumentasse, os consumidores mudariam seus hábitos e passariam a demandar mais serviços, em detrimento aos produtos, causando conseqüentemente a elevação da parcela da mão de obra empregada no setor. Vale destacar que, embora identifique as razões relacionadas à demanda, o autor reconhece o papel do diferencial de produtividade entre os setores na medida que a manufatura, ao combinar elevadas taxas de produtividade com uma demanda estagnante, causaria o deslocamento da mão de obra para o setor de serviços que, embora seja menos produtivo, teria uma demanda crescente por seus produtos.

Em sua análise, Baumol (1967) divide a economia em dois setores: o primeiro, considerado o setor progressivo em termos tecnológicos, seria composto pelas atividades próximas à indústria; e o segundo, tecnologicamente estagnante, por apresentar esporádicos aumentos de produtividade, agruparia atividades com

características próximas ao setor de serviços. Admitindo a igualdade do salário nominal por hora em ambos os setores, Baumol afirma que, uma vez que a produtividade do trabalho é constante ao longo do tempo para o setor estagnante e crescente para o setor progressista, os custos unitários do setor estagnante são crescentes ao longo do tempo – dado que a elevação dos salários em geral se dá com base nos aumentos de produtividade do setor progressista. O resultado seria então a transferência de mão de obra da indústria para o setor de serviços levando à redução da produtividade da economia como um todo.

Dessa forma, Baumol encontra a explicação para a expansão do setor de serviços no *supply-side*, destacando o papel do diferencial de produtividade que faria com que a maior e crescente parcela do emprego alocada no setor terciário ocorresse por conta da baixa produtividade do setor em relação à indústria. Como as economias desenvolvidas possuem um setor industrial extremamente produtivo – fazendo com que a transferência de mão de obra para os serviços seja mais intensa – os elevados níveis de renda estariam associados com a expansão do emprego no terciário. O autor rejeita o papel da demanda nesse processo ao afirmar que, a procura por produtos e serviços, a preços constantes, seria independente da renda. Ele defende ainda que a participação do setor de serviços no produto nominal cresce à medida que a renda se eleva por conta do aumento dos salários no setor ocorrer de acordo com a elevação dos salários da economia, concluindo, portanto que a expansão do emprego no terciário se daria por conta da estagnação tecnológica deste e não por mudanças na demanda (Schettkat e Yocarini, 2003).

Para Kruger (2008), Fourastié foi o autor que melhor explicou os padrões de desenvolvimento segundo hipótese dos três setores uma vez que além de apresentar uma discussão mais detalhada, reconheceu a importância da integração entre os fatores do lado da oferta e da demanda. Segundo o autor, o setor que apresentaria as mais elevadas taxas de progresso técnico e produtividade do trabalho – no caso o secundário – se sobressairia em relação aos outros no que se refere à geração de empregos e de valor adicionado. Paralelamente – dados os aumentos na renda per capita – ocorreria um processo de saturação da demanda, inicialmente por produtos do

setor primários e em seguida pelos produtos manufaturados, mas nunca por serviços. Fourastié conclui então que a mudança estrutural seria resultante da combinação entre o impulso vindo do progresso tecnológico com o direcionamento por parte da demanda.

As principais críticas em relação à hipótese dos três setores e ao trabalho de Baumol, se referem à dificuldade de mensuração da produtividade e ao fato de muitos serviços serem *non-tradables*. Oulton (2001) ainda que mostra que a tese estagnacionista de Baumol só poderia ser validada considerando que os serviços – o setor estagnante – apenas produziriam bens finais e não intermediários. Em trabalhos posteriores, Baumol reconhece que existem atividades dentro do setor de serviços cuja produtividade não segue a tendência estagnacionista, e muitas vezes se assemelham às atividades manufatureiras, podendo apresentar altas taxas de produtividade.

Analisando o comportamento do consumidor final, Fuchs (1968) conclui que a elasticidade da demanda é maior para os serviços do que para produtos. Quando trata de outros componentes da demanda, o autor afirma que o consumo do governo e as exportações também contribuem fortemente para explicar a mudança no comportamento da demanda final em direção aos serviços. Embora parte da análise da demanda, o trabalho de Fuchs reconhece a importância do diferencial de produtividade, e mais especificamente a baixa produtividade do setor de serviços, como causa principal para o crescimento o emprego no setor terciário. Porém, Fuchs observa que, quando analisada a demanda a preços correntes, observamos uma superestimação da expansão do setor de serviços enquanto que a análise da demanda real (deflacionada) daria uma ideia subestimada por conta da imprecisão dos índices utilizados. Nesse sentido, o setor de serviços poderia ser mal interpretado por conta de uma subestimação do seu produto combinada à superestimação da tendência dos seus preços que levariam à subestimação de sua produtividade.

Os modelos de crescimento multissetoriais buscam explicações para as diferentes trajetórias de desenvolvimento sob a hipótese dos três setores através da elaboração de modelos matemáticos. Alguns desses modelos, com base na teoria do crescimento neoclássica, admitem uma taxa de progresso técnico exogenamente

determinada e preferências não homotéticas³ como fatores cruciais para explicar as mudanças setoriais. Trabalhos como o modelo desenvolvido por Echevarria (1997)⁴, mostram haver uma relação de determinação mútua entre o crescimento agregado e a composição setorial, fazendo com que ao longo do tempo todos os setores da economia cresçam em termos absolutos, mas suas participações mudem, uma vez que o setor dominante – não necessariamente o que apresenta os mais elevados níveis de progresso tecnológico exógeno – predomina sobre os demais.

Já os modelos multissetoriais de crescimento endógeno buscam suprir o que consideram uma deficiência dos modelos anteriores – que tratam do fator tecnológico como exogenamente dado – embora muitos deles não fiquem restritos a apenas três setores. Nessa linha, para Acemoglu e Guerrieri (2006), a mudança estrutural seria explicada por fatores do lado da oferta (*supply-side*) como as diferentes proporções no uso dos fatores e a intensidade de capital, levando ao aumento relativo do produto do setor mais intensivo, e ao mesmo tempo à realocação do capital e do fator trabalho entre os setores. Os autores do demand-side, como Foellmi and Zweimuller (2002), acreditam que a introdução de novos produtos levaria a expansão do consumo dentro de uma hierarquia de necessidades e, dada as diferentes elasticidades-renda da demanda, a mudança estrutural ocorreria impulsionada pela alteração dessa demanda.

Uma terceira visão a respeito das razões para a expansão do setor de serviços estaria relacionada com a alteração na divisão interindustrial do emprego, através da externalização dos serviços e de outras atividades do processo produtivo que não estariam diretamente ligadas ao negócio principal da empresa. Esse processo gerou muitas mudanças dentro do setor terciário, criando e intensificando a relação entre indústria e serviços, uma vez que muitas atividades foram criadas ou mudaram suas características ao se tornarem fornecedoras de insumos para o setor secundário. Para Oulton (1999) a realocação do fator trabalho na direção do setor de serviços, e não do terciário para a indústria, se daria por conta de uma resposta às oportunidades de lucratividade. Para o autor, os ganhos com o outsourcing poderiam vir do aumento

³ Segundo Varian (1992), quando as preferências são homotéticas, a participação do setor no todo depende apenas dos preços relativos e não do nível de renda.

⁴ O modelo assume que o fator trabalho é constante, mas as quantidades consumidas e o progresso tecnológico crescem a taxas diferentes entre os setores.

da eficiência, uma vez que, nesse processo, os profissionais e o trabalho executado poderiam ser os mesmos, mas a organização do trabalho e a administração do tempo seriam diferentes; ou ainda da redução de custos já que os salários pagos na nova empresa de serviços poderiam ser menores⁵. É importante ressaltar que o processo de externalização das atividades aumenta a dificuldade de separação, classificação e mensuração do produto e da mão de obra do setor de serviços uma vez que é possível que uma mesma atividade seja realizada dentro de uma empresa manufatureira ou por uma empresa prestadora de serviços.

A discussão sobre as causas e os fatores impulsionadores da mudança estrutural e, nessa nova fase, da expansão dos serviços em detrimento à indústria, evoluiu ao longo do tempo, reconhecendo que os elementos do lado da oferta, da demanda e da reestruturação industrial se misturam, podendo ocorrer de forma simultânea. Sendo assim, Dunning (1989) junta todos os elementos e explica o crescimento da participação dos serviços no PIB a partir de seis tendências: i) a elevada elasticidade-renda por serviços de consumo, relacionada à elevação da renda *per capita*; ii) elevação da participação dos serviços no consumo intermediário; iii) tendência à terceirização; iv) necessidade de elevação do valor adicionado da produção física através da incorporação de serviços de marketing, distribuição, manutenção, pós-venda e assistência, bem como o incentivo à produção de serviços intermediários (educação e telecomunicações), finais (saúde) e de funções do governo (segurança social, cobrança de impostos); v) crescimento dos serviços financeiros, seguros e transportes a fim de gerar maior eficiência para a economia; e vi) habilidade do terciário em criar novos produtos e mercados.

Independentemente das razões para a expansão da participação do setor de serviços nas economias, é preciso considerar que, ao contrário da indústria e da agropecuária, o setor é composto por diversos serviços muito diferentes entre si e das demais atividades, em especial no que se refere à sua dinâmica, à geração de valor, de empregos e à produtividade. Sendo assim, para melhor caracterizarmos a mudança estrutural, faz-se necessária a análise do setor de serviços de forma mais detalhada,

⁵ Esta análise não poderia ser aplicada a modelos que supõem salários iguais para trabalhos iguais, independente da empresa em que são realizados.

buscando compreender a sua composição e evolução ao longo do tempo. Essa caracterização passa pela discussão sobre as várias classificações propostas para as atividades econômicas em geral e para as atividades internamente ao setor de serviços, tratadas a seguir.

1.2. Conceituação e classificações dos serviços

Apesar da extensa discussão teórica sobre a importância dos serviços e dos fatores que levam à sua expansão, é preciso destacar que o setor é constituído de uma grande variedade de atividades muito diferentes entre si. Essa heterogeneidade resulta não apenas da própria diversificação destas atividades ao longo do tempo, mas principalmente de um processo de classificação residual e exclusivo, que considera como serviço tudo aquilo que não é agropecuária ou indústria. Sendo assim, a análise mais precisa do setor de serviços passa pela necessidade de compreensão do seu conceito e das diversas propostas de classificação das atividades que o compõem.

Tradicionalmente, o conceito de serviços foi criado de forma negativa, pela contraposição à ideia de bens físicos, sendo considerados bens: a) intangíveis; b) heterogêneos; c) cuja produção, distribuição e consumo necessitam ocorrer simultaneamente; d) que constituem uma atividade ou um processo; e) em que o valor principal é produzido na interação entre comprador e vendedor; f) não pode ser mantido em estoque; g) necessitam da participação do cliente e; h) não ocorre transferência de propriedade (Gronroos, 1995).

Porém, essa definição de serviço precisa ser constantemente reavaliada, levando-se em consideração as constantes transformações ocorridas nas últimas décadas em especial no que se refere à incorporação dos avanços tecnológicos nos diversos setores. Segundo Melo (1997), grande parte das mudanças que atingiram e transformaram as atividades de serviços estão relacionadas à terceira revolução industrial e à introdução de um novo paradigma econômico-tecnológico, motivando a reestruturação industrial, elevando os ganhos de produtividade e a globalização das atividades econômicas, tanto produtivas quanto financeiras, acompanhada da grande

expansão do comércio mundial. Mais especificamente, as mudanças tecnológicas que afetaram o setor de serviços transformaram as atividades, fazendo com que algumas delas perdessem as características que tradicionalmente definiam o setor⁶.

Dessa forma, Kon (2004) define serviços como as atividades que produzem utilidade intangível relativa ao tempo, lugar, forma e benefícios psicológicos, atendendo as necessidades pessoais ou facilitando a produção e distribuição de bens. Da mesma forma, para Bryson (2004) defende que os serviços são as atividades que demandam algum tipo de interação entre o produtor (prestador) e o consumidor, tendo como resultado final, não a produção de algo material, mas sim a transformação de algo físico pré-existente, a viabilização do consumo de algum bem material ou a transformação do estado psicológico do cliente, contribuindo para sua satisfação e bem-estar. Por isso, a prestação do serviço possui um item essencial, porém de difícil mensuração, que é o valor adicionado pelo fator humano, na forma de qualificação, experiência, habilidade e outras competências pessoais que influenciam de forma determinante a qualidade, mais do que a quantidade, do produto final.

Com relação à classificação, na literatura tradicional, o setor de serviços ainda é comumente designado como “terciário”, “residual” ou “pós-industrial”, sempre em referência à agropecuária e à manufatura. O termo “terciário” foi cunhado por Fisher em 1935, em referência a visão de que os serviços eram atividades menos relevantes ocupando, em relação às demais, um terceiro grau de importância. Clarke em 1940 chamou o setor de “residual”, seguindo a mesma ideia das atividades que não pertenciam à agricultura e à manufatura, estendendo essa visão à mensuração do seu produto, entendido como o resíduo após a agregação do produto dos dois outros setores. Já a classificação de “pós-industrial” foi criada por Bell⁷ em 1973 para designar uma economia em que o setor de serviços seria dominante.

⁶ A possibilidade de armazenar os serviços (através de gravações) permitindo seu consumo a qualquer hora eliminou a não estocabilidade e a intangibilidade. Os serviços prestados por máquinas e autosserviços fazem com que não seja mais necessário o quesito da pessoalidade, também dispensada no caso de atendimentos telefônicos de suporte quando o serviço é prestado a cada momento por um funcionário diferente e assim, impessoal.

⁷ Riddle (1986) criticou a classificação de Bell argumentando que o termo “pós-industrial” passaria a ideia de que a indústria de serviços surgiu apenas após a manufatura e ainda que o crescimento dos serviços seria dependente do crescimento da manufatura.

Observando o fator trabalho, Wolfe (1955) faz a separação de acordo com o fator de produção que garante o crescimento do setor – os fatores naturais, mecânicos e as habilidades humanas – e que seriam, portanto os responsáveis pela limitação do crescimento da produtividade do trabalho de cada setor. Já o critério de Fourastié (1949/69) está relacionado com o progresso tecnológico, traduzido no aumento da taxa de produtividade do trabalho, sendo as atividades de média taxa de progresso tecnológico pertencentes ao setor primário, as de alta taxa ao secundário e o restante das atividades, aquelas com as mais baixas taxas de progresso tecnológico, pertencendo ao setor terciário. Por fim, Sabolo (1975) faz a separação entre primário e não primário, sendo que no primeiro estão as atividades relacionadas à agricultura, criação de gado e pesca; e no segundo, aquelas de alto uso de capital e qualificação (transporte, mineração e manufatura), baixo uso de capital e qualificação (comércio) e baixo uso de capital e alto uso de qualificação (financeiros).

Olhando especificamente para o setor de serviços, algumas classificações foram propostas, tomando como base a função do serviço e o propósito do consumo. De forma simplificada, a classificação desenvolvida por Singer⁸ toma como base o consumo, agrupando as atividades em: serviços às empresas, de consumo coletivo e de consumo individual (Kon, 1999). Em relação à função do serviço, as classificações mais usuais são a da ONU (1968) e a de Browning e Singelman (1975). A primeira separa as atividades dentro do setor de serviços em: 1) comércio, alojamento e alimentação; 2) transportes e comunicação 3) atividades financeiras, bens imóveis e serviços às empresas; 3) serviços comunitários, sociais e pessoais. A segunda classificação agrupa as atividades em: serviços distributivos (transporte, comunicação e comércio); serviços às empresas (financeiros e profissionais); serviços sociais (saúde, educação e defesa) e serviços pessoais (domésticos, hotéis, restaurantes e lazer), valendo destacar que nessa classificação, os serviços de utilidade pública estão dentro do setor secundário (Silva, 2009).

⁸ Segundo Kon (1999) houve uma tentativa no Brasil de implementar e trabalhar os dados de acordo com essa classificação, que segundo a autora, consegue captar melhor os aspectos da relação produtor e consumidor, porém, como na maioria dos casos, o insucesso deveu-se à falta de informações com essa desagregação

Outras classificações menos usuais ainda são encontradas na literatura como a de Foote e Hatt (1953), que agrupa as atividades em: terciário (restaurantes, hotéis, reparação e manutenção, e lavanderia); quaternário (transporte, comunicação, comércio e financeiros); quinário (saúde, educação e recreação). Katouzian (1970) desenvolveu a classificação, posteriormente alterada e utilizada por Singelmann (1978), Castells (1996) e Elfring (1988,1989), que agrega os serviços em quatro grandes grupos: os serviços de distribuição, insumos para produção e serviços remanescentes, que englobam os serviços sociais e os serviços pessoais. O trabalho de Freeman e Schettkat (1999) agrupa as atividades de acordo a ocupação propriamente dita, independente de onde são realizadas, capturando melhor o fenômeno da terceirização, ou seja, mostra que muitos trabalhadores realizam atividades serviços dentro da indústria enquanto outros, no setor de serviços realizam atividade relacionada à produção.

Uma abordagem contemporânea agrupa os serviços de acordo com suas características do lado da oferta ou da demanda, de acordo com aquilo que se deseja analisar. Olhando para as características da oferta, alguns autores consideram como atividades de serviço todas aquelas que têm como característica principal o fluxo, a variedade e o fato de serem intensivas em recursos humanos. O fluxo se refere à simultaneidade na sua realização, no tempo e no espaço, motivado pela solicitação do cliente, fazendo com que o serviço adquira as propriedades de inestocabilidade (e assim considerado *non-tradable*) e intangibilidade, tornando seu resultado de difícil mensuração. A variedade faz referência à diversidade de técnicas produtivas e formas de prestação do serviço levando conseqüentemente à diferenças no total e nas margens de lucro das empresas. O uso intensivo do fator trabalho permanece uma das características principais do setor, mesmo com os avanços no progresso tecnológico. Já a análise pelo lado da demanda, ou seja, o destino final, os serviços são classificados como serviços finais ou de consumo e intermediários ou produtivos (Meirelles, 2006).

Nusbaumer (1987) propõe critérios diferentes de classificação, olhando para os serviços de acordo com suas funções econômicas (ex: financeira, comércio e

transporte); pelo tipo de utilidade que o serviço é capaz de fornecer, e nesse caso sendo uma subcategoria da classificação pela função consumo (ex: conforto, segurança e mobilidade) ou ainda de acordo com os diversos tipos de conhecimento necessários para sua produção (ex: legislativo, econômico e médico). Kon (1999) cita a classificação de acordo com o papel dos serviços no processo produtivo, como um insumo, separando-os em primários, intermediários e finais. Os serviços primários seriam os mais elementares e menos qualificados, que apresentam maior capacidade de realocação da mão de obra entre atividades uma vez que desempenham funções de ligação. Os serviços intermediários resultam da utilização em sua produção dos fatores capital, trabalho e capital físico, caracterizando, portanto, atividades mais complexas envolvendo a coleta e aplicação de dados na forma de informação. Por fim, os serviços finais seriam aqueles que utilizariam essas informações como matéria-prima, mas em seu processo, necessitariam de um grau mais elaborado no processamento e manipulação dessas informações adaptando-as aos fornecedores de serviços.

Meirelles (2006), a partir de seu entendimento do serviço com um trabalho em processo que garante a reprodução do capital aplicado no setor tornando, portanto essas atividades parte integrante do sistema econômico, propõe uma classificação de acordo com a sua inserção no processo econômico, separando-os em: processo de trabalho puro, processo de transformação, processo de troca e circulação. O serviço puro estaria relacionado com a realização de um trabalho único e exclusivo resultando no próprio trabalho e não necessariamente em um produto, como é o caso do serviço doméstico, de lazer e entretenimento e de P&D. Já o serviço de transformação seria aquele que tem como objetivo transformar insumos em produto, sendo os serviços decorrentes do processo de terceirização os maiores exemplos. Por fim, o serviço de troca e circulação, como o próprio nome diz, teria a função de realizar a troca e a circulação de bens tangíveis e intangíveis e de pessoas, tendo como exemplos os serviços financeiros, comerciais, de transporte e de distribuição de energia elétrica.

Entre as classificações que tentam incorporar a relação entre produtor e cliente no fornecimento do serviço, a mais usual seria a divisão entre serviços ao consumidor final e serviços às empresas, na forma de insumos ao processo produtivo,

através das atividades financeiras, legais, administração geral, inovação, desenvolvimento, planejamento, administração de pessoal, tecnologia da produção, manutenção, transportes, comunicação, distribuição atacadista, publicidade e vendas. Marshall (1988) destaca a interdependência entre a produção de bens e serviços, inclusive no caso dos serviços para o consumidor final, uma vez que dependem de produtos manufaturados e da infraestrutura para que possam ser realizados. Nesse sentido, o autor toma como base o International Standard Industrial Classification (ISIC)⁹ e separa os serviços às empresas entre: serviços de processamento de informação (envolve desde atividades de P&D até atividades bancárias); serviços relacionados à bens (que vão de distribuição de produtos à manutenção e reparação) e serviços de apoio ao pessoal (saúde e acomodações). O autor ainda define subcategorias¹⁰, separando esses serviços em: serviços produzidos por firmas para seu próprio uso (oferta internalizada); serviços produzidos por firmas para outras firmas (fornecedores especialistas); serviços produzidos por firmas para atender a demanda intermediária e a final (atividades mistas de serviços).

Porém, vale destacar que os esforços de classificação das atividades de serviços muitas vezes ignoram a sua forte relação com os demais setores da economia, especialmente no caso dos serviços prestados às empresas. Tendo essa discussão como base, algumas novas propostas de classificação assumem o processo produtivo como uma interação entre oferta e demanda, classificando as diversas atividades de acordo com seu papel funcional de: manufatura (uso e processamento de recursos naturais além de construção e engenharia civil), circulação (atividades intermediárias e de fluxo de pessoas, produtos, informações e financeiros), distribuição (fornecedores de bens e serviços aos consumidores finais) e regulação (asseguram a operação do sistema produtivo através de regulação, monitoramento e manutenção). Essa classificação modifica toda a estrutura tradicional de agregação dos setores, buscando

⁹Classificação da Organização das Nações Unidas (ONU). Embora essa classificação possa se mostrar problemática para o caso dos serviços, uma vez que foi desenvolvida tomando como base as características da atividade industrial, ela resume as mudanças de classificação ao longo do tempo evidenciando, no caso da passagem da revisão 3 para a 4, o aumento do detalhamento no setor de serviços.

¹⁰ Nesse caso, a classificação seria feita utilizando a Matriz Insumo-Produto, que permitiria determinar se o serviço seria predominantemente intermediário ou final.

incorporar as transformações ocorridas nas atividades e na relação entre elas (Kon, 1999).

Este capítulo teve como objetivo apresentar brevemente a discussão sobre a mudança estrutural e a expansão do setor de serviços, destacando a importância da análise desagregada deste conjunto de atividades tão distintas entre si, mas que são agrupadas sob a mesma nomenclatura, denominadas como setor de serviços ou terciário. As diferentes classificações apresentadas foram propostas de acordo com o objetivo do trabalho de seus autores mostrando que, diferentemente da agropecuária e da indústria, existem diversas formas de se analisar o setor de serviços dentro de uma economia. Nos próximos capítulos analisamos detalhadamente o setor de serviços brasileiro a partir de uma proposta de agrupamento das atividades¹¹ com o objetivo de caracterizar e melhor compreender a dinâmica do setor bem como a sua relação com a indústria, esperando assim contribuir para as discussões sobre a mudança estrutural e o desenvolvimento da economia brasileira.

¹¹ A proposta deste trabalho se baseia no agrupamento das atividades dentro do setor de serviços partindo de uma classificação previamente definida e utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na elaboração das bases de dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS) e do Sistema de Contas Nacionais (SCN).

2. Análise do setor de serviços a partir das Contas Nacionais

Neste capítulo, trabalhamos com os dados do Sistema de Contas Nacionais (SCN) para os anos de 2000, 2005 e 2009. Inicialmente, foi feita uma análise geral, considerando os três setores da economia e em seguida, olhamos mais especificamente para os serviços. Como dito anteriormente, além de trabalharmos com os dados no formato em que são disponibilizados, também propomos o agrupamento das diferentes atividades dentro do setor de serviços, de acordo com suas características comuns, com o objetivo de captar de forma mais precisa a sua dinâmica e as suas relações com a agropecuária e a indústria.

O capítulo se inicia com a apresentação da base de dados e da metodologia utilizada. Na segunda parte é feita a análise geral dos três setores para os anos de 2000 e 2005. Em seguida, apresentamos a proposta de agregação juntamente com os resultados obtidos a partir dela e por fim, a última parte traz novamente uma análise geral e por grupos, referente aos dados do ano de 2009, trabalhados separadamente por serem valores estimados.

2.1. Metodologia e dados das Contas Nacionais

Wassily Leontief (prêmio Nobel em 1973) desenvolveu a Análise Insumo-Produto, também chamada de modelo de Leontief, através de uma matriz que mostra a relação entre os diferentes setores da economia. No Brasil, desde a década de 1970, a produção e divulgação da Matriz Insumo-Produto é responsabilidade do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que, a partir de 1990, realizou as modificações necessárias – de acordo com as recomendações da última revisão do manual das Nações Unidas de 1993 – compatibilizando as estatísticas ao padrão internacional. Usualmente, a Matriz Insumo-Produto é definida como uma matriz de coeficientes técnicos de produção, ou seja, um conjunto de coeficientes (calculados a partir do consumo intermediário entre as atividades) que mostram o quanto uma determinada

atividade demanda¹² das demais para produzir uma unidade monetária do seu produto. Sendo assim, a Matriz também reflete o nível tecnológico de uma economia, na medida em que podemos visualizar as proporções e relações produtivas de cada atividade ou setor.

A Matriz de coeficientes técnicos (matriz A) é obtida a partir das matrizes de uso (matriz U) e de produção (matriz V) das Tabelas de Recursos e Usos (TRU). A matriz A serve então de base para a elaboração da matriz inversa de Leontief $(I - A)^{-1}$, utilizada no cálculo dos multiplicadores bem como para a simulação de choques e verificação de impactos nos diversos setores e na economia como um todo. A tabela de recursos¹³ (tabela V ou matriz de produção) relaciona os setores (linhas) com os produtos (colunas), mostrando como se dá a distribuição da produção de cada insumo entre os setores produtivos. Já a tabela de usos¹⁴ (tabela U) relaciona os produtos (linhas) com os setores (colunas), ou seja, mostra o valor que cada setor demanda de insumos para sua produção. Além dos setores e produtos, a tabela de usos também traz desagregados nas colunas os componentes da demanda final¹⁵ da economia.

Para os anos de 2000 e 2005, os dados foram obtidos diretamente das tabelas disponibilizadas pelo IBGE, desagregados em 55 setores e 110 produtos. Para o ano de 2009, por não termos até o momento da realização deste trabalho a Matriz Insumo-Produto oficial, esta foi estimada a partir da TRU, desagregada em 56 setores¹⁶ e 110 produtos. Inicialmente, consideramos a divisão das atividades produtivas em três grandes grupos: agropecuária, indústria e serviços. A agropecuária contempla as atividades de agricultura, silvicultura e exploração florestal; e pecuária e pesca. A indústria é composta pelas atividades extrativa, manufatura, SIUP¹⁷ e construção civil. Já os serviços se constituem das atividades de comércio; transporte, armazenagem e

¹² As matrizes consideram apenas a produção nacional, não incluindo produtos importados.

¹³ A tabela de recursos utilizada neste trabalho é na verdade a transposta da tabela de recursos disponibilizada pelo IBGE.

¹⁴ As tabelas de recursos e usos são disponibilizadas a preços os básicos, livres de impostos, subsídios e margens de comércio e transporte.

¹⁵ Os componentes da demanda final são: exportação de bens, exportação de serviços, consumo da administração pública, consumo das ISFLSF (Instituições sem fins lucrativos a serviço das famílias), consumo das famílias, formação bruta de capital fixo e variação de estoques.

¹⁶ A diferença na agregação dos setores entre os anos de 2000 e 2005 para o ano de 2009 está no setor de serviços, mais especificamente no fato de que a atividade chamada de “outros serviços” nos anos de 2000 e 2005, em 2009 encontra-se aberta entre “serviços prestados às famílias e associativas” e “serviços domésticos”.

¹⁷ SIUP: serviços industriais de utilidade pública.

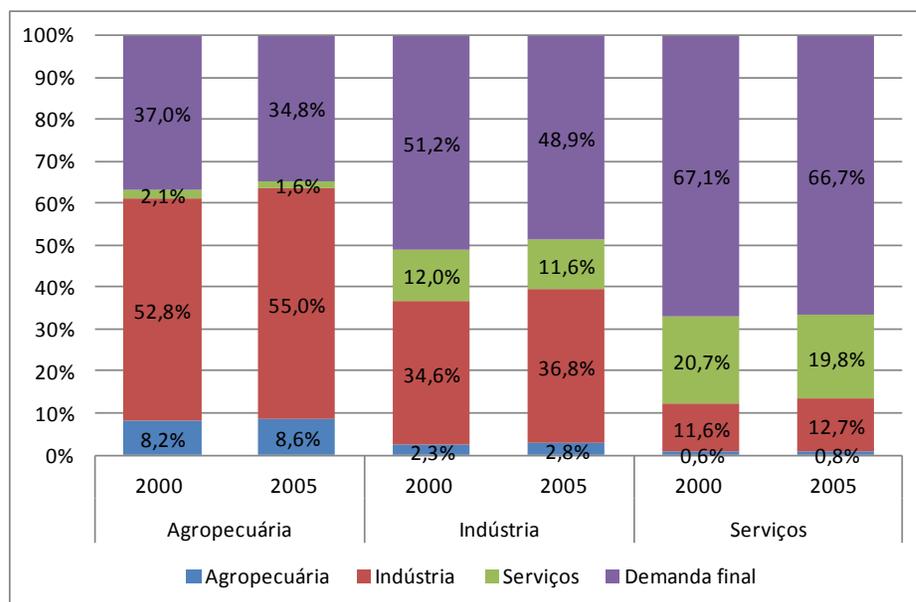
correio; serviços de informação; intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados; atividades imobiliárias e aluguéis; serviços de manutenção e reparação; serviços de alojamento e alimentação; serviços prestados às empresas; educação mercantil; saúde mercantil; outros serviços (para as matrizes de 2000 e 2005); serviços prestados às famílias e associativas; serviços domésticos (para a matriz de 2009); educação pública; saúde pública; e administração pública e seguridade social.

2.2. Análise das Contas Nacionais para os anos de 2000 e 2005

As informações disponibilizadas pelo Sistema de Contas Nacionais nos permitem observar a relação entre os setores, atividades e demais agentes da economia. Analisando a demanda total¹⁸ por produtos e serviços, observamos no gráfico 1 que a maior parte da produção da agropecuária é demandada pelo setor industrial, com elevação entre os dois períodos, passando de 52,8% em 2000 para 55% em 2005. O restante fica com a demanda final, que apresentou ligeira queda de 37% em 2000 para 34,8% em 2005; seguida pela demanda da própria agropecuária que passou de 8,2% para 8,6%, e a do setor de serviços, com redução de 2,1% em 2000 para 1,6% em 2005. Com relação à indústria, a maior parte da sua produção fica com a demanda final, sendo de 51,2% em 2000 com pequena redução em 2005, passando para 48,9%. A demanda intrassetorial respondeu por 34,6% do valor produzido em 2000, aumentando para 36,8% em 2005. O restante da produção ficou com o setor de serviços, caindo de 12% para 11,6%, e com a agropecuária, que elevou sua participação de 2,3% para 2,8% entre 2000 e 2005. Os serviços, mais do que os outros dois setores, são muito dependentes da demanda final que em 2000 apresentou participação de 67,1%, com pequena redução para 66,7% em 2005. A segunda maior participação na demanda fica com as atividades do próprio setor, passando de 20,7% para 19,8% em 2005, sendo seguida pela indústria com 11,6% e 12,7%, e a agropecuária com 0,6% e 0,8% entre os anos de 2000 e 2005.

¹⁸ Considerando a demanda por produtos como a somatória do consumo intermediário e da demanda final.

Gráfico 1 – Participação dos setores na demanda por produtos, em percentual – 2000 e 2005



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2000 e 2005.

Analisando mais detalhadamente o setor de serviços, os dados das tabelas 1 e 2 mostram que, entre os componentes da demanda final, o “consumo das famílias” apresenta-se como principal demandante da maior parte das atividades de serviço. A exceção fica por conta dos serviços de informação e dos serviços prestados às empresas que têm como principal demandante o próprio setor de serviços. A participação da demanda intrassetorial pelos serviços de informação passou de 62,3% em 2000 para 58,3% em 2005 e pelos serviços prestados às empresas de 60% para 57%. Observamos ainda que, de forma geral, os serviços são pouco demandados pela agropecuária, sendo mais significativos para a indústria, com destaque para os serviços de transporte, armazenagem e correio, cuja participação na demanda foi de 30,3% para 33,2% em 2005; para o comércio (23% para 25%) e para serviços prestados às empresas (24,1% para 24,5%).

Tabela 1 – Participação dos setores na demanda pelas atividades de serviços, em percentual – 2000

	Agropecuária	Indústria	Serviços	Demanda final
Comércio	2,0%	23,0%	13,7%	61,3%
Transporte, armazenagem e correio	2,4%	30,3%	24,9%	42,4%
Serviços de informação	0,3%	12,8%	62,3%	24,6%
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados	0,7%	16,9%	37,0%	45,4%
Atividades imobiliárias e aluguéis	0,0%	2,2%	9,3%	88,5%
Serviços de manutenção e reparação	0,2%	5,8%	36,8%	57,3%
Serviços de alojamento e alimentação	0,0%	3,7%	17,7%	78,7%
Serviços prestados às empresas	0,0%	24,1%	60,0%	15,8%
Educação mercantil	0,0%	0,8%	6,2%	93,0%
Saúde mercantil	0,0%	0,8%	2,1%	97,1%
Outros serviços	0,3%	4,7%	10,9%	84,1%
Educação pública	0,0%	0,1%	0,2%	99,7%
Saúde pública	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Administração pública e seguridade social	0,1%	1,5%	2,2%	96,3%

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2000.

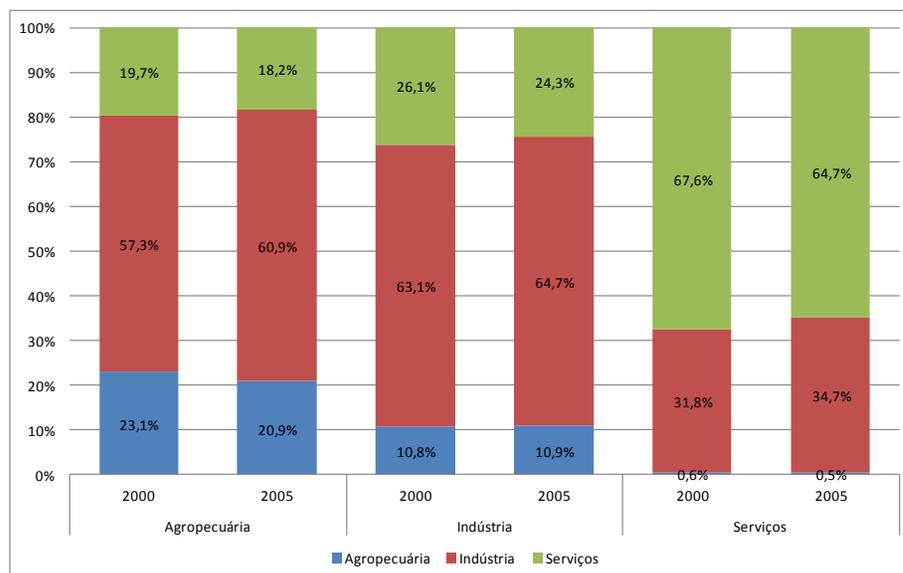
Tabela 2 – Participação dos setores na demanda pelas atividades de serviços, em percentual – 2005

	Agropecuária	Indústria	Serviços	Demanda final
Comércio	2,4%	24,9%	12,6%	60,1%
Transporte, armazenagem e correio	2,2%	33,2%	25,7%	38,8%
Serviços de informação	0,4%	14,2%	58,3%	27,2%
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados	1,1%	15,6%	35,3%	48,1%
Atividades imobiliárias e aluguéis	0,1%	3,1%	9,9%	86,9%
Serviços de manutenção e reparação	0,1%	4,5%	37,0%	58,4%
Serviços de alojamento e alimentação	0,0%	3,6%	16,0%	80,3%
Serviços prestados às empresas	0,0%	24,5%	56,7%	18,7%
Educação mercantil	0,0%	1,0%	6,2%	92,7%
Saúde mercantil	0,1%	1,0%	1,9%	97,1%
Outros serviços	0,3%	4,6%	8,8%	86,3%
Educação pública	0,0%	0,1%	0,2%	99,7%
Saúde pública	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Administração pública e seguridade social	0,0%	1,3%	1,6%	97,1%

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2005.

A parte da demanda total que não é destinada ao consumo final, permanecendo assim na esfera produtiva, é chamada de consumo intermediário (CI) e sua análise nos permite observar as relações entre os setores e atividades na forma de fornecimento de insumos e encadeamento produtivo. Em ambos os períodos, a indústria se destaca como a maior consumidora de insumos, com participação de 56,8% em 2000 e 60% em 2005, seguida pelo setor de serviços, que perdeu participação de 39,1% em 2000 para 35,1% em 2005; e então pela agropecuária, que apresentou pequena elevação no período considerado, passando de 4,1% para 4,9%. Como mostra o gráfico 2, mais da metade do consumo intermediário do setor agropecuário é por produtos vindos da indústria. Entre 2000 e 2005, essa participação aumentou de 57,3% para 60,9% enquanto o consumo de produtos do próprio setor e do setor de serviços apresentou queda de 23,1% para 20,9% e de 19,7% para 18,2%, respectivamente. O consumo intermediário da indústria é, em grande medida, intrassetorial, sendo de 63,1% em 2000 e 64,7% em 2005. Os serviços aparecem em seguida com queda de participação de 26,1% para 24,3% em 2005 e a agropecuária, com pequena elevação, de 10,8% para 10,9%. O setor de serviços também possui a maior parte do seu consumo intermediário concentrada internamente, embora tenha sido observada uma queda de participação de 67,6% em 2000 para 64,7% em 2005. Nesse período, a participação dos produtos industriais elevou-se de 31,8% para 34,7% enquanto a dos produtos de origem agropecuária manteve-se pequena, passando de 0,6% para 0,5% em 2005.

Gráfico 2 – Participação dos setores no consumo intermediário, em percentual – 2000 e 2005



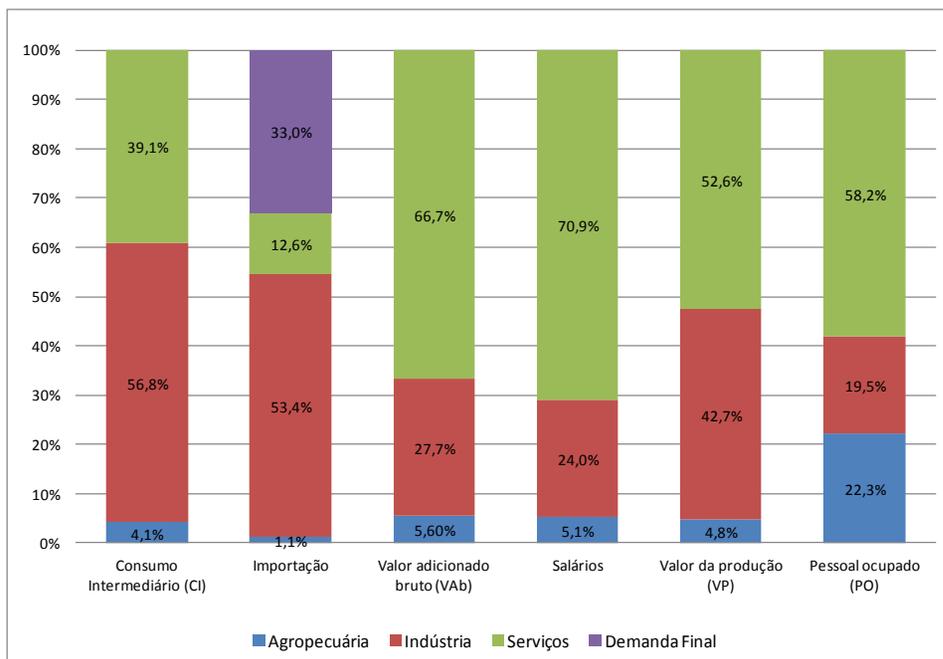
Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2000 e 2005.

O setor de serviços apresenta-se como o maior responsável pelo valor da produção em ambos os períodos, embora tenha perdido participação de 52,6% para 49,4% em 2005, quando a indústria cresceu de 42,7% para 45,5% e a agropecuária de 4,8% para 5,1%. Analisando as importações¹⁹, percebemos que a participação dos serviços permaneceu baixa em relação aos demais setores, em torno de 12,6% e 12,7% em 2000 e 2005, respectivamente. A indústria é o setor que mais importa, elevando sua participação de 53,4% em 2000 para 58,3% em 2005. Como a agropecuária manteve sua participação estável em aproximadamente 1%, a demanda final, que em 2000 era responsável por 33% das importações, perdeu participação passando a responder por 28% em 2005. Os serviços se destacam novamente na geração do valor adicionado bruto, como mostrado nos gráficos 3 e 4, embora tenham apresentado uma pequena queda de participação, passando de 66,7% em 2000 para 65% em 2005. Como mais uma vez a agropecuária praticamente manteve o mesmo

¹⁹ As Contas Nacionais disponibilizam uma matriz de importação, relacionando os setores e a demanda final com os produtos importados, porém ela não foi analisada neste trabalho, sendo considerados apenas os totais por setor.

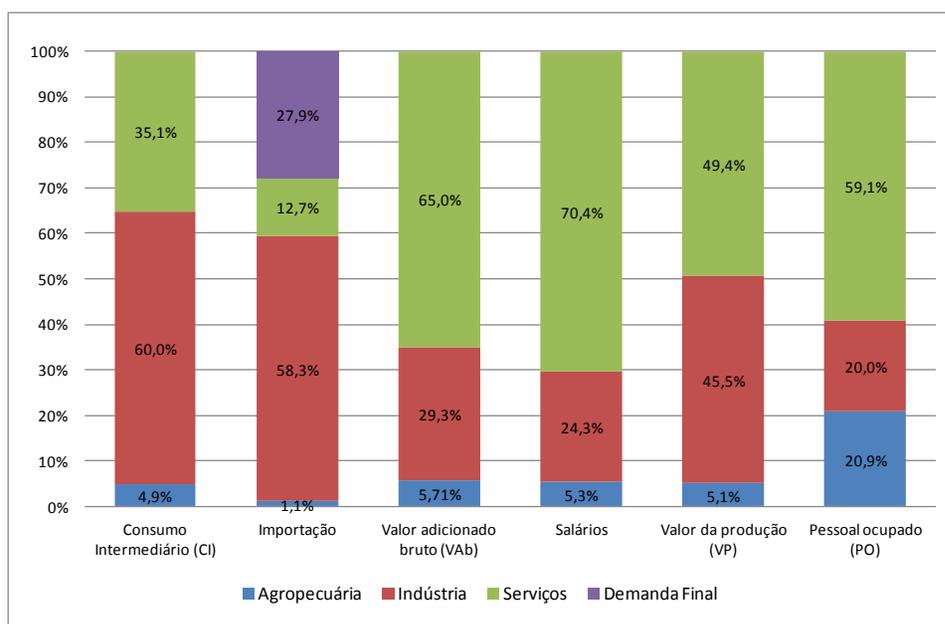
percentual nos dois períodos, a indústria foi o setor que ganhou participação, passando de 27,7% para 29,3% do VAb em 2005.

Gráfico 3 – Participação dos setores no CI, importação, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2000



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2000.

Gráfico 4 – Participação dos setores no CI, importação, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2005



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2005.

Os serviços também assumem a liderança quando observamos os salários pagos no ano. Em 2000, 70,9% da massa de salários teve origem no setor, contra 24% da indústria e 5,1% da agropecuária. Em 2005 as participações não sofreram grandes alterações, sendo que a agropecuária manteve o percentual de 5,1% ficando os serviços com 70,4% e a indústria com 24,3%. Isso ocorre, em parte, por conta da concentração do pessoal ocupado no setor de serviços. Entre 2000 e 2005, o total de pessoas ocupadas nos três setores cresceu 15%, passando de 78,9 para 90,9 milhões. Os serviços responderam por aproximadamente 58,2% do total de empregos em 2000, o equivalente a 46 milhões de pessoas, elevando essa participação para 59,1% em 2005, chegando a 53,7 milhões de empregados. A indústria também apresentou pequena elevação na participação, passando de 19,5% (15,4 milhões) para 20% (18,2 milhões) enquanto a agropecuária caiu de 22,3% (17,6 milhões) para 20,9% (19 milhões).

A partir dessas informações, é possível fazer uma estimativa da produtividade do trabalho nos três setores, considerando o VA bruto anual por trabalhador. Vale destacar que existe uma discussão com relação à possibilidade, à

necessidade e às formas de medir a produtividade do setor de serviços, uma vez que, para a grande maioria das atividades, a forma tradicional de mensuração, com base nos parâmetros da indústria, acaba não fazendo sentido. Reconhecemos a importância da discussão, mas ela encontra-se fora do escopo deste trabalho por conta da grande especificidade e complexidade do tema. Para a análise comparativa realizada com os dados tanto das Contas Nacionais quanto da PAS, adotamos a mesma forma de mensuração para todos os setores e atividades.

A indústria é o setor com a maior produtividade da economia, sendo seguido pelos serviços e então pela agropecuária. Em termos de proporção, no ano de 2000, o setor de serviços atingiu 83,3% da produtividade da indústria e a agropecuária apenas 16,6%. Já em 2005, os serviços reduziram esse percentual, passando para 73,3% enquanto o setor agropecuário apresentou elevação de sua produtividade para 20% da observada na indústria naquele mesmo ano. Porém, em relação ao salário médio, a diferença entre a indústria e o setor de serviços já não é tão marcada. Em 2000 o salário médio dos serviços foi equivalente a 99,1% do salário industrial e o da agropecuária 18,7%. Em 2005 observamos, assim como no caso da produtividade, uma queda nessa relação, com o salário médio dos serviços equivalendo a 98% do valor pago pela indústria enquanto a agropecuária passou para 21%.

Até agora nos concentramos na análise comparativa entre os três grandes setores da economia de forma agregada. Porém, considerando toda a discussão teórica apresentada no primeiro capítulo, faz-se necessário incorporar o papel da grande heterogeneidade entre as atividades alocadas dentro do setor de serviços. Este trabalho não se propõe criar uma nova classificação para as atividades originalmente chamadas de serviços uma vez que partimos de bases de dados organizadas de acordo com uma classificação oficial preestabelecida pelo IBGE. Neste trabalho, propõe-se, mais especificamente, o agrupamento das atividades dentro do setor de serviços que apresentam características comuns, de forma que seja possível analisá-las com maior precisão, levando em consideração suas especificidades e diferenças. Ao final, esperamos que essa nova agregação facilite a compreensão da dinâmica e da

relação dos diversos grupos entre si, destacando aqueles que apresentaram alteração em sua participação ao longo do tempo.

2.2.1. Uma proposta de agregação para as atividades de serviço nas Contas Nacionais

Tradicionalmente, o setor de serviços é visto como uma categoria residual, composto por atividades que geram muitos empregos de baixa qualificação e baixos salários, com pequena possibilidade de incrementos de produtividade (dada a sua natureza intensiva em mão de obra) além de menor capacidade de incorporação de progresso técnico e aproveitamento das economias de escala. A proposta de agrupamento das atividades passa por uma tentativa de mostrar que o setor evoluiu muito ao longo do tempo e que hoje nem todos os serviços apresentam essas características ou respondem a essa dinâmica. Ao propor este agrupamento, a intenção é separar as atividades que possuem características e dinâmicas distintas, em especial no que se refere à produtividade do trabalho, salários, capacidade de geração de valor e empregos.

A proposta de agregação, baseada nas características comuns dos diferentes serviços, assume a seguinte estrutura: i) comércio; ii) serviços de transporte e manutenção; iii) serviços empresariais; iv) serviços financeiros; v) serviços pessoais e vi) serviços do governo. Mantivemos o comércio como categoria separada pela sua grande participação dentro do setor, além de caracterizar-se como uma atividade de suporte e assim, com baixa autonomia. Na categoria “serviços de transporte e manutenção” foram agregadas as atividades originalmente chamadas de “transporte, armazenagem e correio” com os “serviços de manutenção e reparação” por representarem, assim como o comércio, serviços não autônomos e de suporte a outras atividades. Os “serviços empresariais” representam a junção dos “serviços de informação” com os “serviços prestados às empresas” constituindo atividades que podem ter uma dinâmica muito ligada à indústria ou que apresentam maior potencial de inovação, ganhos de produtividade e níveis salariais, algo próximo da classificação de Knowledge Intensive Business Services (Kibs), ou seja, de serviços que atuam como

facilitadores do processo de inovação e do aumento da produtividade das diversas atividades da economia (Kubota, 2009). Os “serviços financeiros” contemplam as atividades originalmente chamadas de “intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados” e foram mantidos separados por suas características específicas, muito diferentes das demais. Os “serviços pessoais” agregam diversas atividades que tem em comum o fato de se destinarem principalmente ao consumo final das famílias, sendo elas: os “serviços de alojamento e alimentação”, a “educação mercantil”, a “saúde mercantil”, “outros serviços” e aqui acrescentamos as “atividades imobiliárias e aluguéis” uma vez que mais de 85% desses serviços se destinam ao consumo das famílias. Vale destacar que, grande parte dos serviços deste grupo apresenta baixa capacidade de geração de valor agregado, baixos salários e produtividade. Por fim, agrupamos os “serviços do governo” constituídos pelos serviços de “educação pública”, “saúde pública” e “administração pública e seguridade social”, por apresentarem uma dinâmica própria.

A seguir, analisaremos mais detalhadamente os grupos de atividades de serviços a partir da nova agregação proposta em relação às principais variáveis já mencionadas na análise geral e também através de alguns indicadores como: o multiplicador da produção, do emprego e o índice de Rasmussem-Hirshman (índice de ligação). Uma vez que, ao contrário da PAS, as Contas Nacionais nos fornecem informações do agregado da economia, considerando outros setores, as participações de cada grupo de atividade de serviços foram calculadas com base no total da economia.

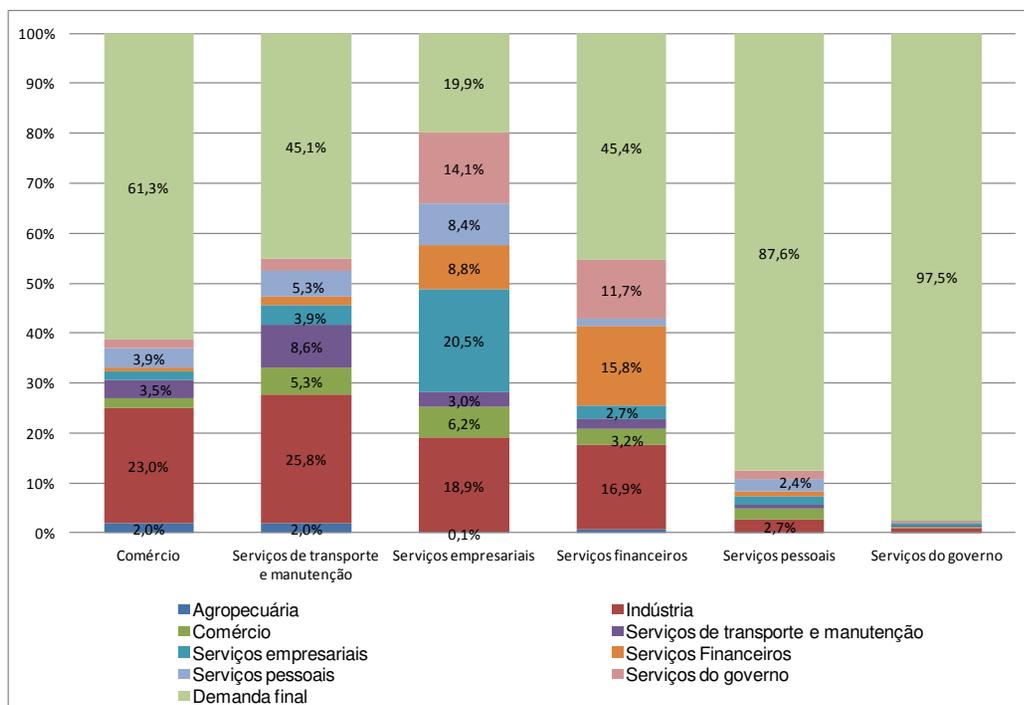
2.2.2. Análise dos grupos de serviços das Contas Nacionais para os anos de 2000 e 2005

Analisando a demanda pelos grupos de serviços, perceberam que a demanda final, e em menor medida a indústria, se destacam com as maiores participações em ambos os períodos, como pode ser visto abaixo nos gráficos 5 e 6. A maior parte da demanda pelo comércio vem da demanda final, com pequena perda de

participação, de 61,3% em 2000 para 60,1% em 2005; seguida pela indústria que apresentou crescimento de 23% para 24,9% em 2005. O grupo de serviços de transporte e manutenção também tem sua demanda concentrada na demanda final e na indústria, com alterações de participação de 45,1% para 41,2% e 25,8% para 29,7% de 2000 para 2005, respectivamente. Nessa mesma linha, os serviços financeiros apresentaram a demanda por seus produtos concentrada entre a demanda final, com 45,4% em 2000 e 48,1% em 2005; a indústria, caindo de 17% para 15,6% em 2005 e o próprio grupo de serviços financeiros que também perdeu participação entre os períodos, passando de 15,8% para 11,6%.

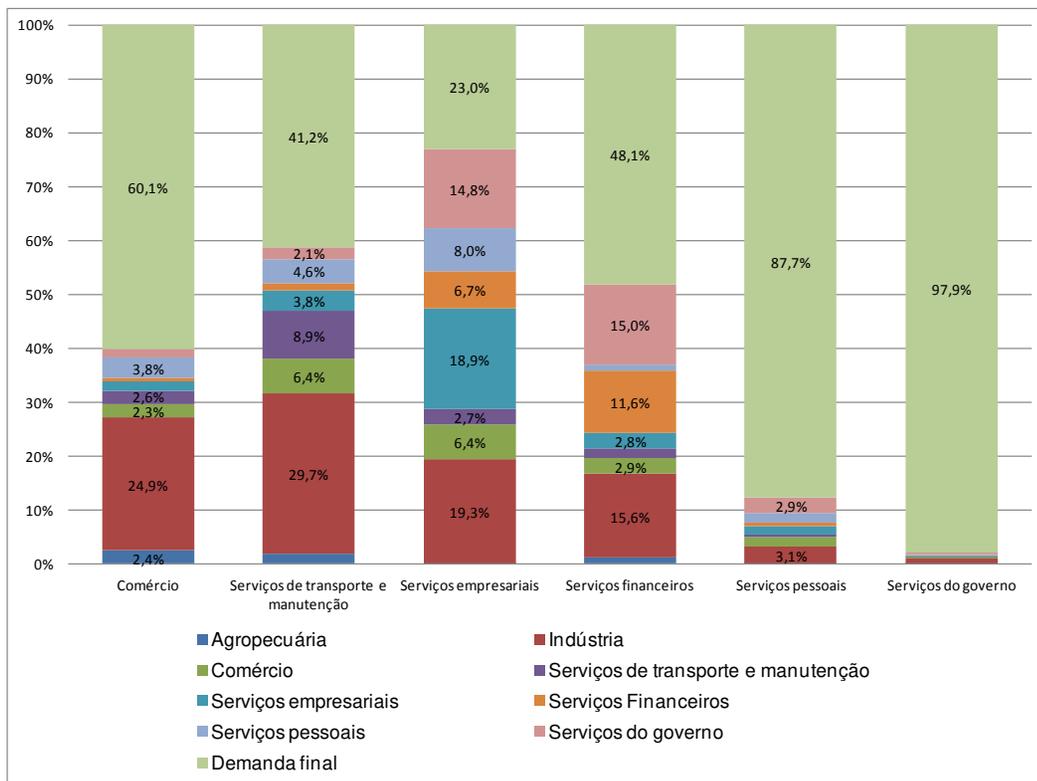
A demanda pelo grupo de serviços empresariais apresentou uma distribuição mais equilibrada sendo que em 2000 a demanda intrassetorial foi responsável por 20,5%, seguida pela demanda final com 20%, pela indústria com 19% e então pelos serviços do governo com 14%. No ano de 2005, as posições se alteraram, com a demanda final ganhando participação e atingindo 23%, seguida pela indústria com 19,3%, pelo próprio grupo de serviços empresariais com 18,9% e então os serviços do governo com 14,8%. Os serviços pessoais e os serviços do governo são os grupos em que grande parte da demanda vem dos componentes da demanda final, mantendo as participações muito estáveis de aproximadamente 87% e 97% respectivamente.

Gráfico 5 – Participação dos setores e atividades na demanda por serviços, em percentual – 2000



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2000.

Gráfico 6 - Participação dos setores e atividades na demanda serviços, em percentual – 2005

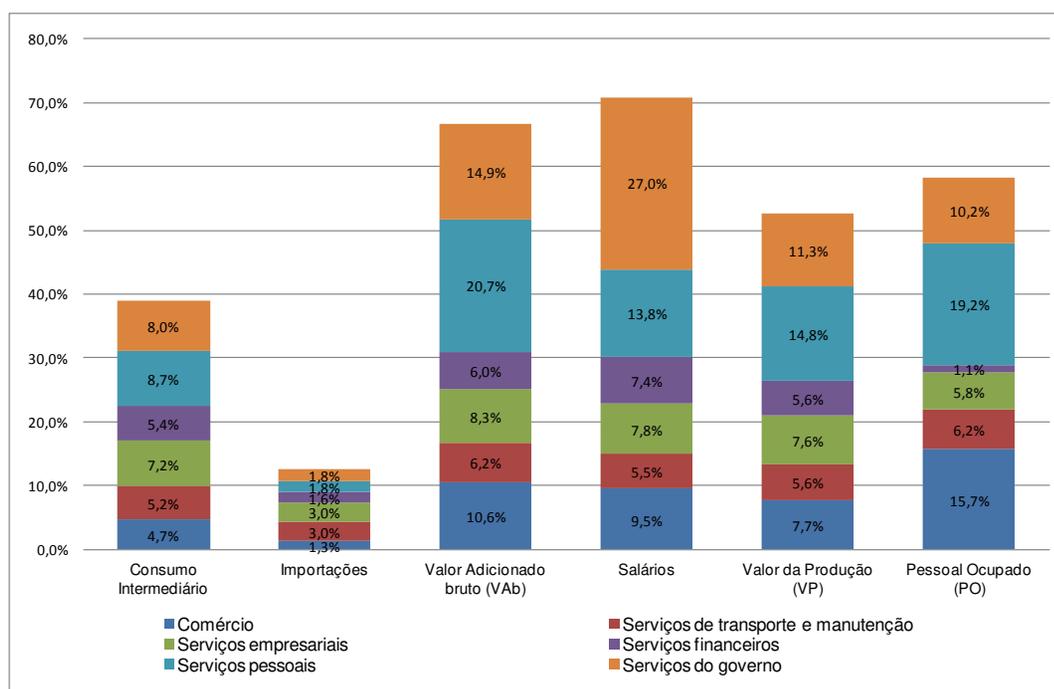


Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2005.

Como já mencionado, o setor de serviços é o maior responsável pelo valor da produção, embora tenha perdido participação entre 2000 e 2005. Aqui novamente os serviços pessoais e os prestados pelo governo são os maiores destaques em termos de participação ficando os grupos de serviços de transporte e manutenção e os serviços financeiros com os menores percentuais. O grupo de serviços pessoais apresentou a maior queda de participação, passando de 14,8% para 12,1% em 2005, como observamos nos gráficos 7 e 8. Vale destacar que outras atividades também apresentaram queda de participação, embora pequena, entre 2000 e 2005, sendo elas os serviços financeiros (5,6% para 5,3%), os serviços de transporte e manutenção (5,6% para 5,4%), e os serviços empresariais (7,6% para 7,4%). Apenas o comércio e

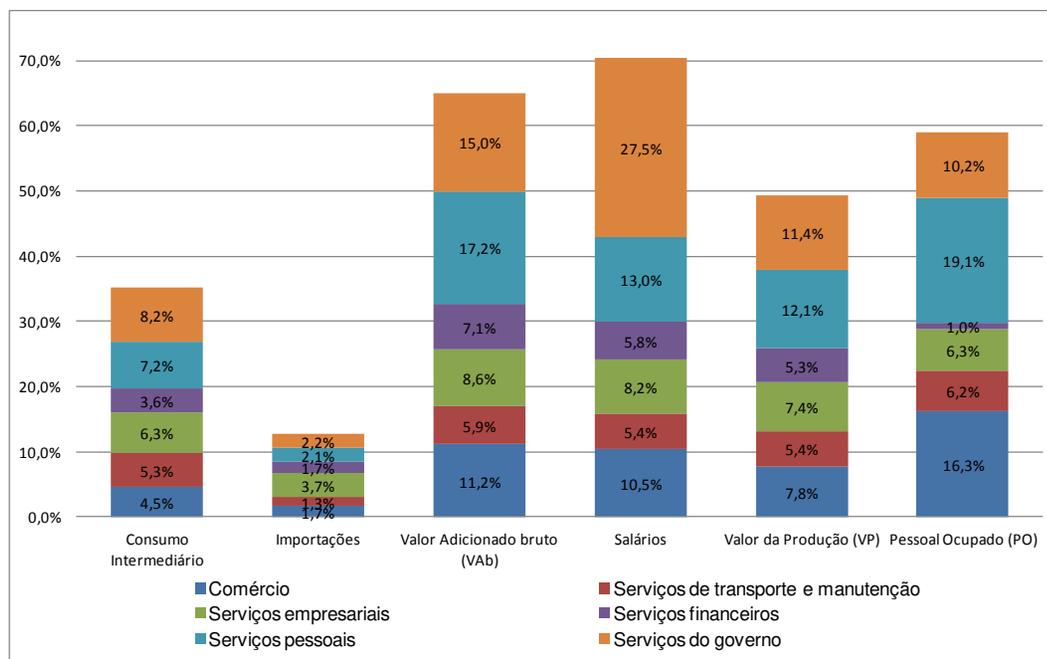
os serviços do governo aumentaram suas participações, de 7,7% para 7,8% e 11,3% para 11,4% respectivamente.

Gráfico 7 – Participação dos grupos de serviços no CI, importações, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2000



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2000.

Gráfico 8 – Participação dos grupos de serviços no CI, importações, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2005



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2005.

Com relação ao consumo intermediário, no ano de 2000 os serviços pessoais apresentaram a maior participação, de 8,7%, seguido pelos serviços do governo com 8%. Vale dizer que, no caso dos serviços pessoais, a demanda por insumos se distribuiu de forma mais equilibrada entre a indústria e o setor de serviços, sugerindo um maior encadeamento entre a atividade e o setor industrial, porém no caso dos serviços do governo, as necessidades são supridas basicamente pelas próprias atividades de serviços. Houve uma troca de posições em 2005 quando os serviços pessoais perderam participação para 7,2% enquanto os serviços do governo atingiram 8,2%. Com exceção destes e dos serviços de transporte e manutenção (passaram de 5,2% para 5,3%), os demais grupos perderam participação relativa no consumo intermediário entre 2000 e 2005, com destaque para os serviços financeiros que, após uma perda de participação de 1,8%, assumiram o lugar do comércio com o menor consumo intermediário entre as atividades no ano de 2005, equivalente a 3,6%. Os serviços

empresariais foram o grupo com a segunda maior perda, passando de 7,2% em 2000 para 6,3% em 2005.

Embora tenham pequena participação no total importado, entre os grupos de serviços, os serviços empresariais apresentaram a maior participação nas importações tendo aumentado de 3% para 3,7% entre 2000 e 2007. A maior perda de participação ficou por conta do grupo de serviços de transporte e manutenção, passando de 3% para 1,3%. Os demais grupos apresentaram crescimento da participação no total importado entre 2000 e 2005, como pode ser observado nos gráficos 7 e 8. Os maiores valores ficaram com os serviços do governo (1,8% para 2,2%), com serviços pessoais (1,8% para 2,1%), com o comércio (1,3% para 1,7%) e por fim com os serviços financeiros (1,6% para 1,7%).

No ano de 2000 os maiores responsáveis pela geração do valor adicionado bruto (VA bruto) foram os grupos de serviços pessoais (20,7%) e os serviços do governo (14,9%), sendo seguidos pelo comércio (10,6%). Os serviços empresariais apresentaram participação de 8,3%, enquanto para o grupo de serviços financeiros e de transporte e manutenção os valores foram os menores, 6% e 6,2% respectivamente. Já no ano de 2005, embora permanecesse na liderança, os serviços pessoais foram os que mais perderam participação no total, chegando a 17,2%, seguido pelos serviços do governo que apresentaram pequeno crescimento, passando para 15% e pelo comércio com 11,2%. Os serviços de transporte e manutenção também apresentaram perda, de participação, caindo para 5,9%. Os serviços empresariais aumentaram seu percentual para 8,6% enquanto os serviços financeiros mostraram a maior expansão na participação entre os grupos, atingindo 7,1%.

Com relação aos salários, os serviços do governo ficam com a maior parcela, 27% em 2000 para 27,5% em 2005, sendo seguido pelos serviços pessoais, com queda de 13,8% para 13%, e então o comércio que elevou seu percentual de 9,5% para 10,5% entre os períodos. Os serviços financeiros apresentaram a maior perda de participação, com queda de 7,4% para 5,8%, e os serviços de transporte e manutenção com 5,5% para 5,4%. Os serviços empresariais elevaram sua participação no total de salários pagos na economia, passando de 7,8% para 8,2% em 2005.

Como mencionado anteriormente, o setor de serviços é o responsável por mais de 50% das ocupações de toda a economia. Entre os grupos analisados, a maior parte do pessoal ocupado está alocado nos os serviços pessoais, no comércio e nos serviços do governo, como mostrado nos gráficos 7 e 8. O comércio expandiu sua participação, de 15,7% em 2000 para 16,3% em 2005, já os serviços pessoais e do governo praticamente mantiveram seus percentuais em torno de 19% e 10%. O grupo de serviços financeiros foi o que apresentou menor participação no volume de postos de trabalho, com 1,1% em 2000 caindo para 1% em 2005. Os serviços de transporte e manutenção mantiveram sua participação, em torno de 6,2% enquanto os serviços empresariais elevaram seus percentuais de 5,8% para 6,3%.

Os serviços financeiros se destacam, em ambos os períodos, com os maiores salários médios. No ano de 2000, a comparação entre os grupos mostra que os serviços do governo são os que mais se aproximam, com um salário médio equivalente à 38,4% do salário médio dos serviços financeiros. Os demais grupos ficaram muito distantes, com valores próximos a: 19,2% para os serviços empresariais, 12,9% para os serviços de transporte e manutenção, 10,3% para os serviços pessoais e 8,7% para o comércio. Em 2005, todos os grupos elevaram seus percentuais, com destaque para os serviços do governo e os serviços empresariais que passaram para 46,9% e 22,5%, respectivamente. Os serviços de transporte e manutenção, os serviços pessoais e o comércio chegaram a 15,4%, 11,9% e 11,2%, respectivamente.

Os serviços financeiros também apresentam os maiores índices de produtividade. Em 2000, os serviços do governo e os serviços empresariais foram os que mais se aproximaram, com 26,3% e 25,3% da produtividade dos serviços financeiros. Os demais grupos, a relação entre as produtividade apresentou os seguintes valores: 19,3% para os serviços pessoais, 17,8% para os serviços de transporte e manutenção e 12% para o comércio. Em 2005, ao contrário do que ocorreu com os salários médios, a produtividade dos grupos em relação aos serviços financeiros apresentou queda. A relação com os serviços do governo e com os serviços empresariais passou para 21,1% e 19,4% enquanto com os serviços de transporte e

manutenção, com os serviços pessoais e com o comércio atingiu 13,8%, 13% e 9,8% respectivamente.

A partir dos dados e das matrizes, também é possível calcular outros indicadores de desempenho como o multiplicador da produção, o multiplicador do emprego e os índices de encadeamento das atividades, chamados de índices de Rasmussem-Hirshman, relacionados nas tabelas 3 e 4. O multiplicador da produção mostra, através dos efeitos diretos e indiretos, qual o aumento na produção total da economia a partir do aumento de uma unidade monetária na produção de determinado setor ou atividade. O multiplicador do emprego segue a mesma ideia, ou seja, dados os efeitos diretos e indiretos, a partir da criação de um posto de trabalho em determinado setor ou atividade ele nos mostra quantos novos empregos são gerados em toda a economia. Por fim, os índices de Rasmussem-Hirshman – também conhecidos como índices de encadeamento – nos permitem identificar os setores-chave da economia de acordo com a intensidade com que um setor demanda (para trás) ou é demandado (para frente) pelos demais. Valores acima de 1 indicam que o setor ou a atividade é altamente dependente dos demais (IRH para trás) e/ou que sua produção é altamente demandada pelos demais (IRH para frente), sendo considerado um setor-chave da economia quando ambos os índices forem maiores que 1.

Tabela 3 – MP, ME e IRH por grupo de serviços, 2000

	Comércio	Serviços de transporte e manutenção	Serviços empresariais	Serviços financeiros	Serviços pessoais	Serviços do governo
Multiplicador da Produção (MP)	1,42	1,70	1,66	1,67	1,44	1,49
Multiplicador do Emprego (ME)	1,17	1,44	1,65	3,26	1,34	1,41
IRH para trás	0,73	0,87	0,85	0,86	0,74	0,77
IRH para frente	0,15	0,16	0,18	0,21	0,29	0,13

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2000.

Tabela 4 – MP, ME e IRH por grupo de serviços, 2005

	Comércio	Serviços de transporte e manutenção	Serviços empresariais	Serviços financeiros	Serviços pessoais	Serviços do governo
Multiplicador da Produção (MP)	1,44	1,81	1,62	1,47	1,48	1,51
Multiplicador do Emprego (ME)	1,17	1,43	1,58	2,70	1,30	1,45
IRH para trás	0,72	0,90	0,81	0,73	0,74	0,75
IRH para frente	0,16	0,17	0,18	0,22	0,31	0,13

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2005.

Entre os grupos de serviços, percebemos certa variedade dos multiplicadores de produção, sendo que os serviços de transporte e manutenção apresentaram os maiores multiplicadores, equivalentes a 1,7 em 2000 e 1,81 em 2005. Outros grupos que apresentaram crescimento dos multiplicadores foram os serviços pessoais (1,44 para 1,48), os serviços do governo (1,49 para 1,51) e o comércio (1,42 para 1,44). Os multiplicadores dos serviços financeiros apresentaram a maior queda, de 1,67 em 2000 para 1,47 em 2005, seguidos pelos serviços empresariais que passaram de 1,66 para 1,62. Em 2000, a mediana dos valores dos multiplicadores de produção de toda a economia foi de 2,0. Na indústria a mediana foi de 2,04, na agropecuária o valor foi de 1,71 e no setor de serviços atingiu 1,58 sendo que em 2005 esses valores passaram para 2,04; 2,07; 1,86 e 1,5, respectivamente. Entre as atividades da economia²⁰, observamos que os maiores multiplicadores são encontrados na indústria, como por exemplo, na fabricação de resina e elastômeros com valor de 2,5 em 2000, a produção de automóveis, camionetas e utilitários com 2,49 em 2005 e alimentos e bebidas que em 2000 apresentou um multiplicador de 2,38 e subindo para 2,46 em 2005.

Com relação ao multiplicador de emprego, os maiores valores encontram-se no grupo de serviços financeiros, 3,26 em 2000 caindo para 2,70 em 2005. Os serviços empresariais vêm em seguida, também apresentando queda do multiplicador de emprego de 1,65 para 1,58 em 2005. Os serviços de transporte e manutenção e os serviços do governo apresentaram, respectivamente, multiplicadores em torno de 1,44 e

²⁰ As tabelas com os valores dos multiplicadores e os IRH para frente e para trás das outras atividades da economia encontram-se em anexo.

1,41 em 2000, sendo que os primeiros tiveram uma pequena queda para 1,43 e o segundo grupo aumentou para 1,45 em 2005. Os serviços pessoais vêm em seguida com um multiplicador que também se reduziu no período, passando de 1,34 para 1,30. Por fim, os multiplicadores do emprego para o comércio apresentaram os menores valores, sendo de 1,17 em ambos os anos. Mais uma vez, em 2000, a mediana dos valores dos multiplicadores de emprego da economia foi de 3,33, sendo 4,17 para a indústria, 1,23 para a agropecuária e 1,42 para os serviços. Em 2005, esses valores passaram para 3,62; 4,29; 1,27 e 1,44, respectivamente. A análise das atividades ainda mostrou que os multiplicadores do emprego para os serviços são muito baixos em relação aos da indústria, que se destacou com o refino de petróleo e coque (75,4 em 2000 e 83,2 em 2005) e produtos do fumo (20,8 em 2000 e 25,3 em 2005).

Os índices de Rasmussem-Hirshman (IRH) para trás e para frente mostraram que os grupos de serviços não são atividades com grande poder de encadeamento com os demais setores da economia, demandando e sendo pouco demandados. Para uma comparação, considerando todos os setores de atividade da economia, a mediana do IRH para trás foi de 1,03 em 2000, passando para 1,02 em 2005, sendo que para a indústria os valores foram de 1,04 e 1,03, para a agropecuária de 0,88 e 0,92 e para os serviços de 0,81 e 0,75, respectivamente. Já a mediana do IRH para frente para toda a economia, que em 2000 era de 0,19 foi para 0,2 em 2005 sendo que na indústria os valores foram de 0,19 e 0,20, na agropecuária de 1,2 e 1,35 e para os serviços de 0,17 para 0,18. Em ambos os períodos os índices apresentaram valores abaixo da média, sendo que para os índices de encadeamento para trás, o quanto o grupo demanda das demais atividades, os serviços de transporte e manutenção se destacaram com valores próximos a 1, passando de 0,87 em 2000 para 0,9 em 2005. Para os serviços empresariais o índice para trás caiu de 0,85 para 0,81, e os serviços financeiros de 0,86 para 0,73. Os serviços pessoais mantiveram o índice em 0,74 enquanto os serviços do governo e o comércio reduziram de 0,77 para 0,75 e 0,73 para 0,72 respectivamente. Olhando para os outros setores da economia, em 2000 os maiores índices RH para trás foram encontrados na indústria, mais especificamente nas atividades de fabricação de resina e elastômeros e alimentos e bebidas com valores de 1,28 e 1,22

respectivamente. Para o ano de 2005 a produção de automóveis, camionetas e utilitários foi o destaque, com um índice de 1,24, sendo seguido pela fabricação de alimento e bebidas, com os mesmos 1,22.

Já os índices de encadeamento para frente mostraram que os grupos de serviços são pouco demandados pelas demais atividades, sendo os maiores valores observados para os serviços pessoais, que aumentaram de 0,29 para 0,31 em 2005 e os serviços financeiros, crescendo de 0,21 para 0,22 em 2005. Os serviços empresariais vem em seguida com 0,18, o grupo de transportes e manutenção passando de 0,16 para 0,17, o comércio de 0,15 para 0,16 e por fim os serviços do governo com 0,13 em ambos os anos. A mediana dos indicadores para a economia em geral passou de 0,19 em 2000 para 0,20 em 2005, sendo que na indústria os valores para os mesmos períodos foram de 0,19 para 0,20; na agropecuária de 1,2 para 1,35 e nos serviços de 0,17 para 0,18. Entre os outros setores da economia, no ano de 2000, a agricultura, silvicultura, exploração florestal foi a única atividade a apresentar um IRH acima da média, com 1,47 sendo seguida pela fabricação de alimentos e bebidas com 0,96. Em 2005 essas mesmas atividades se destacaram, apresentando valores de 1,61 e 1,13 respectivamente.

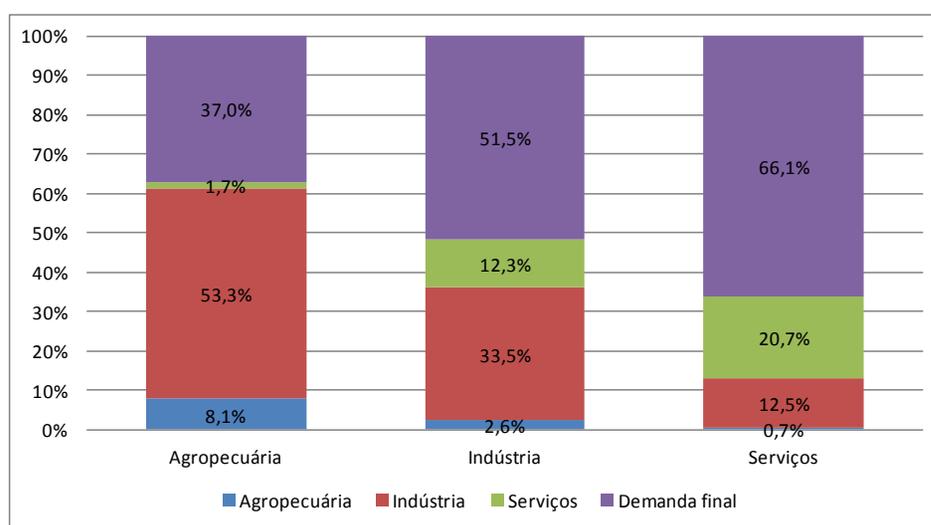
2.3. Análise das Contas Nacionais para o ano de 2009

Como mencionado anteriormente, o IBGE não disponibilizou até o presente momento a matriz Insumo-produto oficial para o ano de 2009, apenas as tabelas de recursos e usos. Na tentativa de apresentar dados mais atualizados, estimamos a matriz Insumo-produto para o ano de 2009 e por isso, optamos por mostrar os resultados em uma seção separada, uma vez que não poderíamos estabelecer comparações entre as matrizes oficiais e a estimada.

Pelo lado da demanda, podemos observar no gráfico 9 que 53,3% da produção da agropecuária foi consumida pelo setor industrial, seguido pela demanda final, que absorveu 37% do valor total e então pela própria agropecuária, com 8,1% e pelos serviços com apenas 1,7%. Em 2009, o grande demandante de produtos

industriais foi a demanda final, com participação de 51,5% contra 33,5% do próprio setor, 12,3% dos serviços e 2,6% da agropecuária. Por fim, a demanda final também é o destino principal da produção de serviços (66,1%), seguida pela demanda intrassetorial (20,7%), pela indústria (12,5%) e pela agropecuária (0,7%).

Gráfico 9 – Participação dos setores na demanda por produtos, em percentual – 2009



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2009.

Detalhando a análise da demanda por serviços, percebemos que a demanda final se destaca com os maiores percentuais, com exceção dos serviços de informação e dos serviços prestados às empresas, cuja demanda se concentra no próprio setor de serviços, com 61,1% e 58%, respectivamente. A indústria permanece como a terceira maior demandante de serviços, em especial por serviços de transporte, armazenagem e correio (29,5%); comércio (23,7%) e serviços prestados às empresas (23,5%), como mostra a tabela 5. Para os serviços de informação (9,2%) e os serviços de intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados (20,2%) a demanda da indústria é relativamente baixa se comparada com a demanda do próprio setor de serviços que, somada à da demanda final, se aproxima de 90,5% e 79,2%, respectivamente.

Tabela 5 – Participação na demanda por atividade de serviços, em percentual – 2009

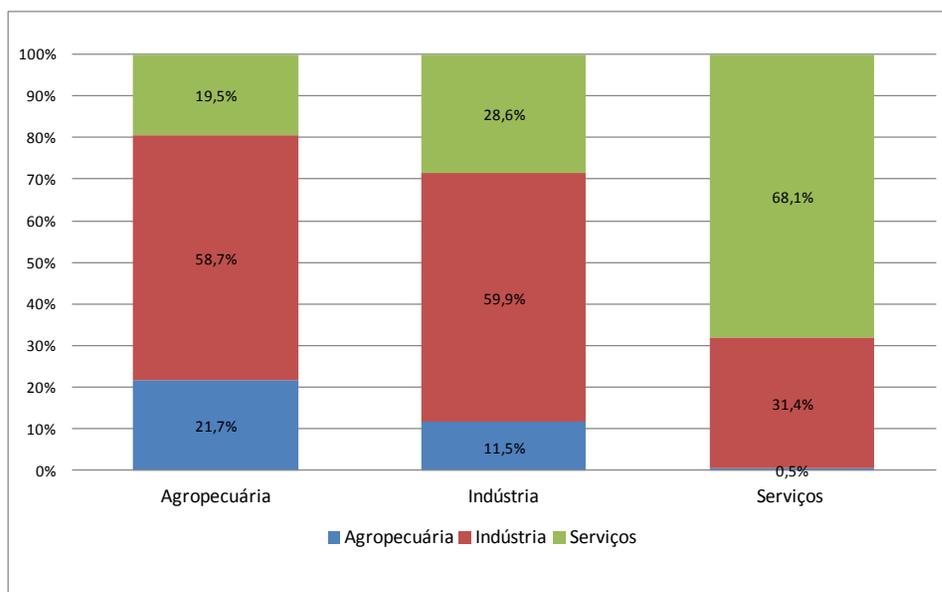
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Demanda final
Comércio	2,3%	23,7%	15,0%	58,9%
Transporte, armazenagem e correio	1,9%	29,5%	26,3%	42,2%
Serviços de informação	0,3%	9,2%	61,1%	29,5%
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados	0,6%	20,2%	35,7%	43,4%
Atividades imobiliárias e aluguéis	0,0%	5,3%	12,2%	82,4%
Serviços de manutenção e reparação	0,1%	4,5%	39,1%	56,3%
Serviços de alojamento e alimentação	0,0%	2,5%	13,7%	83,8%
Serviços prestados às empresas	0,0%	23,5%	58,0%	18,5%
Educação mercantil	0,0%	1,0%	5,7%	93,2%
Saúde mercantil	0,1%	1,3%	2,0%	96,6%
Outros serviços	0,2%	4,3%	8,9%	86,5%
Educação pública	0,0%	0,1%	0,2%	99,7%
Saúde pública	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Administração pública e seguridade social	0,0%	1,0%	1,5%	97,4%

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2009.

No ano de 2009, valor da produção somou R\$ 5,48 trilhões, sendo que mais da metade (58,6%) ficou com a demanda final e o restante (41,4%) permaneceu dentro do próprio setor produtivo, utilizado como consumo intermediário (R\$ 2,3 trilhões). O setor de serviços permaneceu como o maior responsável pela geração do valor da produção, com 53,3% do total, a indústria com 41,6% e a agropecuária com 5%, embora ao analisar o consumo intermediário, percebemos que a indústria responde por 56,2% do valor, sendo seguida pelos serviços com 39,2% e a agropecuária com 4,5%. Como mostra o gráfico 10, o consumo intermediário do setor agropecuário é fortemente concentrado em produtos industriais que detêm participação de 58,7%, sendo que o restante vem do próprio setor (21,7%) e dos serviços (19,5%). No caso da indústria, a maior parte do consumo intermediário é intrassetorial (59%), seguida por serviços (28,6%) e por produtos da agropecuária (11,5%). Os serviços também concentram seu consumo intermediário internamente (68,1%) ficando o restante com a indústria (31,4%) e apenas uma pequena parte vinda da agropecuária (0,5%). O consumo intermediário do setor se concentra nos serviços prestados às empresas (15%), nos serviços de

informação (14,2%) e por serviços de intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados (12,5%).

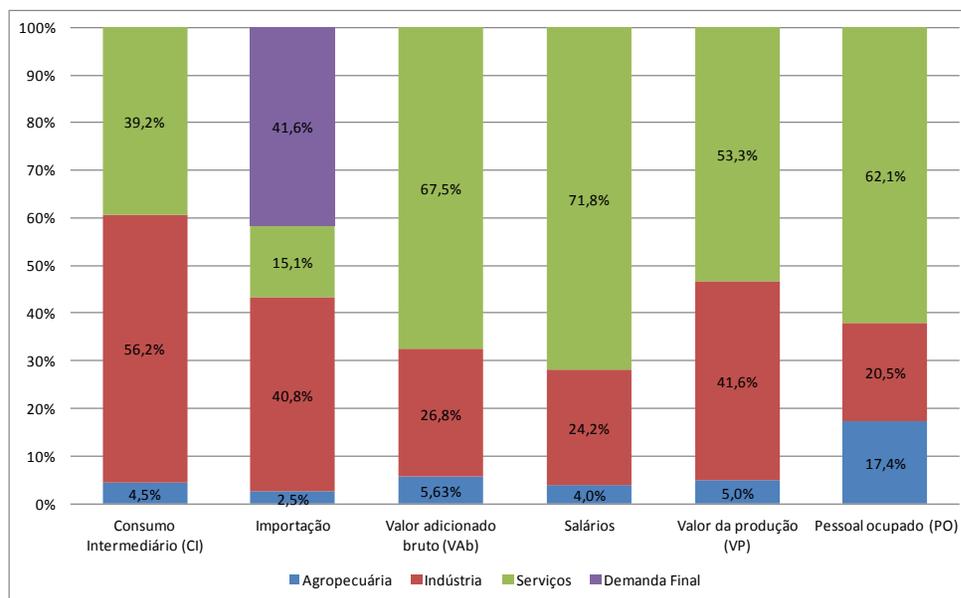
Gráfico 10 – Participação dos setores no consumo intermediário, em percentual – 2009



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2009.

A participação dos serviços, assim como da agropecuária, no total de importações da economia é muito baixa (em torno de 15,1% e 2,5% respectivamente), se comparada com os percentuais da demanda final (41,6%) e a indústria (40,8%). O mesmo não ocorre quando analisamos a participação dos serviços na geração do valor adicionado bruto, mostrado no gráfico 11, que em 2009 foi de 67,5% contra 26,8% da indústria e 5,6% da agropecuária. O setor ainda se destaca no total de salários pagos no ano, com participação de 71,8%, ficando a indústria com 24,2% e a agropecuária com 4%. Com relação ao pessoal ocupado o setor de serviços concentra 62,1% dos empregos da economia, a indústria responde por 20,5% e a agropecuária por 17,4%.

Gráfico 11 – Participação dos setores no CI, importação, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2009



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2009.

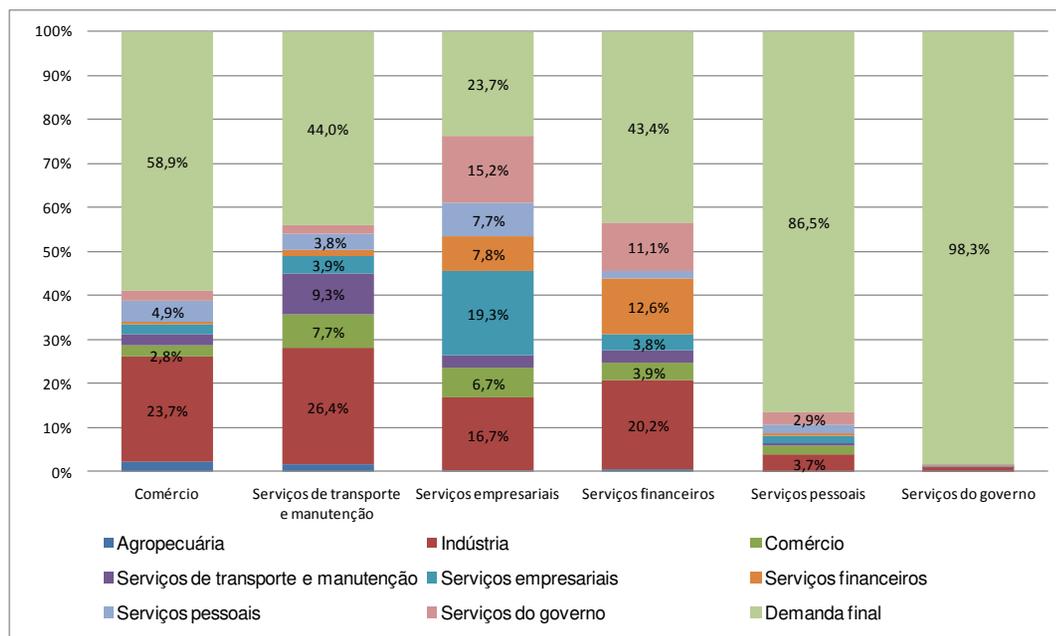
Uma análise comparativa entre a produtividade do trabalho nos três setores, a partir do VA bruto por trabalhador, nos mostra que a indústria se destaca. Os serviços atingiram em 2009 83,3% da produtividade industrial e a agropecuária apenas 24,8%. Com relação ao salário médio, novamente a indústria se destaca embora a diferença entre os salários pagos nesta e no setor de serviços não se mostre tão grande. O salário médio pago no setor de serviços foi equivalente a 98,1% do industrial e no caso da agropecuária apenas 19,6%.

2.3.1. Análise dos grupos de serviços das Contas Nacionais para o ano de 2009

Com relação à composição da demanda pelos diversos grupos de serviços, observamos no gráfico 12 que a demanda final se destaca como a principal consumidora dos serviços de comércio, com participação de aproximadamente 59%,

sendo seguida pela indústria com 23,7%. Para o grupo de serviços de transporte e manutenção a demanda final e a indústria também assumem destaque, com 44% e 26,4% da demanda. Para os serviços financeiros, a composição da demanda permanece a mesma, com a demanda final respondendo por 43,4% e a indústria por 20,2%. Novamente, o grupo de serviços empresariais é o único a apresentar uma estrutura de demanda por seus produtos mais equilibrada, sendo: 23,7% da demanda final, 19,3% do próprio grupo de serviços empresariais, 16,7% da indústria e 15,2% dos serviços do governo. Os serviços pessoais e os serviços do governo são os grupos que mantêm uma estrutura de demanda muito concentrada na demanda final, com participações de 86,5% e 98,3%, respectivamente.

Gráfico 12 – Participação dos setores e atividades na demanda por serviços, em percentual – 2009



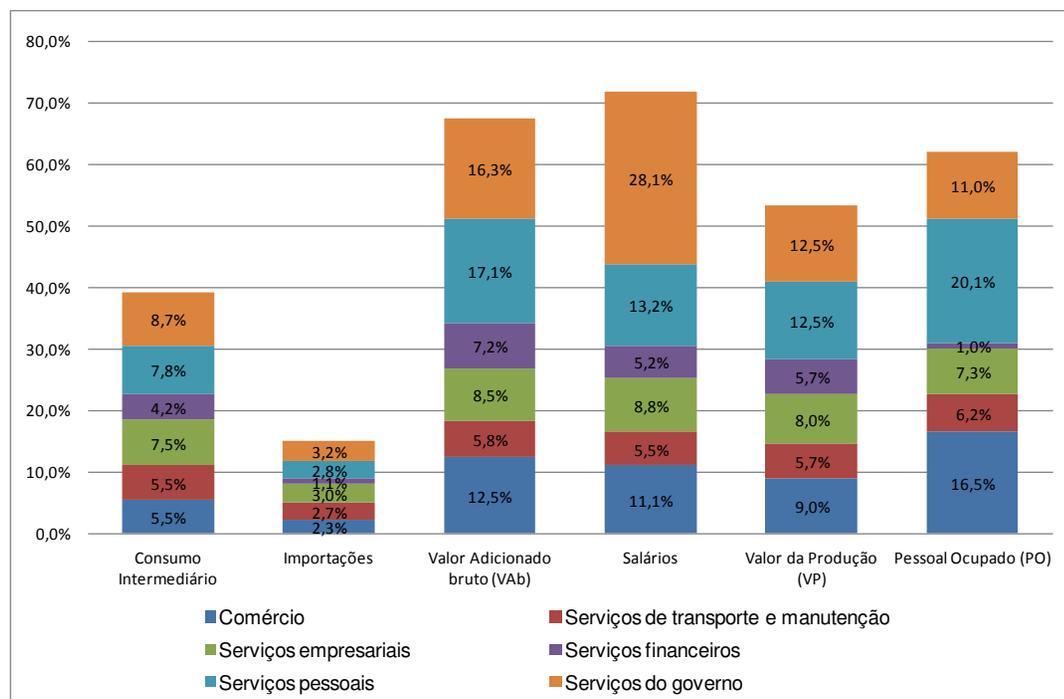
Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2009.

O setor de serviços foi o maior responsável pelo valor da produção, em 2009, sendo que entre os grupos, os serviços pessoais e os serviços do governo foram os que mais contribuíram para este valor, com aproximadamente 12,5% cada, como mostra o

gráfico 13. O comércio e os serviços empresariais aparecem em seguida, com participações de 9% e 8%, e então os serviços de transporte e manutenção e os serviços financeiros, com 5,7% cada. Os serviços do governo ainda concentraram a maior parte do consumo intermediário, com aproximadamente 8,7% de participação. Em seguida, os serviços pessoais e os serviços empresariais responderam por 7,8% e 7,5% deste consumo, respectivamente, contra 5,5% dos serviços de transporte e manutenção e do comércio, e por fim 4,2% dos serviços financeiros.

O gráfico 13 ainda mostra que os serviços do governo também detém a maior participação nas importações, em torno de 3,2%, sendo seguido pelos serviços empresariais com 3%, pelos serviços pessoais com 2,8%, pelos serviços de transporte e manutenção com 2,7% e então pelo comércio com 2,3% e os serviços financeiros com 1,1%. Em 2009, os serviços pessoais se destacaram como os maiores geradores de valor adicionado bruto (VAb), com percentual de 17,1%. Logo em seguida foram os serviços do governo (16,3%) e o comércio (12,5%). Os demais grupos contribuíram com percentuais menores: 8,5% dos serviços empresariais, 7,2% dos serviços financeiros e 5,8% dos serviços de transporte e manutenção.

Gráfico 13 – Participação dos grupos de serviços no CI, importações, VAb, salários, VP e PO, em percentual – 2009



Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2009.

Com relação aos salários, os serviços do governo foram os responsáveis pelo pagamento da maior parcela, em torno de 28,1%. Os serviços pessoais e o comércio vieram em seguida, com valores próximos a 13,2% e 11,1%, sendo seguidos então pelos grupos de serviços empresariais (8,8%), pelos serviços de transporte e manutenção (5,5%) e pelos serviços financeiros (5,2%). Quando analisamos as ocupações, percebemos que a participação do setor de serviços como um todo é muito relevante. A maior parte dos trabalhadores está alocada nos os serviços pessoais (20,1%), no comércio (16,5%) e nos serviços do governo (11%). Os serviços empresariais detêm 7,3% dos postos de trabalho, enquanto os serviços de transporte e manutenção 6,2% e os serviços financeiros com 1%.

O maior salário médio pertence aos serviços financeiros, sendo muito superior aos dos demais. Os serviços do governo pagaram, em 2009, o equivalente a

48,8% do salário médio dos serviços financeiros, ficando os demais grupos com valores ainda menores, como foi o caso dos serviços empresariais (22,9%), dos serviços de transporte e manutenção (16,9%), do comércio (12,8%) e dos serviços pessoais (12,6%). Os serviços financeiros também se destacam pela maior produtividade, ficando os outros grupos com percentuais muito baixos em relação a ele. Mais uma vez os serviços do governo são os que mais se aproximam com 20,4%, seguido pelos serviços empresariais com 16%, os serviços de transporte e manutenção com 13% e então os serviços pessoais e o comércio com 11,7% e 10,4%, respectivamente.

Tabela 6 - MP, ME e IRH por grupo de serviços, 2009

	Comércio	Serviços de transporte e manutenção	Serviços empresariais	Serviços financeiros	Serviços pessoais	Serviços do governo
Multiplicador da Produção (MP)	1,43	1,74	1,65	1,49	1,47	1,48
Multiplicador do Emprego (ME)	1,20	1,44	1,59	2,96	1,29	1,45
IRH para trás	0,73	0,89	0,84	0,76	0,75	0,76
IRH para frente	0,16	0,17	0,18	0,21	0,30	0,13

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2009.

A tabela 6 mostra que o maior multiplicador da produção entre os grupos de serviços ficou com os serviços de transporte e manutenção (1,74), seguido pelos serviços empresariais (1,65), e então pelos demais grupos, que apresentaram valores muito próximos: serviços financeiros (1,49), serviços do governo (1,48), serviços pessoais (1,47) e o comércio (1,43). A mediana dos valores do MP para toda a economia foi de 1,98, sendo que para a agropecuária, indústria e serviços, os valores foram de: 1,76; 2,05 e 1,49 respectivamente. Analisando todas as atividades, os maiores multiplicadores são encontrados na indústria, em alimentos e bebidas com 2,4 e na produção de automóveis, camionetas e utilitários com 2,39. O multiplicador de emprego apresentou valores muito diferentes, sendo que os serviços financeiros se destacaram com um multiplicador próximo de 2,96. Para os demais grupos, os multiplicadores do emprego apresentaram os seguintes valores: 1,59 para serviços empresariais, 1,45 para os serviços do governo, 1,44 para os serviços de transporte e manutenção, 1,29 para os serviços pessoais e 1,2 para o comércio. Novamente, a

mediana considerando todos os setores foi de 3,12, enquanto que para a agropecuária o valor foi de 1,27, para a indústria de 4,11 e para os serviços de 1,45. Vale observar também que os multiplicadores do emprego para as atividades de serviços ainda são baixos em relação aos da indústria, que em 2009 apresentou valores muito altos, de 64,74 para as atividades de refino de petróleo e coque e 22,2 para os produtos do fumo.

Em 2009, os índices de Rasmussem-Hirshman (IRH) para trás e para frente apresentaram valores abaixo da média, especialmente quando analisamos o quanto os grupos de serviços são demandados pelas demais atividades da economia (para frente). A mediana do IRH para trás, considerando todos os setores, foi de 1,01, sendo que para a agropecuária foi de 0,90, para a indústria foi de 1,05 e para os serviços de 0,76. Para os índices de encadeamento para trás, os serviços de transporte e manutenção e os serviços empresariais se destacaram com valores mais próximos a 1, sendo de 0,89 e 0,84, respectivamente. Os demais grupos de serviços mantiveram valores mais próximos como: serviços financeiros (0,76), serviços do governo (0,76), serviços pessoais (0,75) e por fim o comércio (0,73). Comparativamente com os valores encontrados nos outros setores, a indústria de alimentos e bebidas e de automóveis, camionetas e utilitários apresentaram os maiores valores (1,23). A mediana do IRH para frente da economia como um todo foi de 0,20, sendo que os valores encontrados para a agropecuária, para a indústria e para os serviços foram de 1,42; 0,20 e 0,17, respectivamente. Entre os serviços, os valores encontrados foram muito baixos, ficando os maiores índices com os serviços pessoais (0,30) e os serviços financeiros (0,21). As demais atividades apresentaram os seguintes valores: serviços empresariais com 0,18, serviços de transporte e manutenção com 0,17, o comércio com 0,16 e finalmente os serviços do governo com 0,13. Olhando para todas as atividades, os maiores índices ficaram com a agricultura, silvicultura, exploração florestal (1,68) e a indústria de alimentos e bebidas (1,2).

A partir dos dados das Contas Nacionais, foi possível caracterizar e analisar a estrutura da economia olhando para os três setores e também, com mais detalhes, para as atividades classificadas como serviços. De forma agregada, percebemos que o setor de serviços é o maior responsável pelo valor da produção, pela geração de valor

adicionado bruto, pela massa de salário e empregos, embora a sua produtividade e o salário médio pago no setor fiquem abaixo dos valores encontrados na indústria. Observamos também que o setor de serviços apresenta uma grande autonomia em relação à agropecuária e à indústria, na medida em que grande parte da demanda pelas atividades vem da demanda final (consumo das famílias) e do próprio setor, que supre também grande parte das necessidades do consumo intermediário.

A análise mais detalhada, a partir do agrupamento dessas atividades, permitiu estabelecer uma separação entre serviços que apresentam características e dinâmicas muito diferentes entre si, e que na verdade, não deveriam constituir um setor único. Os serviços pessoais, do governo e em menor medida o comércio, se destacaram entre os grupos com os maiores valores da produção, valor adicionado bruto, massa de salários e empregos. Os serviços financeiros mostraram-se como os mais produtivos e com maiores salários médios, muito acima dos demais grupos. A análise dos multiplicadores de produção e emprego e do índice de encadeamento mostrou que o desempenho dos grupos de serviços encontra-se muitas vezes abaixo da indústria, com destaque para o baixo grau de encadeamento entre os serviços e as demais atividades da economia.

Por fim, é interessante notar que a análise das Contas Nacionais nos permitiu observar que a grande participação dos grupos de serviços pessoais, de serviços do governo, financeiros e do comércio – que incluem atividades fortemente dependentes do que ocorre com a demanda final, ou são suscetíveis à estímulos externos ou ainda possuem uma dinâmica própria – acaba muitas vezes ofuscando a importância das demais atividades de serviços na produção de outros setores e da economia como um todo. Desta forma, a análise do setor de serviços a partir dos dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS) – que, além de excluir algumas atividades, também traz uma maior desagregação das informações – nos permite observar mais claramente a importância e a dinâmica dessas atividades ao longo do tempo, como mostra o capítulo a seguir.

3. Análise do setor de serviços a partir da Pesquisa Anual de Serviços (PAS)

Neste capítulo, analisamos o setor de serviços a partir dos dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS)²¹, estabelecendo também comparações com o setor industrial através das informações da Pesquisa Industrial Anual (PIA). A primeira parte do capítulo traz a metodologia e apresenta a base de dados. Em seguida é feita a análise geral e comparativa entre serviços e indústria para os anos de 2002 a 2006. A terceira parte inicia com uma comparação geral entre os serviços e a indústria para o período de 2007 a 2012, trazendo também a análise dos dados de forma desagregada, a partir da proposta de agrupamento das atividades de serviços.

3.1. Metodologia e dados da PAS

A Pesquisa Anual de Serviços (PAS), iniciada em 1998 pelo IBGE, traz as informações sobre as atividades que compõem o setor de serviços no Brasil excetuando-se os dados sobre o comércio, a saúde, a educação e as atividades financeiras. Até 2006, os dados eram divulgados na classificação CNAE 1.0, porém para adequar-se às normas internacionais, a classificação foi alterada para CNAE 2.0²² a partir de 2007. De acordo com a nova classificação, o setor está dividido em: i) serviços prestados principalmente às famílias; ii) serviços de informação e comunicação; iii) serviços profissionais, administrativos e complementares; iv) transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios; v) atividades imobiliárias; vi) serviços de manutenção e reparação; e vii) outras atividades de serviços.

²¹ Embora as informações da PAS sirvam de base para a elaboração das Matrizes das Contas Nacionais, não é possível estabelecer comparações entre elas, razão pela qual optamos por realizar as análises em capítulos distintos.

²² A CNAE versão 2.0 tem como base a revisão 4 da Clasificación Industrial Internacional Uniforme de todas las Actividades Económicas - CIIU (International Standard Industrial Classification - ISIC), sendo aprovada pela Comissão Nacional de Classificação - CONCLA, através da Resolução CONCLA nº 1/2006, de 04.09.2006, publicada no Diário Oficial da União em 05.09.2006. Tomando 2008 como ano de referência, as bases retroagiram apenas ao ano de 2007.

Por conta da alteração na classificação das atividades, não é possível estabelecer comparações entre as bases de CNAEs diferentes, sendo necessária a separação dos dados em dois grandes períodos: 2002 a 2006 (CNAE 1.0) e 2007 a 2012 (CNAE 2.0). Para o primeiro período, de 2002 a 2006, foi feita a análise agregada dos dados, com o objetivo de observar a evolução do setor de forma geral. Já a partir de 2007, também foi possível analisar a dinâmica entre as atividades que compõem o setor, em especial no que se refere à variação da participação dos diferentes grupos. Assim como feito anteriormente na análise dos dados das Contas Nacionais, aqui também propomos uma forma de agrupamento das atividades de serviço de acordo com suas características comuns. Por fim, utilizamos os dados agregados da Pesquisa Industrial Anual (PIA)²³, na tentativa de estabelecer algumas comparações entre os setores de forma agregada.

3.2. Análise dos dados da PAS para o período de 2002 a 2006

A comparação entre os setores, a partir dos dados da PAS e da PIA para o período de 2002 a 2006, mostrou que o setor de serviços se destaca em relação à indústria quando analisamos o número de empresas e o pessoal ocupado no setor, como mostra a tabela 7. Enquanto a média do período mostra que o número de estabelecimentos prestadores de serviço superou o número de empresas industriais em 619% a média de trabalhadores alocados em serviços superou em 14% o número de empregados da indústria. Porém, a análise da massa de salários anual mostra que os valores pagos pelo setor de serviços atingem em média 77% do valor da indústria. O desempenho dos serviços é ainda mais baixo se considerarmos o valor adicionado e a receita. A média de 2002 a 2006 mostrou que os serviços geram apenas 35% da receita e 45% do valor adicionado do setor industrial.

²³ Informações totais da indústria, considerando manufatura e extrativa.

Tabela 7 – Evolução do setor de serviços em relação à indústria para variáveis selecionadas – 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006	Média
Número de empresas	680%	605%	601%	604%	603%	619%
Pessoal ocupado	122%	107%	108%	116%	119%	114%
Salários, retiradas e outras remunerações	80%	73%	74%	77%	80%	77%
Valor adicionado	46%	41%	42%	47%	49%	45%
Receita Operacional Líquida	37%	33%	32%	35%	37%	35%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PIA e PAS/IBGE, 2002 a 2006

Alguns indicadores como a produtividade, o salário médio e o pessoal ocupado por empresa reforçaram a análise da relação entre os setores, como mostra a tabela 8. Ao longo de todo o período, pudemos perceber que a produtividade do trabalho no setor de serviços é muito baixa em relação à indústria, em média 39%. O ano de 2006 registrou o maior valor, aproximadamente 41%, e o menor foi observado em 2002, com os serviços atingindo 38% da produtividade da indústria. Em relação ao crescimento, entre 2002 e 2006, a produtividade dos serviços aumentou 45% enquanto na indústria o crescimento foi de 35%. A diferença é menor quando observamos o salário médio, com o setor de serviços atingindo 67% do valor pago na indústria, sendo o maior valor encontrado em 2003 quando essa relação chegou a 69%. A evolução dos indicadores foi muito próxima, tendo os salários no setor de serviços crescido 41% e na indústria aumentado 40%. Considerando o pessoal ocupado por empresa, o setor de serviços apresentou uma média de 8 trabalhadores, equivalente a 19% do valor da indústria, que registrou 44 empregados. Por fim, a comparação entre as receitas médias por empresa mostrou que novamente os serviços atingiram um valor muito abaixo da indústria, em média 6%, sendo o maior valor encontrado em 2006 quando chegou a 6%. Porém, os serviços apresentaram uma maior taxa crescimento entre 2002 e 2006, sendo de 63% contra 48% do setor industrial.

Tabela 8 – Desempenho do setor de serviços em relação à indústria para os indicadores selecionados, em percentual – 2002 a 2006

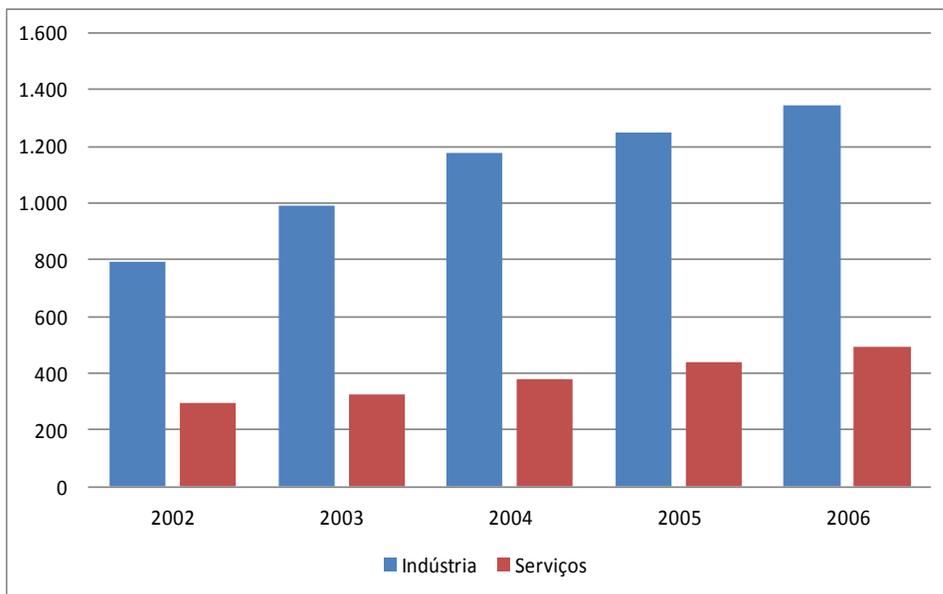
	2002	2003	2004	2005	2006	Média
Produtividade	38%	39%	39%	40%	41%	39%
PO médio	18%	18%	18%	19%	20%	19%
Salário médio	66%	69%	68%	66%	67%	67%
Receita média	6%	5%	5%	6%	6%	6%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PIA e PAS/IBGE, 2002 a 2006

Esta breve caracterização teve como objetivo explicitar a grande diferença existente entre o setor de serviços e a indústria a partir das variáveis e indicadores de desempenho setorial. Passaremos a seguir para a análise da evolução da receita, do valor adicionado, do pessoal ocupado e do número de empresas entre 2002 e 2006, ressaltando novamente a comparação interssetorial.

A receita operacional líquida (ROL) do setor de serviços totalizou R\$ 492,2 bilhões em 2006, como mostra o gráfico 14, representando um aumento de 66% em relação ao início da série em 2002. A indústria fechou 2006 com uma ROL equivalente à R\$ 1.343,5 bilhões e um crescimento de 69% no período.

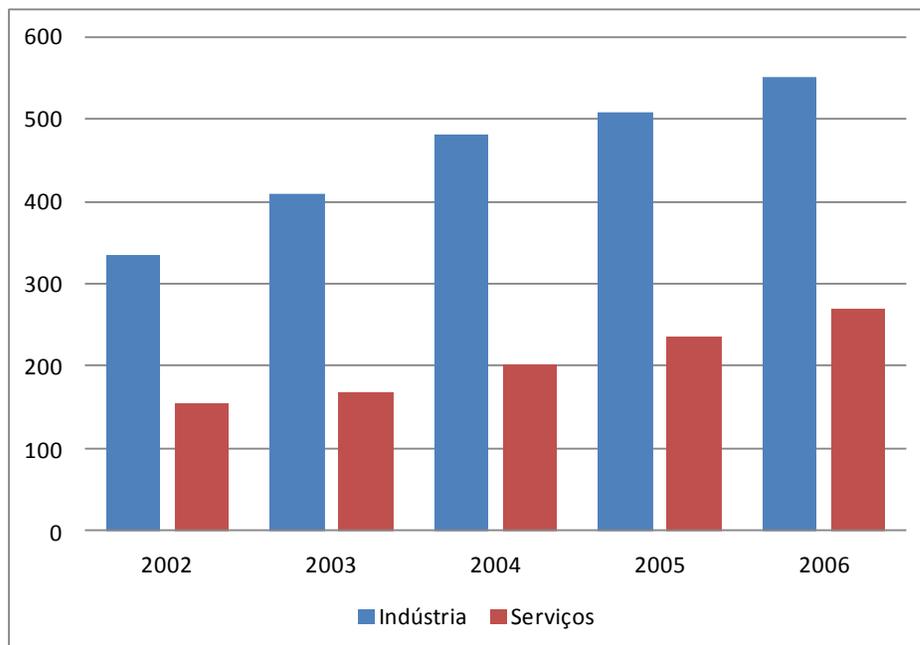
Gráfico 14 – ROL da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2002 a 2006



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2002 a 2006.

O valor adicionado (VA) pelos serviços, como mostra o gráfico 15, atingiu R\$ 269,3 bilhões em 2006 representando um aumento de 73,2% em relação ao início da série. Já na indústria, o VA em 2006 foi de R\$ 551,8 bilhões, com crescimento de 64,7% em relação à 2002.

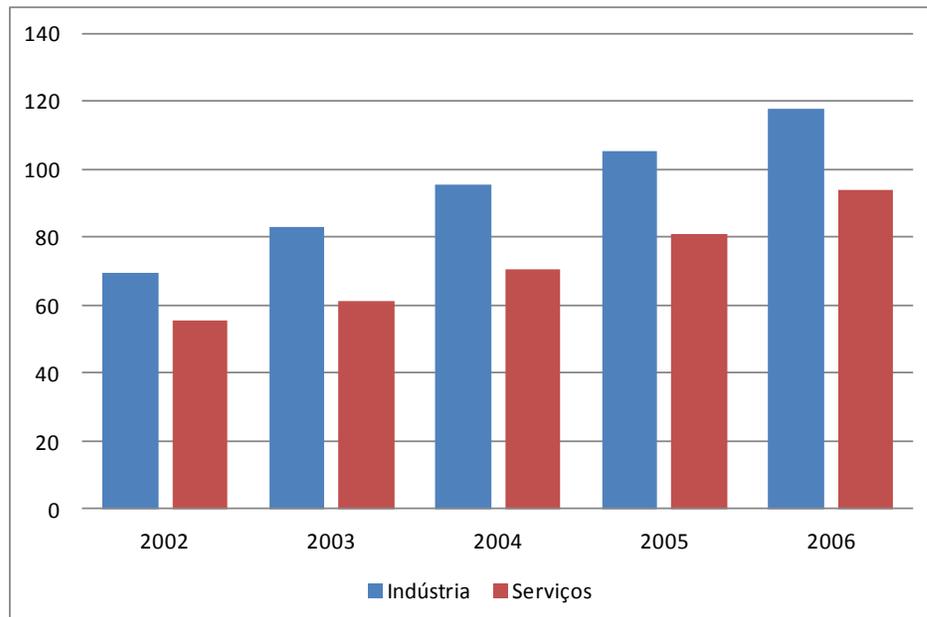
Gráfico 15 – VA na indústria e no setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2002 a 2006



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2002 a 2006.

O crescimento da massa de salários no setor de serviços entre 2002 e 2006 foi de 68,4% chegando a R\$ 94 bilhões no último ano considerado enquanto na indústria, os salários pagos atingiram R\$ 118 bilhões em 2006, representando um crescimento de 70% em relação a 2002, como mostra o gráfico 16.

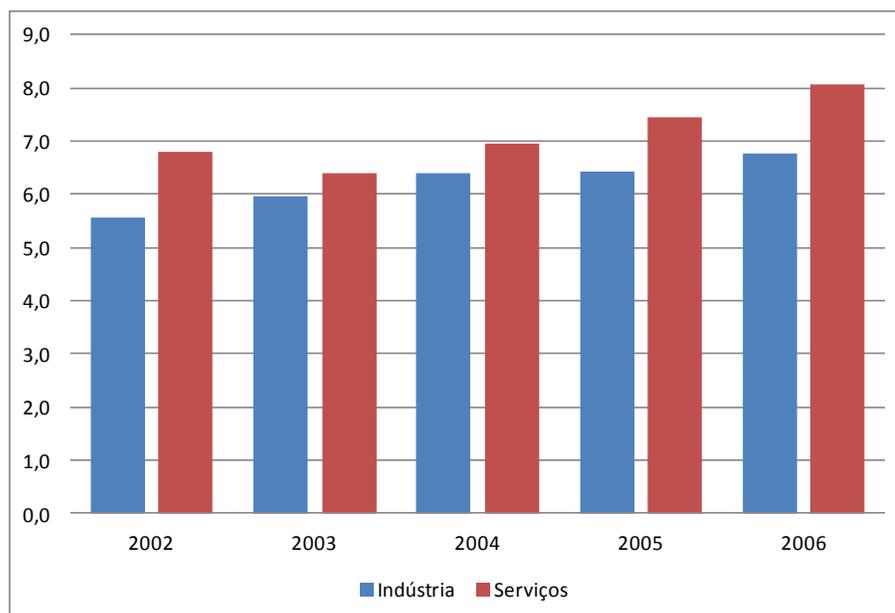
Gráfico 16 – Salários, retiradas e outras remunerações da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2002 a 2006



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2002 a 2006.

O gráfico 17 mostra que o setor de serviços concentra a maior parte do pessoal ocupado (PO), partindo de 6,8 milhões em 2002 para 8,08 milhões de trabalhadores em 2006, representando um crescimento de 19,1%. Na indústria, o crescimento foi de 22% entre 2002 e 2006, sendo que neste último ano os empregos somaram 6,76 milhões, quase o equivalente às vagas do setor de serviços no início da série.

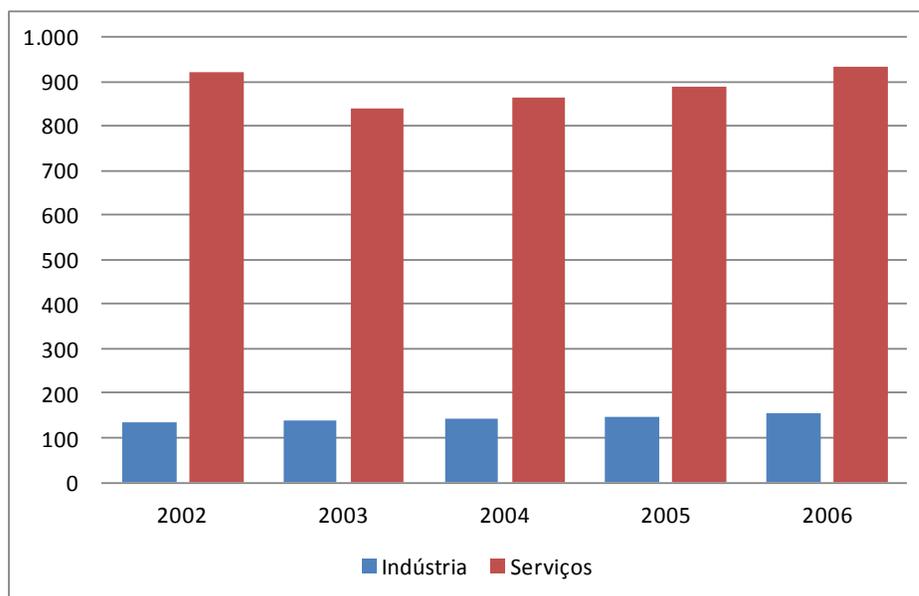
Gráfico 17 – PO na indústria e em serviços, em milhões – 2002 a 2006



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2002 a 2006.

Com relação ao o número de empresas, novamente, os serviços se destacam, como podemos observar no gráfico 18. O número de empresas prestadoras de serviços cresceu 1,7% entre 2002 e 2006, fechando o período em 934.846 estabelecimentos. Observamos que apenas em 2003 o número de empresas prestadoras de serviços apresentou redução (-8,8% em relação a 2002), mantendo expansão contínua nos anos posteriores. Já na indústria, o crescimento no número de empresas entre 2002 e 2006 foi de 15%, totalizando 154.987 estabelecimentos no último ano da série.

Gráfico 18 – Número de empresas da indústria e de serviços, em mil unidades – 2002 a 2006



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2002 a 2006.

Por conta da mudança de CNAE a partir de 2007, as informações referentes ao período posterior a 2006 necessitam ser trabalhadas separadamente. As alterações realizadas trouxeram uma maior desagregação dos dados, permitindo a análise mais detalhada dos serviços, viabilizando também a proposta de agregação das atividades dentro do setor, como mostrado a seguir.

3.3. Análise dos dados da PAS para o período de 2007 a 2012

A análise do período de 2007 a 2012 mostrou que o número de empresas do setor de serviços foi, em média, 311% maior do que o número de empresas industriais, se destacando também com relação ao volume de trabalhadores, com uma média de 123% acima dos empregados na indústria. Para as demais variáveis, como mostra a tabela 9, a relação é invertida. A média da massa de salários paga pelo setor de serviços foi equivalente a 88% do valor desembolsado pelo setor industrial. Com

relação à geração de receitas e valor adicionado, a comparação com o setor industrial mostrou que os serviços atingiram em média 43% e 59% dos valores daquela, respectivamente.

Tabela 9 – Evolução do setor de serviços em relação à indústria para variáveis selecionadas – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
Número de empresas	280%	269%	297%	323%	347%	352%	311%
Pessoal ocupado	111%	115%	121%	124%	132%	137%	123%
Salários, retiradas e outras remunerações	80%	82%	86%	90%	94%	94%	88%
Valor adicionado	52%	51%	62%	60%	62%	68%	59%
Receita Operacional Líquida	38%	38%	44%	44%	45%	47%	43%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PIA e PAS/IBGE, 2007 a 2012

A comparação entre os setores no que se refere à produtividade do trabalho revela que os serviços apresentaram, em média, 48% da produtividade da indústria, com grande variação deste percentual ao longo do período, sendo o menor valor encontrado em 2008 (44,5%) e o maior em 2009 (51%). A taxa de crescimento da produtividade dos serviços entre 2007 e 2012 foi de 50%, enquanto que para a indústria o percentual foi de 40%. A diferença entre os setores se reduz quando analisamos salário médio. Entre 2007 e 2012 os serviços alcançaram, em média, 71% do salário médio pago na indústria, sendo que essa proporção se manteve relativamente estável, com destaque apenas para o ano de 2010, quando chegou a 73%. Em termos de crescimento, a expansão da massa de salários entre 2007 e 2012 no setor de serviços foi de 49% enquanto para o setor industrial foi de 55%. A média de pessoas ocupadas por empresa de serviços correspondeu a 40% do valor da indústria, em média 11 empregados contra 27 trabalhadores. Essa distância diminuiu em 2008, quando chegou a 43%, aumentando ao longo dos anos até 2011 quando registra o menor valor, equivalente a 38%. A receita média por empresa prestadora de serviços em relação à indústria atingiu percentuais muito baixos, com uma média do período de 14%. Os

valores se aproximaram um pouco mais em 2009 (15%) se afastando novamente em 2011 (13%), como pode ser observado abaixo na tabela 10.

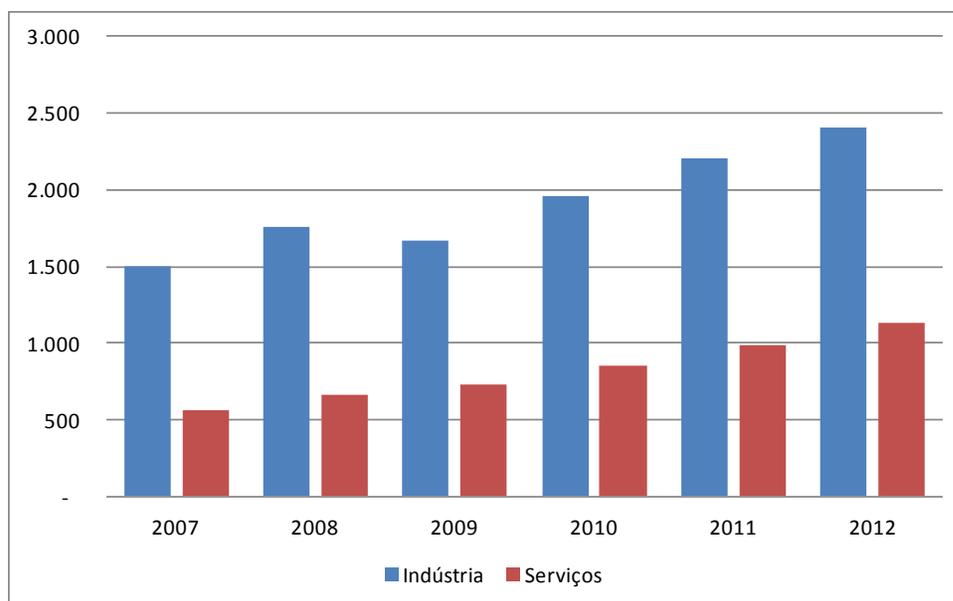
Tabela 10 – Evolução do setor de serviços em relação à indústria para os indicadores selecionados, em percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
Produtividade	47%	44%	51%	48%	47%	50%	48%
PO médio	40%	43%	41%	39%	38%	39%	40%
Salário médio	72%	72%	71%	73%	71%	69%	71%
Receita média	13%	14%	15%	14%	13%	13%	14%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PIA e PAS/IBGE, 2007 a 2012

Quando analisamos receita operacional líquida (ROL), o gráfico 19 mostra que o crescimento ao longo de todo o período, foi de 100,6% para os serviços e 60,8% para a indústria, atingindo R\$ 1.133 bilhões e R\$ 2.410 bilhões em 2012, respectivamente.

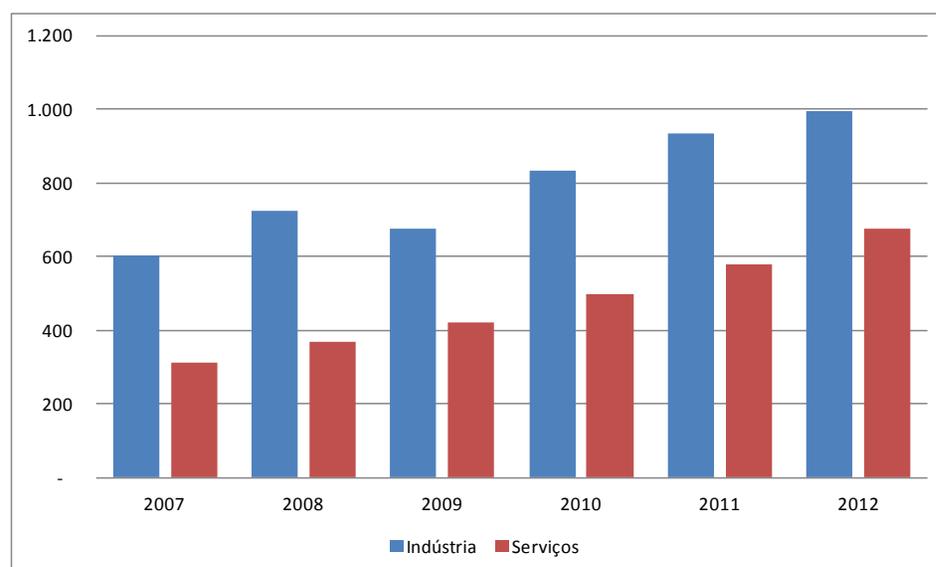
Gráfico 19 – ROL da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2007 a 2012



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2007 a 2012.

O gráfico 20 mostra a comparação entre a indústria e os serviços no que se refere à geração do valor adicionado (VA). Para o setor de serviços, a taxa de crescimento entre 2007 e 2012 foi de 116,5%, equivalente a R\$ 675 bilhões no último ano da série. Na indústria, o crescimento no período foi de 65,2%, tendo o VA atingido R\$ 993 bilhões em 2012.

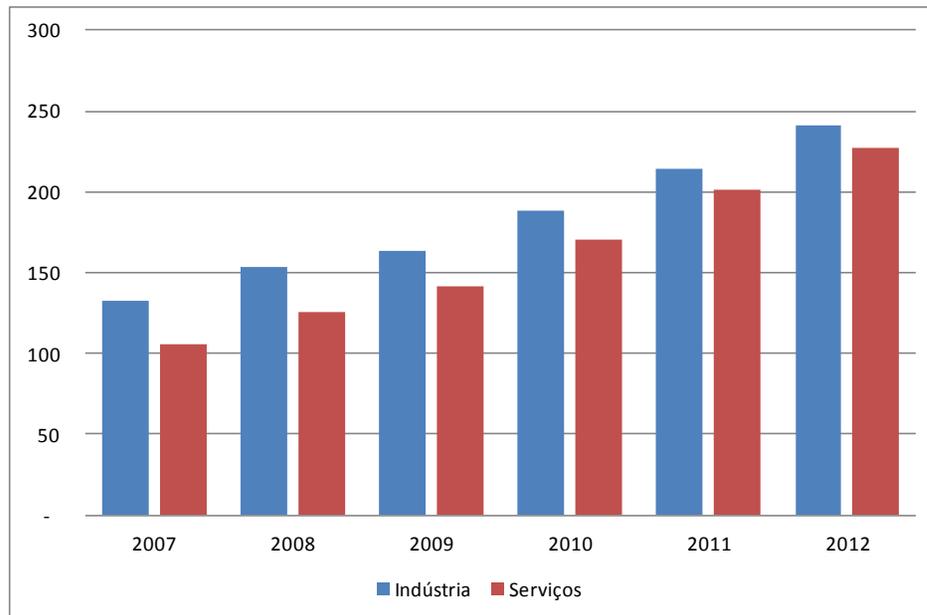
Gráfico 20 – VA na indústria e no setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2007 a 2012



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2007 a 2012.

Já em relação aos salários retirados e outras remunerações, observamos que no ano de 2012, como mostra o gráfico 21, a massa de salários paga no setor de serviços foi de R\$ 227 bilhões e na indústria R\$ 241 bilhões, com uma taxa de crescimento, em relação à 2007, de 115% e 82,4%, respectivamente.

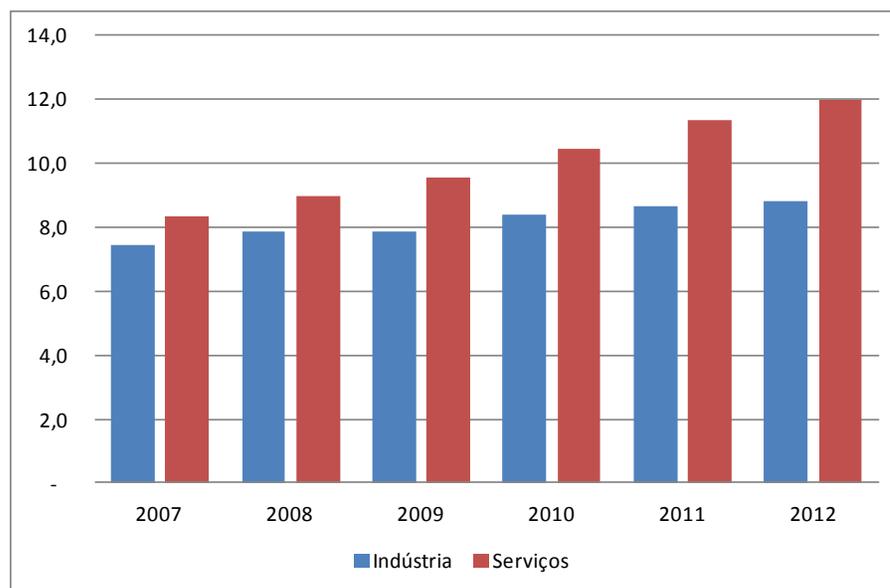
Gráfico 21 – Salários, retiradas e outras remunerações da indústria e do setor de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) – 2007 a 2012



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2007 a 2012.

Observamos uma inversão quando analisamos o pessoal ocupado (PO), com o setor de serviços sendo responsável pela maior parte dos empregos e a diferença entre os setores aumentando ao longo do período. A taxa de crescimento entre 2007 e 2012 foi de 44,2% para os serviços e de 17,8% para a indústria, totalizando em 2012, como observado no gráfico 22, com 12 e 8,8 milhões de pessoas empregadas, respectivamente.

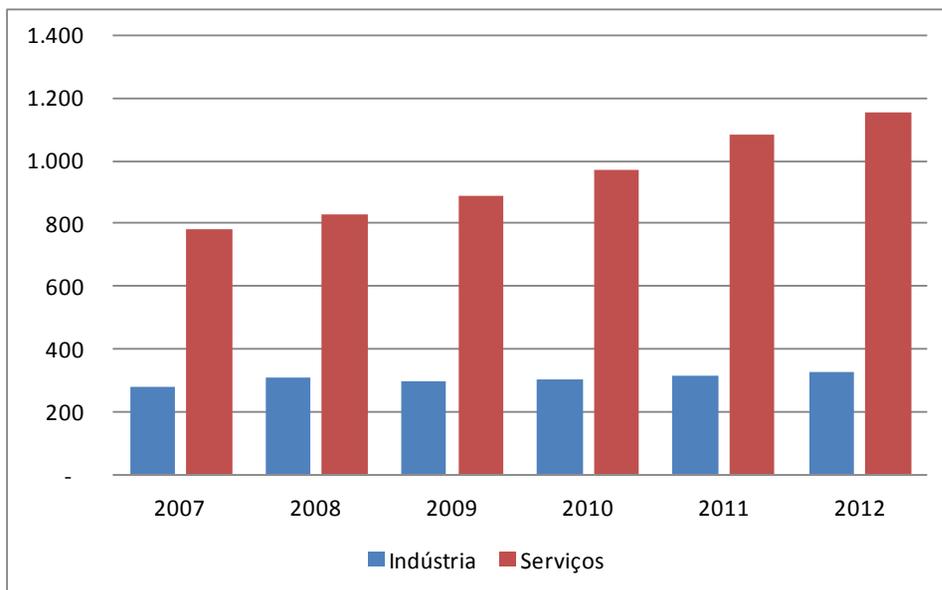
Gráfico 22 – PO na indústria e no setor de serviços, em milhões – 2007 a 2012



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2007 a 2012.

Finalmente, o gráfico 23 mostra que o setor de serviços também se destaca em relação ao número de empresas registradas no setor. O crescimento entre 2007 e 2012 foi de 17,5% na indústria e 47,5% em serviços, atingindo no último ano aproximadamente 328,7 mil e 1,15 milhões de empresas, respectivamente.

Gráfico 23 – Número de empresas da indústria e do setor de serviços, em mil unidades – 2007 a 2012



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS (IBGE), 2007 a 2012.

A análise agregada realizada nesta seção nos permitiu comparar o setor de serviços e a indústria a partir das diversas variáveis e indicadores selecionados. Porém, por conta da grande heterogeneidade, que de certa forma permanece, mesmo após a exclusão de algumas atividades, a análise do setor de serviços de forma mais precisa demanda a abertura deste, permitindo uma melhor compreensão de sua dinâmica e evolução, tema da próxima seção.

3.3.1. Uma proposta de agregação para as atividades de serviço na PAS

Para a análise dos dados da PAS, as atividades foram agrupadas de acordo com suas características comuns, da seguinte forma: serviços às empresas; serviços pessoais; serviços de transporte e manutenção; outras atividades de serviços. A justificativa para a escolha da forma de agregação das atividades segue a mesma

lógica da agregação proposta para as Contas Nacionais, apresentando pequenas variações de acordo com a necessidade e a forma de disponibilização dos dados.

O grupo de serviços prestados às empresas apresenta uma divisão entre “serviços sofisticados”²⁴ e “serviços não sofisticados”²⁵, de acordo com os indicadores de produtividade e salário médio obtidos com a análise geral dos dados. Ao grupo original de serviços prestados às famílias foram acrescentadas as atividades imobiliárias²⁶ criando o grupo serviços pessoais. Os serviços de transporte e manutenção contemplam as atividades de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio e os serviços de manutenção e reparação. Por fim, a categoria de outras atividades de serviços foi mantida como na original²⁷, contemplando atividades muito distintas das demais e entre si.

A agregação proposta busca considerar a heterogeneidade que ainda permanece entre as atividades dentro do setor de serviços mesmo com a exclusão dos dados do comércio, dos serviços financeiros e dos serviços de saúde e educação. Essa heterogeneidade se expressa na grande discrepância entre as atividades no que se refere à geração de receitas, valor adicionado, salários, empregos e outros indicadores como a produtividade, o salário médio e o número de trabalhadores por empresa.

3.3.2. Análise dos grupos de serviços da PAS para o período de 2007 a 2012

A análise dos indicadores de desempenho foi feita através da comparação entre os grupos de serviço. Para os indicadores de produtividade e salário médio, os serviços sofisticados se destacaram com os maiores valores, tendo o grupo de outros serviços apresentado o maior valor para a receita média. Sendo assim, as tabelas a

²⁴ Serviços sofisticados: serviços de informação e comunicação; serviços técnico-profissionais; aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros; e outros serviços prestados principalmente às empresas.

²⁵ Serviços não sofisticados: seleção, agenciamento e locação de mão de obra; agências de viagens, operadores turísticos e outros serviços de turismo; serviços de investigação, vigilância, segurança e transporte de valores; serviços para edifícios e atividades paisagísticas; e serviços de escritório e apoio administrativo.

²⁶ Decisão com base na análise dos dados das Contas Nacionais mostrou que o consumo das famílias responde por aproximadamente 80% das atividades imobiliárias e aluguéis

²⁷ Na PAS, o grupo “outras atividades de serviços” é composto por: serviços auxiliares da agricultura, pecuária e produção florestal; serviços auxiliares financeiros, dos seguros e da previdência complementar; e esgoto, coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

seguir mostram o desempenho dos demais grupos em relação à atividade que se destacou no cálculo do indicador.

Os serviços sofisticados – dentro do grupo de serviços às empresas – se destacaram com a maior produtividade em todos os anos. Analisando a média de desempenho dos demais grupos, como mostra a tabela 11, o grupo de outros serviços apresentou 67,6% da produtividade dos serviços sofisticados, os serviços de transporte e manutenção 51,6%, os serviços pessoais 26,2% e os serviços às empresas não sofisticados apenas 22,8%. Podemos perceber que embora seja relativamente baixa, a produtividade dos serviços pessoais e dos serviços não sofisticados diminuiu a distância ao longo do tempo, atingindo em 2012 30,4% e 25,2% respectivamente. O grupo de outros serviços também reduziu a distância em relação à produtividade dos serviços sofisticados, chegando a 77,1% em 2012 enquanto os serviços de transporte e manutenção apresentaram um comportamento oscilante, mas em geral também crescente, atingindo 55,9% em 2012. Essa movimentação é justificada pelas diferentes taxas de crescimento da produtividade ao longo do período. Os serviços pessoais foram o que mais expandiram sua produtividade com um aumento de 82,5%, seguido pelo grupo de outros serviços com 65,5% e os serviços não sofisticados com 58,3%. Já os serviços de transporte e manutenção tiveram um aumento de produtividade de 52,8% e os serviços sofisticados de apenas 30,7%.

Tabela 11 – Produtividade relativa entre os grupos de serviços, em percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
Serviços pessoais	21,7%	22,6%	25,8%	27,2%	29,4%	30,4%	26,2%
Serviços às empresas							
sofisticados	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100,0%
não-sofisticados	20,8%	21,1%	21,8%	22,8%	24,9%	25,2%	22,8%
Serviços de transporte e manutenção	47,8%	48,6%	48,1%	52,2%	57,1%	55,9%	51,6%
Outros serviços	60,8%	63,1%	64,8%	65,5%	74,4%	77,1%	67,6%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Os serviços sofisticados também apresentaram a maior média salarial em relação aos demais. Novamente, o grupo dos outros serviços foi o que mais se aproximou, pagando 78,2% do salário médio dos serviços sofisticados, seguido pelos serviços de transporte e manutenção com 72%, como mostra a tabela 12. Já os serviços não sofisticados e os serviços pessoais – os dois grupos com salário médio abaixo da média do setor – atingiram 44,3% e 38,5% do valor dos serviços sofisticados. Podemos observar que os valores relativos para todos os grupos apresentaram oscilação ao longo do período, com queda entre 2009 e 2010, tendo voltado a se aproximar dos valores pagos pelos serviços sofisticados nos dois últimos anos. As taxas de crescimento do salário médio foram mais equilibradas, sendo que o maior valor foi observado no grupo de outros serviços (60,7%), seguidos pelos serviços não sofisticados (56,6%) e pelos serviços pessoais (51,5%). Os menores valores ficaram novamente com os serviços de transporte e manutenção e com os serviços sofisticados, sendo de 44,6% e 42,1% respectivamente.

Tabela 12 – Salário médio relativo entre os grupos de serviços, em percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
Serviços pessoais	38,4%	35,9%	39,2%	38,0%	38,7%	40,9%	38,5%
Serviços às empresas							
sofisticados	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100,0%
não-sofisticados	43,4%	42,8%	44,3%	42,7%	44,8%	47,8%	44,3%
Serviços de transporte e manutenção	72,9%	71,1%	72,3%	69,3%	72,2%	74,2%	72,0%
Outros serviços	74,5%	81,4%	78,3%	72,9%	77,9%	84,3%	78,2%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Com relação à média de pessoal ocupado por empresa, observamos na tabela 13 que os serviços não sofisticados e os outros serviços são os grupos que apresentam valores acima da média, sendo 42 para este e 15 para aquele. As empresas prestadoras de serviços de transporte e manutenção contam com uma média de 11 trabalhadores cada e as de serviços sofisticados e de serviços pessoais com aproximadamente 7 empregados. A taxa de crescimento entre 2007 e 2012 foi negativa

para o setor como um todo (-2,2%), assim como para determinados grupos como: os serviços não sofisticados (-30,2%), os outros serviços (-19,8%) e os serviços de transporte e manutenção (-1%). O crescimento foi observado apenas nos grupos de serviços sofisticados, com 10,7% e nos serviços pessoais com 0,9%.

Tabela 13 – Média de pessoal ocupado por empresa por grupo de serviços, em nº de trabalhadores – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
TOTAL	10,6	10,8	10,7	10,8	10,5	10,4	10,6
Serviços pessoais	6,8	7,0	6,8	6,8	6,8	6,8	6,8
Serviços às empresas	13,4	13,4	13,4	13,4	13,1	13,0	13,3
sofisticados	6,8	6,8	7,0	7,2	7,3	7,5	7,1
não-sofisticados	46,7	47,1	44,2	42,0	38,0	32,6	41,8
Serviços de transporte e manutenção	11,2	11,6	11,6	11,7	11,2	11,0	11,4
Outros serviços	15,9	15,6	14,9	14,7	13,3	12,8	14,5

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Por fim, a tabela 14 mostra que o grupo de outros serviços apresentou o maior valor de receita média por empresa, tendo os serviços sofisticados e não sofisticados registrado valores muito próximos, equivalentes 88% e 80,9% respectivamente. Um pouco mais distante ficaram os serviços de transporte e manutenção, com uma média de 82,4% e os serviços pessoais alcançando apenas 21,2%. Vale destacar novamente que embora tenha apresentado baixos valores, os serviços pessoais diminuíram a distância ao longo do período, atingindo 23,4% em 2012, enquanto os demais grupos apresentaram um comportamento oscilante, chegando a aumentar a distância, como foi o caso dos serviços não sofisticados.

Tabela 14 – Receita média relativa entre os grupos de serviços, em percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Média
Serviços pessoais	18,7%	18,9%	21,3%	22,0%	22,8%	23,4%	21,2%
Serviços às empresas							
sofisticados	88,5%	87,5%	90,9%	87,7%	84,9%	88,3%	88,0%
não-sofisticados	84,5%	85,2%	86,2%	82,4%	78,5%	68,9%	80,9%
Serviços de transporte e manutenção	79,1%	81,9%	81,9%	86,4%	84,2%	80,8%	82,4%
Outros serviços	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

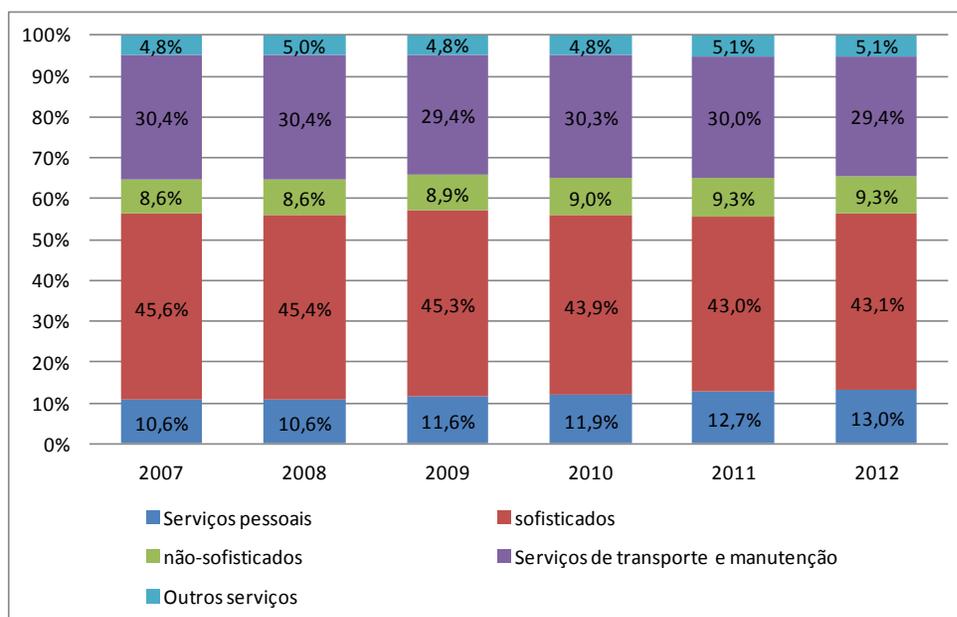
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

A receita operacional líquida (ROL) total gerada em 2012 foi de aproximadamente R\$ 1,13 tri, representando um crescimento de 100,6% em relação à 2007. O grupo de serviços às empresas, que nos três primeiros anos respondeu por 54% da geração dessa receita – 45% vindo dos serviços sofisticados e 9% dos não sofisticados – teve uma pequena perda de participação nos anos seguintes, mais pronunciada em 2010, chegando a 52% em 2012, equivalente à R\$ 594 bilhões. Os serviços não sofisticados apresentaram crescimento ao longo do período, saindo de 8,6% em 2007 para 9,3% em 2012, porém a perda de participação do grupo se deu por conta do desempenho dos serviços sofisticados, como mostra o gráfico 24. Entre os serviços sofisticados, os que apresentam maior participação na geração de receitas são as telecomunicações, que iniciaram 2007 com participação no total das receitas de aproximadamente 18,8% e caíram constantemente até atingirem 14,4% em 2012; e os serviços técnico-profissionais que, em sentido contrário, elevaram sua participação total de 9,9% para 10,7% ao final do período.

Nos anos de redução de participação dos serviços às empresas o grupo que se destacou foi o dos serviços pessoais, com ganhos crescentes de participação a partir de 2008 e que atingiram 13% em 2012 somando R\$ 147,6 bilhões. Os outros serviços mantiveram sua participação em torno de 5%, equivalendo a R\$ 58 bilhões ao final do período. Os serviços de transporte e manutenção se destacaram como a segunda

maior participação na ROL, oscilando em torno de 30% chegando a R\$ 333 bilhões em 2012.

Gráfico 24 – Participação dos grupos de serviços na ROL, em percentual – 2007 a 2012



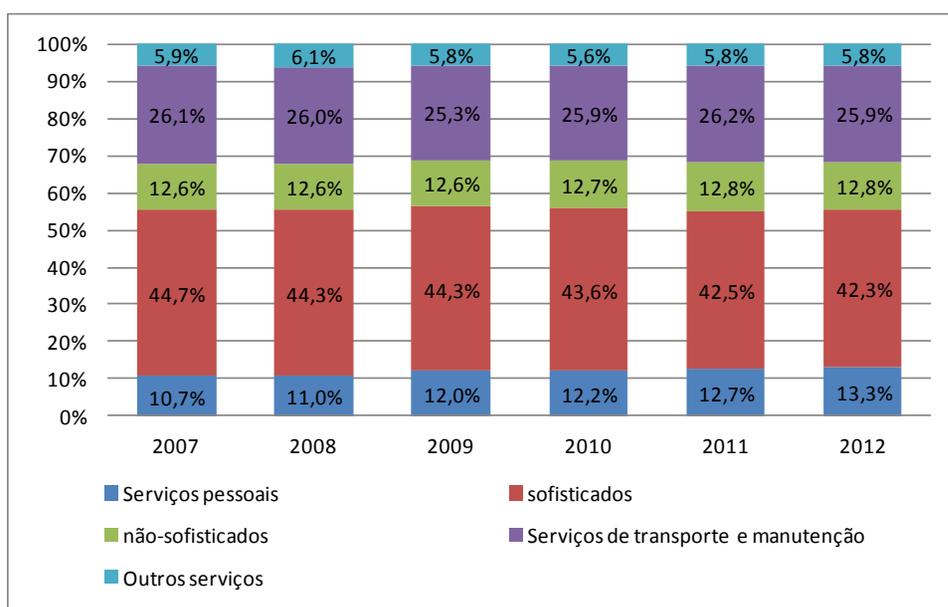
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS – IBGE, 2007 a 2012.

A geração de valor adicionado (VA) dos grupos em 2012 atingiu R\$ 675,2 bilhões, 116,5% maior que no ano de 2007. Mais uma vez, os serviços às empresas se destacaram dos demais grupos, respondendo por mais de 50% do VA gerado, embora o percentual tenha apresentado pequena queda ao longo de toda a série. A participação dos serviços às empresas, que em 2007 era de 57,3% - sendo 44,7% dos serviços sofisticados e 12,6% dos não sofisticados – atingiu 55,1% em 2012, equivalente à R\$ 371,7 bilhões. Os serviços não sofisticados praticamente mantiveram sua participação, enquanto os serviços sofisticados apresentaram uma queda maior, em especial nos anos de 2010 e 2011, com destaque para as telecomunicações que mantinham 15,3% em 2007 e foram para 10,5% em 2012.

Podemos observar, a partir do gráfico 25, que mais uma vez o grupo dos serviços pessoais ganhou participação em relação aos demais grupos, elevando

sistematicamente seu percentual ao longo de todo o período, partindo de 10,7% e atingindo 13,3% (R\$ 89,7 bilhões) em 2012. Os serviços de transporte e manutenção mantiveram a segunda posição na contribuição do VA, oscilando em torno de 26% ao longo do período, somando R\$ 38,8 bilhões ao final de 2012. Já o grupo de outros serviços apresentou pequena variação de participação, chegando a 5,8% em 2012, equivalente a R\$ 38,9 bilhões.

Gráfico 25 – Participação dos grupos de serviços no VA, em percentual – 2007 a 2012



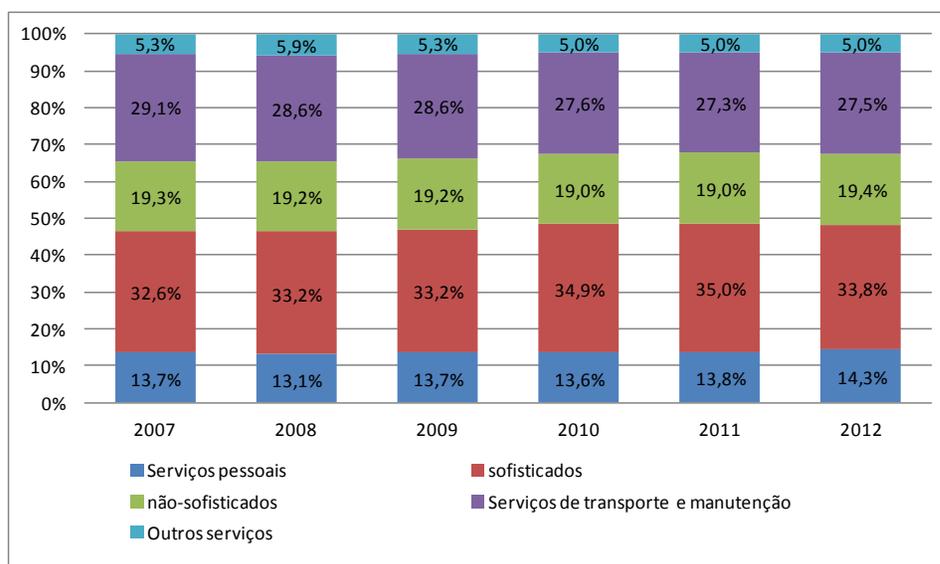
Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS – IBGE, 2007 a 2012.

Analisando os salários, retiradas e outras remunerações, em 2012 o setor como um todo pagou o equivalente a R\$ 227 bilhões, sendo a maior parte vinda novamente dos serviços às empresas, com participação de 53,2% do total de salários (R\$ 120,8). Dentro deste grupo, os serviços sofisticados respondem, em média por 33,8% do total dos salários pagos apresentando um crescimento de participação entre 2007 e 2011, quando saiu de 32,6% para 35%. Este crescimento se dá por conta da expansão de participação dos grupos menores, com destaque para os serviços técnico-

profissionais (10,4% para 12,5%), a tecnologia da informação (8,3% para 9%) e os aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros (1,7% para 2,3%) uma vez que as telecomunicações perderam participação considerável de 4,5% para 3,7%. Os serviços sofisticados perderam participação então em 2012, atingindo 33,8% (R\$ 76,7 bilhões) enquanto os serviços não sofisticados sofreram uma pequena queda entre 2008 e 2011, retomando a participação de 19,4% em 2012 (R\$ 44 bilhões).

Como mostra o gráfico 26, os serviços de transporte e manutenção se mantiveram como o segundo grupo de importância no volume de salários pagos por ano, atingindo R\$ 62,3 bilhões (27,5%) em 2012, a pesar da queda de participação entre 2007 e 2011, quando sai de 29,1% e chega a 27,3%. Os serviços pessoais apresentaram um comportamento oscilante, registrando participação de 13,7% em 2007, reduzindo este percentual em 2008 e 2010, mas atingindo 14,3%, equivalente a R\$ 32,4 bilhões em 2012. Já os outros serviços iniciam 2007 com participação de 5,3%, com crescimento em 2008 e queda nos dois anos seguintes estabilizando em 5% (R\$ 11,4 bilhões) ao final da série.

Gráfico 26 – Participação dos grupos de serviços nos salários, retiradas e outras remunerações, em percentual – 2007 a 2012

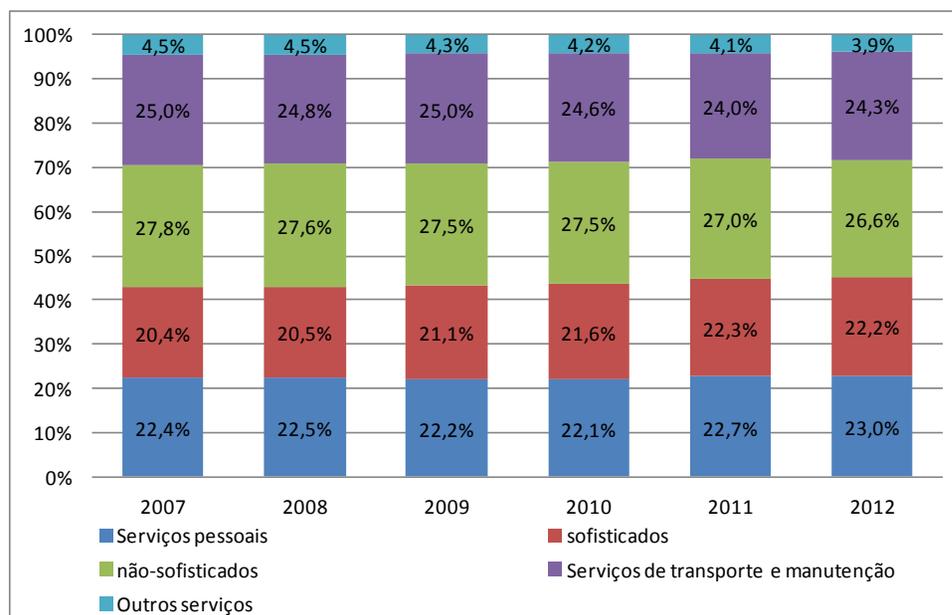


Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS – IBGE, 2007 a 2012.

Outra informação fornecida pela PAS diz respeito ao pessoal ocupado (PO), ou seja, ao estoque de trabalhadores registrado em cada atividade no fechamento do ano. Em 2007 o número total de trabalhadores foi de 8,3 mil chegando a 11,9 milhões em 2012, equivalente a um crescimento de 44,2% ao longo de todo o período. Os serviços às empresas são responsáveis por quase metade dos postos de trabalho, em torno de 48,8% (5,8 milhões pessoas em 2012), porém dentro deste grupo, são os serviços não sofisticados que apresentam maior participação, com 3,1 milhões de trabalhadores, ou seja, 26,6% de todos os postos do setor em 2012, como mostra o gráfico 27. Porém, esse subgrupo perdeu participação ao longo de todo o período, notadamente por conta dos serviços de seleção, agenciamento e locação de mão de obra (8% para 5,8%) e dos serviços para edifícios e atividades paisagísticas (8,8% para 8,4%).

Por outro lado, os serviços sofisticados aumentaram sua participação entre 2007 e 2011 (20,4% para 22,3%), apresentando uma pequena redução em 2012. Esse aumento ocorreu por conta do desempenho dos serviços técnico-profissionais, que passaram de 7,6% para 8,8%, em 2011, mantendo esta participação em 2012; e dos serviços de aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros, que saíram de 1,8% para 2,3%. Em contrapartida, o grupo de outros serviços apresentou perdas ao longo de todo o período, fechando 2012 com participação de 3,9% equivalente a 470.369 postos de trabalho. A participação do setor de transportes e manutenção foi oscilante, fechando a série com 2,9 mil trabalhadores (24,3%) e os serviços pessoais perderam pequena participação em 2009 e 2010, retomando nos anos seguintes até atingir 23% (2,8 milhões empregos) em 2012.

Gráfico 27 – Participação dos grupos de serviços no total do PO, em percentual – 2007 a 2012

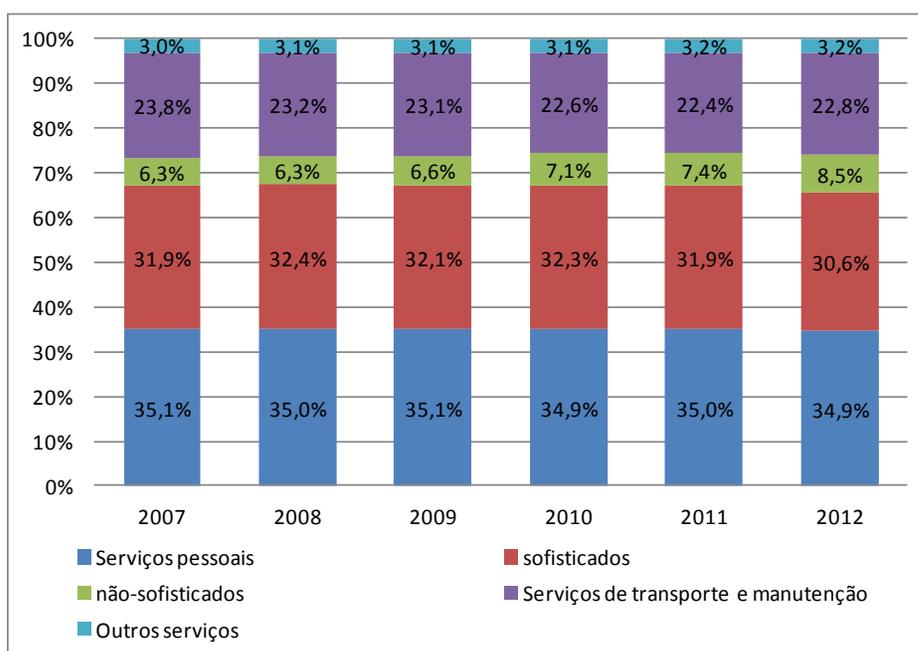


Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS – IBGE, 2007 a 2012.

Por fim, com relação ao número de empresas registradas no setor, a maior parte delas se concentra nos serviços às empresas e nos serviços pessoais. Dentro do primeiro grupo, os serviços não sofisticados apresentaram uma participação menor, porém crescente em todo o período, passando de 6,3% para 8,5%, por conta essencialmente dos serviços de escritório e apoio administrativo, que dobraram sua participação ao longo do período (de 2,4% para 4,8%). Entre os serviços sofisticados, cuja média de participação ao longo do período foi de 32%, observamos uma grande oscilação com uma queda maior em 2012. Esse comportamento ocorreu por conta dos serviços de tecnologia da informação, que após apresentar pequeno ganho de participação, 5,5% em 2009 para 5,7% em 2010, chegaram em 2012 com 4,7%; e dos serviços técnico-profissionais que partindo de 16,2% em 2007, perderam participação em todos os anos, exceto em 2009 quando chegaram a 16,4%, atingindo 14,7% das empresas registradas em 2012. Em relação aos demais grupos, o gráfico 28 mostra que em torno de 35% das empresas são prestadoras de serviços pessoais, com pouca

variação ao longo do período. Os serviços de transporte e manutenção foi o grupo que mais perdeu participação entre 2007 e 2011 (23,8% para 22,4%) com retomada apenas em 2012, chegando a 22,8%. O grupo de outros serviços também se manteve relativamente estável, com ganho de participação entre 2007 e 2012, passando de 3% para 3,2%.

Gráfico 28 – Participação dos grupos de serviços no número de empresas, em percentual – 2007 a 2012



Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA e PAS – IBGE, 2007 a 2012.

A análise a partir dos dados da PAS nos permitiu observar mais claramente a dinâmica dos serviços e estabelecer uma comparação mais precisa com o setor industrial. Ao desconsiderarmos algumas atividades de serviços, observamos que a indústria permanece como a maior responsável pela geração de receitas, valor adicionado e massa de salários, assim como apresenta os maiores indicadores de produtividade, média de pessoal ocupado, salário médio e receita média por empresa. O setor de serviços, por sua vez, concentra grande parte da mão de obra e do número

de empresas, fato este que, aliado à baixa geração de receitas e valor adicionado, ajuda a explicar o seu baixo desempenho em relação aos indicadores acima mencionados.

Após o agrupamento dos serviços, percebemos que os serviços às empresas e mais especificamente os serviços sofisticados foram os que se destacam com o melhor desempenho. Em relação à produtividade e o salário médio, os serviços sofisticados apresentaram os maiores valores enquanto os serviços pessoais tiveram um desempenho muito abaixo, embora seu crescimento ao longo do período tenha sido relevante. Considerando a média do pessoal ocupado por empresa, o grupo dos serviços não sofisticados apresentou os maiores valores, ficando os serviços pessoais no outro extremo, por conta do grande número de estabelecimentos desta categoria. O grupo de outros serviços se destacou com a maior receita média por empresa, embora os serviços às empresas tenham apresentado um desempenho não muito distante daquele grupo. Novamente, os serviços pessoais mostraram valores muito baixos, porém com crescimento da participação ao longo de todo o período.

Analisando mais detalhadamente as variáveis, os serviços às empresas se destacaram como o grupo responsável pela maior parte da geração da receita, do valor adicionado, dos salários, dos postos de trabalho e do número de estabelecimentos. Chama a atenção, ao analisar a evolução dos grupos, que os serviços às empresas perdem participação, por conta do desempenho dos serviços sofisticados, tendo como contrapartida a expansão dos serviços pessoais, principalmente em relação à geração de receitas e valor adicionado. Analisando os salários, o ganho de participação dos serviços às empresas e pessoais tem como contrapartida a queda dos outros serviços e dos serviços de transporte e manutenção. A participação no total de empregos do setor sofre algumas alterações, com destaque para a perda do grupo de outros serviços e o crescimento dos serviços sofisticados. Por fim, em relação ao número de empresas registradas em cada grupo, destaca-se a expansão dos serviços não sofisticados e do grupo de outros serviços em contraste com a redução da participação dos demais.

Conclusão

O processo de mudança estrutural em uma nova fase – com a expansão da participação do setor de serviços em detrimento à indústria – bem como os impactos dessa transformação sobre o crescimento e desenvolvimento das economias tem sido o foco de muitos estudos e debates, não apenas nos países desenvolvidos, mas também em desenvolvimento. Embora o debate se concentre na discussão sobre a ocorrência ou não de um processo de desindustrialização dessas economias, a correta caracterização e análise do setor de serviços mostram-se uma tarefa relevante.

O setor de serviços, muitas vezes interpretado como um agrupamento de atividades que não pertencem ao setor agropecuário ou industrial, tem como característica principal uma grande heterogeneidade. Em um mesmo setor estão agrupadas atividades muito distintas entre si como serviços sofisticados, tradicionais e aqueles prestados pelo governo. Essas atividades apresentam diferentes níveis de produtividade do trabalho, de salários, de qualificação da mão de obra e de potencial de inovação e por isso, a análise dos serviços como um setor único se mostra problemática, sendo necessária uma maior desagregação que permita a compreensão da dinâmica das diversas atividades que o compõem.

Sendo assim, este trabalho se propôs a analisar o setor de serviços brasileiro entre os anos de 2000 e 2012, com o objetivo de compreender melhor a sua caracterização, dinâmica e relação com os demais setores da economia a partir de uma análise empírica dos dados do Sistema de Contas Nacionais (SCN) e da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), na esperança que os resultados obtidos possam, em alguma medida, contribuir para o debate sobre a mudança estrutural e o processo de desindustrialização da economia brasileira, bem como dos impactos destes para o seu desenvolvimento.

Da análise geral dos dados das Matrizes Insumo-Produto do Sistema de Contas Nacionais pudemos perceber que o setor de serviços como um todo se destaca em relação aos demais na geração do valor da produção, do valor adicionado bruto, no pagamento de salários e no volume de empregos. O setor perde a liderança para a

indústria quando se trata da participação no consumo intermediário, no total das importações, na produtividade e em menor medida no salário médio.

A estrutura da demanda mostra que a maior parte dos serviços atende à demanda final e, em menor medida, ao próprio setor (demanda intrassetorial), marcando sua função muito mais como produtor de bens finais do que intermediários. A exceção fica com os serviços empresariais que apresentaram uma estrutura de demanda mais equilibrada, com destaque para a grande participação da indústria e do próprio grupo de serviços empresariais. Se por um lado a grande participação da demanda final – em especial do consumo das famílias – e da demanda intrassetorial dá aos serviços certa autonomia em relação aos outros dois setores, por outro, essa autonomia significa que os serviços possuem uma baixa capacidade de contribuição para a produtividade da agropecuária e da indústria, uma vez que a participação dos seus produtos no consumo intermediário destes é pequena. Essa relação foi confirmada quando analisamos os índices de encadeamento (IRH), que revelaram que os serviços não poderiam ser considerados atividades-chave na economia, relativamente às demais, uma vez que demandam e são pouco demandados pelos outros.

O fato dos serviços concentrarem a maior parte da massa de salários está muito mais relacionado com o grande volume de empregos no setor do que com um elevado valor pago aos seus trabalhadores. Embora o salário médio seja muito próximo ao da indústria, se considerarmos que aproximadamente 60% de toda mão de obra da economia está em serviços, contra uma média de 20% na indústria, fica mais claro que os salários pagos neste tendem a ser maiores. O fato do valor do salário médio dos serviços ser próximo ao da indústria ocorre por conta da grande heterogeneidade das atividades de serviços, uma vez que, ao analisar mais detalhadamente os grupos, percebemos que existem atividades com salários muito elevados e pequena participação no volume de empregos – como os serviços financeiros e os serviços do governo – convivendo com outras que pagam salários muito baixos e concentram maior volume de empregos, como verificado no comércio. Já os serviços empresariais e os serviços de transporte e manutenção encontram-se em uma posição intermediária dentro do setor, tanto em relação ao volume de emprego quando aos salários.

A análise comparativa da produtividade entre os setores mostrou que a indústria mantém sua posição como o setor mais produtivo, embora a mensuração da produtividade dos serviços seja uma tarefa complicada e um tanto imprecisa. Neste caso, isso se mostra ainda mais problemático por conta de a maior parte da produção dos serviços concentra-se na prestação de serviços pessoais e serviços do governo, cuja mensuração do valor adicionado ocorre de forma muito diferente. De qualquer forma, como esta discussão foge do escopo deste trabalho, aqui nos limitaremos a estabelecer a comparação entre os setores e as atividades mostrando que, de acordo com esta medida, o setor de serviços é menos produtivo do que a indústria.

Quando olhamos mais detalhadamente para os grupos de serviços, percebemos que as participações e contribuições não se alteram de forma significativa ao longo do tempo, mesmo no caso das matrizes estimadas de 2009. Entre os grupos de serviços, observamos que os serviços pessoais e os serviços do governo são responsáveis pela maior parte da geração do valor da produção, do valor adicionado, do consumo intermediário e na massa de salários pagos. Podemos dizer que esses dois grupos são muito diferentes entre si, especialmente no que se refere à produtividade, salários médios e qualificação da mão de obra, tendo em comum apenas o fato da maior parte da demanda por seus produtos vir da demanda final. Observamos também que a maior parte do pessoal ocupado está concentrada nos serviços pessoais e no comércio, atividades que tendem a oferecer salários mais baixos e com menor qualificação dos trabalhadores.

Os serviços empresariais – que caracterizamos como atividades ligadas à indústria e/ou com características diferenciadas em relação à qualificação da mão de obra, salários e potencial de inovação – não se destacaram na análise, mantendo percentuais médios em relação aos demais grupos de serviços, com exceção apenas da participação nas importações. A demanda por serviços empresariais mostrou-se a mais equilibrada, distribuída entre a demanda final, a indústria, os serviços do governo e uma parcela considerável internamente. Isso mostra que este grupo possui algum grau de encadeamento com os demais setores da economia, uma vez que além dos serviços finais, fornece insumos ao processo produtivo.

A análise dos dados da PAS nos permite outro olhar sobre o setor ao excluir o comércio, as atividades de saúde, educação e financeiras. Na comparação intersetorial, percebemos que a indústria permanece na liderança, com os maiores valores de receitas, valor adicionado, salários pagos, média de trabalhadores por empresa, produtividade e média salarial, sendo superada pelos serviços apenas em relação ao pessoal ocupado e o número de empresas registradas no setor. No primeiro período analisado, entre 2002 e 2006, a receita operacional líquida, o valor adicionado e a produtividade dos serviços não atingiram a metade do valor registrado pela indústria, se aproximando apenas quando analisamos a massa de salários e o salário médio. Ao longo do segundo período, de 2007 a 2012, a distância entre os setores apresentou uma pequena redução. O valor adicionado pelo setor de serviços chegou a quase 60% do industrial, enquanto a receita e a produtividade estiveram muito próximas da metade. A diferença entre os setores no que se refere à massa de salários, salário médio e ao pessoal ocupado por empresa também diminuiu, sendo que, para este último indicador, a redução ocorreu por conta da combinação entre o crescimento do número de empresas e a queda no número de trabalhadores na indústria em relação aos serviços.

A proposta de agrupamento dos serviços nos mostrou que os serviços às empresas – mais especificamente os serviços sofisticados – se destacaram relativamente aos demais na geração da receita operacional líquida, do valor adicionado, no volume de salários pagos anualmente, na produtividade e no salário médio por trabalhador. Ainda dentro do grupo de serviços às empresas, os serviços não sofisticados concentraram a maior parte dos empregos além da maior média de trabalhadores por empresa, muito acima das demais atividades. Porém, quando analisamos a variação da participação dos grupos de serviços ao longo do tempo, percebemos que os serviços pessoais é o grupo que tem ganhado espaço em relação aos demais.

Através da PAS percebemos que a correta a qualificação da mudança estrutural e, portanto da ocorrência de um processo de desindustrialização deve ser feita excluindo-se a participação de determinados serviços que, dada sua natureza, não estariam concorrendo e tomando o lugar do setor industrial, como é o caso dos serviços

sociais (essenciais) prestados pelo governo, dos serviços financeiros que possuem uma dinâmica própria e ainda do comércio que em grande medida tem a função de suporte das demais atividades (sem autonomia). Ao isolarmos esses serviços e nos concentrarmos nas demais categorias percebemos que os serviços às empresas, em especial os serviços sofisticados, são atividades que se destacam dentro do setor e, nesse sentido, a redução da participação da indústria tendo como contrapartida a expansão desses serviços não se caracterizaria como um problema. Porém, os dados mostraram que nos últimos anos a perda de participação de alguns grupos, em especial dos serviços às empresas, teve como contrapartida o crescimento dos serviços pessoais, ou seja, a expansão do setor de serviços estaria ocorrendo sob a liderança de serviços de baixa produtividade, salários e qualificação. Parte da explicação para este movimento está relacionada com a piora do desempenho do próprio setor industrial impactando não apenas os serviços prestados às empresas, mas também outras atividades de suporte como os serviços de transporte e manutenção que possuem uma grande articulação com a indústria. Já a expansão dos serviços pessoais está relacionada ao comportamento da demanda final e às políticas direcionadas a ela, seja através do aumento da renda das famílias, seja por estímulos diretos ao consumo.

Sendo assim, podemos concluir que a mudança estrutural, da forma como foi caracterizada neste trabalho – com base na expansão dos serviços como o comércio ou os serviços pessoais e não dos serviços mais sofisticados ou ligados à indústria – não pode ser considerada uma mudança positiva, uma vez que estas atividades não são capazes de gerar crescimento e desenvolvimento econômico de forma sustentável para a economia brasileira.

Referências bibliográficas

ACEMOGLU, D. GUERRIERI, V. **Capital deepening and non-balanced economic growth**. NBER Working Paper n. 12475.2006.

BASTOS, S. Q. A., PEROBELLI, F. S., SOUZA, K. B. **O dinamismo do setor de serviços e sua interação com o setor industrial: uma análise para a região sudeste no período pós Plano Real**. Anais do XXXVI Encontro Nacional de Economia da ANPEC. 2008.

BAUMOL, W.J. **Macroeconomics of unbalanced growth: the anatomy of urban crisis**. American Economic Review 57: 415–426. 1967.

BELL, D. **The Coming of Post Industrial Society**. New York. Basics Books. 1973.

BIELSCHOWSKY, R. Prefácio: **Prebisch e Furtado**. PREBISCH, R. O manifesto latino-americano e outros ensaios. Ed. Contraponto. 2011

BROWNING, H. C., SINGELMAN, J. **The emergency of a service society**. Springfield. 1978.

BRYSON, J., DANIELS, P., WARF, B. **Service Worlds: People, Organisations and Technologies**. Routledge. 2004

CARVALHO, L. B. **Diversificação ou especialização: uma análise do processo de mudança estrutural da indústria brasileira nas últimas décadas**. BNDES. Rio de Janeiro. 2010.

CASTELLS, M. **The Rise of the Network Society**. Malden (Mass.) and Oxford: Blackwell Publishers. pp. 201-326. 1996.

CHENERY, H. B. **Industrialization and growth: the experience of large countries**. World Bank Staff Working Papers n° 539. The World Bank. 1982.

CHENERY, H. B. and SYRQUIN, M. **Patterns of Development 1950–1970**. Oxford University Press. 1975.

CLARK, C. **The Conditions of Economic Progress**. London: MacMillan & Co. Ltd. 1940, revised and reprinted in 1951.

_____. **The Conditions of Economic Progress**, 3rd edn. London: Macmillan. 1957.

DUNNING, J. H. **Multinational enterprise and the growth of services: Some conceptual and theoretical issues.** The Services Industries Journal, v.9, p. 5-39, 1989.

ECHEVARRIA, C. **Changes in sectoral composition associated with economic growth.** International Economic Review 38: 431–452. 1997.

ELFRING, T. **Service Employment in Advanced Economies. A Comparative Analysis of Its Implications for Economic Growth.** Groningen: Rijksuniversiteit Groningen. 1988.

_____. **New Evidence on the Expansion of Service Employment in Advanced Economies.** In: Review of Income and Wealth, Series 35, No. 4. 1989.

FISHER, A.G.B. **The Clash of Progress and Security.** London: MacMillan & Co. Ltd. 1935.

_____. **Production, primary, secondary and tertiary.** The Economic Record 15: 24–38. 1939.

FOELLM, R. ZWEIMULLER, J. **Structural change and the Kaldor facts of economic growth.** IZA Discussion Paper No. 472. 2002.

FOURASTIÉ, J. **Le Grand Espoir du XXe Siècle: progrès technique, progrès économique, progrès social.** Paris: Presses Universitaires de France. German edition: Die Große Hoffnung des Zwanzigsten Jahrhunderts, 2nd edn, 1969.

FREEMAN, R.B., SCHETTKAT, R. **Differentials in Service Industry Employment Growth: Germany and the US in the comparable German American Structural Database.** Brussels: European Commission. 1999.

FUCHS, V.R. **The Service Economy.** New York and London: Colombia University Press. 1968.

GRÖNROOS, C. **Gerenciamento e serviços: a competição por serviços na hora da erdade.** Rio de Janeiro: Campus, 1995.

GREGORY, M., GREENHALGH, C. **Structural Change and the Emergence of the New Service Economy.** Paper prepared for the Leverhulme Programme Final Conference 'The Labour Market Consequences'. 2001.

GRILICHES, Z. **Output Measurement in the Service Sectors.** Chicago and London: University of Chicago Press. 1992.

GRÖNROOS, C.; OJASALO, K. **Service productivity: towards a conceptualization of the transformation of inputs into economic results in services.** Journal of Business Research n. 57, p.414-423. 2004.

GUILHOTO, J. J. M., FILHO, U. A. S. **Estimation os input-output matrix using preliminary data from national accounts.** Munich Personal RePEc Archive. 2005.

HARAGUCHI, N., REZONJA, G. **Emerging Patterns of Manufacturing Structural Change.** Development Policy and Strategic Research Branch. Working Paper 04/2010. UNIDO, 2011.

HEPWORTH, M. **Geography of information economy.** Londres: Belhaven Press. 1989.

KATOUZIAN, M.A. **The Development of the Service Sector: A New Approach.** In: Oxford Economic Papers, pp. 362 – 382.1970.

KON, A. **A produção terciária: o caso paulista.** Ed. Nobel. 1992.

_____. **Sobre as atividades de serviço: revendo conceitos e tipologias.** Revista de Economia Política, São Paulo: vol. 19, nº 2 (74) 64-83. Abr-jun 1999.

_____. **Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil.** Ed. Elsevier. 2004.

KONGSAMUT, P., REBELO, S.; XIE, D. **Beyond balanced growth.** Review of Economic Studies 68: 869–882. 2001.

KRÜGER, J. **Productivity and structural change: a review of the literature.** Journal of Economic Surveys, v. 22, n. 2, p. 330-63, 2008.

KUBOTA, L. C. **As Kibs e a inovação tecnológica das firmas de serviços.** Economia e Sociedade. Campinas, v. 18, n. 2 (36), p. 349 – 369. Agosto, 2009.

KUZNETS, S. **Modern economic growth: findings and reflections.** American Economic Review 63: 251.1973.

MARK, J. A. **Measuring productivity in service industries.** Monthly Labor Review. Jun. 1982.

MARSHALL, J. N. **Services and uneven development.** Oxford University Press. 1988.

MEIRELLES, D. S. **O conceito de serviço**. Revista de Economia Política, v. 26, n. 1, jan.-mar. 2006.

MELO, H. P., ROCHA, C. F. L., FERRAZ, G., SABBATO, A., DWECK, R. H. **É possível uma política para o setor de serviços?** Texto para discussão nº 457, IPEA. 1997.

MISTEREK, S. DOOLEY, K.; ANDERSON, J. **Productivity as an performance measure**. International Journal of Operations and Production Management, Vol. 12, p.29-45. 1992.

NEGRI, J. A. e KUBOTA, L. C. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**. IPEA. Brasília, 2006.

NUSBAUMER, J. **The service economy: lever to growth**. Boston: Kluwer Academic Publishers. 1987.

OULTON, N. **Must the Growth Rate Decline? Baumol's Unbalanced Growth Revisited**, Bank of England, 1999.

PASINETTI, L.L. **Structural Change and Economic Growth: A Theoretical Essay of the Dynamics of the Wealth of Nations**. Cambridge University Press. 1981.

PETIT, P. **Slow Growth and the Service Economy**. London: Frances Pinter.1986.

RIDDLE, D. I. **Service-led growth. The role of the service sector in the world development**. Nova York, Praeger Publishers. 1986.

RODRIK, D., MCMILLAN, M. **Globalization, Structural Change, and Productivity Growth**. Mimeo. Boston, MA: Harvard Kennedy School, 2011.

ROWTHORN, R.; WELLS, J.R. **De-industrialization and Foreign Trade**. Cambridge: CUP. 1987.

RUBIN, I. I. **A Teoria Marxista do Valor**. Coleção Teoria e História 13. Ed. Polis, p. 277 – 293. 1987.

RUSSO, G.; SCHETTKAT, R. **Are Structural Economic Dynamics a Myth? Changing Industrial Structure in the Final Product Concept**. In: Economia & Lavoro, No. 3-4, pp. 173-188. 1999.

_____. **Structural economic dynamics: myth or reality? Structural change and the final product concept**. In: Ten Raa, T./ Schettkat, R. (eds.)

RUTKAUSKAS, J., PAULAVICIENE, E. **Concept of productivity in service sector.** Engineering Economics, n. 3, p.29-34. 2005.

SABOLO, M. Y. **The service industries.** Genebra: International Labour Office. 1975.

SAVIOTTI, P.P.; PYKA, A. **Economic development by the creation of new sectors.** Journal of Evolutionary Economics n. 14: 1–35. 2004.

SAYER, A., WALKER, R. **The new social economy: reworking the division of labour.** Londres: Oxford. 1992.

SCHETTKAT, R., YOCARINI, L. **The shift to service: a review of literature.** Discussion Paper n. 964, IZA (Institute for the Study of Labour). Dez 2003.

SILVA, A. M., KUBOTA, L. C., GOTTSCHALK, M. V., MOREIRA, S. V. **Economia de serviços: uma revisão da literatura.** Texto para discussão n. 1173. IPEA. Abr. 2006.

SILVA, A. M. **Dinâmica da produtividade do setor de serviços no Brasil: uma abordagem microeconômica.** Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil. IPEA, 2006.

SILVA, R. A. **Evolução recente do terciário (serviços) no Brasil.** Tese de doutorado. 2009.

SINGELMANN, J. **From Agriculture to Services. The Transformation of Industrial Employment.** Beverly Hills: Sage Publications. 1978.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações. Investigação sobre sua natureza e suas causas.** Coleção Os Economistas. Ed. Nova Cultural Ltda. 1996.

SYRQUIN, M. **Kuznets and Pasinetti on the Study of Structural Transformation: Never the Twain Shall Meet?** International Center for Economic Research Working Paper n. 46. 2007.

URQUHART, M. **The employment shift to service: where did it come from?** Monthly Labour Review. Abr. 1984.

VARIAN, H.R. **Microeconomic Analysis.** 3rd edition, New York: Norton. 1992.

WOLFE, M. **The concept of economic sectors.** Quarterly Journal of Economics n. 69: 402–420. 1955.

ANEXO

Anexo 1 - Agrupamento das atividades de serviço para as Contas Nacionais

Grupos	Código	Atividades
Comércio	601	Comércio
Transporte e Manutenção	701	Transporte, armazenagem e correio
Serviços empresariais	1101	Serviços de manutenção e reparação
	801	Serviços de informação
Serviços Financeiros	1103	Serviços prestados às empresas
	901	Intermediação financeira, seguros e previdência complementar e serviços relacionados
Serviços pessoais	1001	Atividades imobiliárias e aluguéis
	1102	Serviços de alojamento e alimentação
	1104	Educação mercantil
	1105	Saúde mercantil
	1106	Outros Serviços
	Serviços do Governo	1201
1202		Saúde pública
1203		Administração pública e seguridade social

Anexo 2 - Agrupamento das atividades de serviços para a Pesquisa Anual de Serviços (PAS)

Grupo	Atividade
Serviços pessoais	2.1 Serviços de alojamento
	2.2 Serviços de alimentação
	2.3 Atividades culturais, recreativas e esportivas
	2.4 Serviços pessoais
	2.5 Atividades de ensino continuado
	6.1 Compra, venda e aluguel de imóveis próprios
Serviços às empresas	6.2 Intermediação na compra, venda e aluguel de imóveis
	3.1 Telecomunicações
Serviços sofisticados	3.2 Tecnologia da informação
	3.3 Serviços audiovisuais
	3.4 Edição e edição integrada à impressão
	3.5 Agências de notícias e outras atividades de serviços de informação
Serviços não-sofisticados	4.1 Serviços técnico-profissionais
	4.2 Aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros
	4.3 Seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra
	4.4 Agências de viagens, operadores turísticos e outros serviços de turismo
	4.5 Serviços de investigação, vigilância, segurança e transporte de valores
	4.6 Serviços para edifícios e atividades paisagísticas
	4.7 Serviços de escritório e apoio administrativo
Serviços de transporte e manutenção	5.1 Transporte e serviços auxiliares aos transportes
	5.1.1 Transporte ferroviário e metroferroviário
	5.1.2 Transporte rodoviário
	5.1.2.1 Transporte de passageiros
	5.1.2.2 Transporte de cargas
	5.1.3 Transporte dutoviário
	5.1.4 Transporte aquaviário
	5.1.5 Transporte aéreo
	5.1.6 Armazenamento e atividades auxiliares aos transportes
	5.2 Correio e outras atividades de entrega
	7.1 Manutenção e reparação de veículos
	7.2 Manutenção e reparação de equipamentos de informática e comunicação
	7.3 Manutenção e reparação de objetos pessoais e domésticos
Outros serviços	8.1 Serviços auxiliares da agricultura, pecuária e produção florestal
	8.2 Serviços auxiliares financeiros, dos seguros e da previdência complementar
	8.3 Esgoto, coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais

Anexo 3 – Produtividade e salário médio por setor, em valores correntes (R\$) – 2000 e 2005

	Agropecuária		Indústria		Serviços	
	2000	2005	2000	2005	2000	2005
Produtividade	3.250	5.541	18.395	29.641	14.819	22.292
Salário médio	1.102	1.903	5.892	9.104	5.838	8.921

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2000 e 2005.

Anexo 4 – Produtividade e salário médio por setor, em valores correntes (R\$) – 2009

	Agropecuária	Indústria	Serviços
Produtividade	9.371	37.769	31.447
Salário médio	2.661	13.580	13.327

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE, 2009.

Anexo 5 – Produtividade e salário médio por grupo de serviços, em valores correntes (R\$) – 2000

	Comércio	Serviços de transporte e manutenção	Serviços empresariais	Serviços financeiros	Serviços pessoais	Serviços do governo
Produtividade	8.707	12.921	18.297	72.404	13.965	19.027
Salário médio	2.887	4.292	6.370	33.197	3.432	12.735

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2000.

Anexo 6 – Produtividade e salário médio por grupo de serviços, em valores correntes (R\$) – 2005

	Comércio	Serviços de transporte e manutenção	Serviços empresariais	Serviços financeiros	Serviços pessoais	Serviços do governo
Produtividade	13.901	19.501	27.350	141.265	18.333	29.804
Salário médio	4.817	6.610	9.682	42.945	5.101	20.125

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2005.

Anexo 7 - Produtividade e salário médio por grupo de serviços, em valores correntes (R\$) – 2009

	Comércio	Serviços de transporte e manutenção	Serviços empresariais	Serviços financeiros	Serviços pessoais	Serviços do governo
Produtividade	21.915	27.346	33.615	210.296	24.608	42.882
Salário médio	7.740	10.181	13.787	60.281	7.574	29.397

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2009.

Anexo 8 – MP, ME, IRH trás e IRH frente por atividade – 2000

Atividade	2000			
	MP	ME	IRH trás	IRH frente
Agricultura, silvicultura, exploração florestal	1,62	1,13	0,83	1,47
Pecuária e pesca	1,80	1,32	0,93	0,94
Petróleo e gás natural	1,72	18,28	0,89	0,90
Minério de ferro	2,00	10,25	1,03	0,92
Outros da indústria extrativa	1,91	1,87	0,98	0,94
Alimentos e Bebidas	2,38	8,94	1,22	0,96
Produtos do fumo	2,11	20,79	1,08	0,84
Têxteis	1,97	2,00	1,01	0,68
Artigos do vestuário e acessórios	1,89	1,45	0,97	0,67
Artefatos de couro e calçados	2,34	2,25	1,20	0,67
Produtos de madeira - exclusive móveis	1,89	2,01	0,97	0,66
Celulose e produtos de papel	2,05	5,38	1,05	0,60
Jornais, revistas, discos	1,85	2,27	0,95	0,57
Refino de petróleo e coque	2,27	75,41	1,17	0,58
Álcool	2,05	18,43	1,05	0,57
Produtos químicos	2,15	7,78	1,10	0,26
Fabricação de resina e elastômeros	2,50	14,40	1,28	0,26
Produtos farmacêuticos	1,69	4,41	0,87	0,25
Defensivos agrícolas	2,37	13,27	1,21	0,25
Perfumaria, higiene e limpeza	2,01	4,94	1,03	0,22
Tintas, vernizes, esmaltes e lacas	2,09	5,32	1,07	0,19
Produtos e preparados químicos diversos	2,05	3,42	1,05	0,18
Artigos de borracha e plástico	2,28	3,01	1,17	0,16
Cimento	1,95	9,22	1,00	0,15
Outros produtos de minerais não-metálicos	2,10	1,88	1,08	0,15
Fabricação de aço e derivados	2,05	6,37	1,05	0,14
Metalurgia de metais não-ferrosos	2,04	3,55	1,04	0,14
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	2,03	1,74	1,04	0,14
Máquinas e equipamentos, inclusive manutenção e reparos	2,07	2,68	1,06	0,15
Eletrodomésticos	2,26	4,17	1,16	0,15
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	1,69	7,91	0,86	0,15
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,05	3,08	1,05	0,15
Material eletrônico e equipamentos de comunicações	1,97	7,31	1,01	0,15
Aparelhos/instrumentos médico-hospitalar, medida e óptico	1,58	1,79	0,81	0,15
Automóveis, camionetas e utilitários	2,15	10,99	1,11	0,16
Caminhões e ônibus	2,03	9,15	1,04	0,16
Peças e acessórios para veículos automotores	2,11	3,08	1,08	0,17
Outros equipamentos de transporte	1,66	3,73	0,85	0,17
Móveis e produtos das indústrias diversas	1,97	1,76	1,01	0,19
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana	1,73	3,33	0,89	0,15
Construção civil	1,79	1,49	0,92	0,16
Comércio	1,42	1,17	0,73	0,15
Serviços de transporte e manutenção	1,70	1,44	0,87	0,16
Serviços sofisticados	1,66	1,65	0,85	0,18
Serviços financeiros	1,67	3,26	0,86	0,21
Serviços ao consumidor final	1,44	1,34	0,74	0,29
Serviços do governo	1,49	1,41	0,77	0,13

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2000.

Anexo 9 – MP, ME, IRH trás e IRH frente por atividade – 2005

Atividade	2005			IRH frente
	MP	ME	IRH trás	
Agricultura, silvicultura, exploração florestal	1,74	1,15	0,87	1,61
Pecuária e pesca	1,97	1,38	0,98	1,10
Petróleo e gás natural	1,86	23,06	0,93	1,06
Minério de ferro	1,95	13,88	0,97	1,08
Outros da indústria extrativa	2,01	1,93	1,00	1,10
Alimentos e Bebidas	2,46	8,05	1,22	1,13
Produtos do fumo	2,38	25,33	1,19	1,01
Têxteis	1,97	1,93	0,98	0,74
Artigos do vestuário e acessórios	1,97	1,41	0,98	0,70
Artefatos de couro e calçados	2,34	2,12	1,16	0,70
Produtos de madeira - exclusive móveis	2,12	2,37	1,06	0,69
Celulose e produtos de papel	2,19	6,10	1,09	0,60
Jornais, revistas, discos	1,84	2,04	0,91	0,54
Refino de petróleo e coque	2,28	83,19	1,14	0,54
Álcool	1,97	9,60	0,98	0,55
Produtos químicos	2,11	8,68	1,05	0,28
Fabricação de resina e elastômeros	2,37	13,91	1,18	0,28
Produtos farmacêuticos	1,71	4,22	0,85	0,27
Defensivos agrícolas	2,22	14,79	1,11	0,27
Perfumaria, higiene e limpeza	2,17	4,82	1,08	0,24
Tintas, vernizes, esmaltes e lacas	2,07	5,37	1,03	0,19
Produtos e preparados químicos diversos	2,07	3,23	1,03	0,18
Artigos de borracha e plástico	2,24	2,86	1,12	0,17
Cimento	2,11	9,73	1,05	0,16
Outros produtos de minerais não-metálicos	2,06	1,78	1,03	0,16
Fabricação de aço e derivados	2,11	9,57	1,05	0,15
Metalurgia de metais não-ferrosos	1,95	3,83	0,97	0,15
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	2,02	1,81	1,01	0,16
Máquinas e equipamentos, inclusive manutenção e reparos	2,17	2,89	1,08	0,16
Eletrodomésticos	2,35	4,30	1,17	0,16
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	1,77	6,36	0,88	0,16
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,06	3,12	1,03	0,17
Material eletrônico e equipamentos de comunicações	2,04	6,83	1,02	0,17
Aparelhos/instrumentos médico-hospitalar, medida e óptico	1,62	1,79	0,81	0,17
Automóveis, camionetas e utilitários	2,49	15,48	1,24	0,18
Caminhões e ônibus	2,30	14,41	1,14	0,18
Peças e acessórios para veículos automotores	2,38	4,17	1,19	0,19
Outros equipamentos de transporte	2,15	4,29	1,07	0,20
Móveis e produtos das indústrias diversas	1,97	1,63	0,98	0,21
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana	1,73	3,62	0,86	0,15
Construção civil	1,71	1,36	0,85	0,16
Comércio	1,44	1,17	0,72	0,16
Serviços de transporte e manutenção	1,81	1,43	0,90	0,17
Serviços sofisticados	1,62	1,58	0,81	0,18
Serviços financeiros	1,47	2,70	0,73	0,22
Serviços ao consumidor final	1,48	1,30	0,74	0,31
Serviços do governo	1,51	1,45	0,75	0,13

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2005.

Anexo 10 – MP, ME, IRH trás e IRH frente por atividade – 2009

Atividade	2009			
	MP	ME	IRH trás	IRH frente
Agricultura, silvicultura, exploração florestal	1,65	1,15	0,84	1,68
Pecuária e pesca	1,88	1,39	0,96	1,16
Petróleo e gás natural	1,93	18,84	0,99	1,13
Minério de ferro	1,77	7,97	0,90	1,15
Outros da indústria extrativa	1,96	2,15	1,00	1,17
Alimentos e Bebidas	2,40	6,73	1,23	1,20
Produtos do fumo	2,19	22,20	1,12	1,08
Têxteis	1,94	1,83	1,00	0,83
Artigos do vestuário e acessórios	1,88	1,40	0,96	0,79
Artefatos de couro e calçados	2,06	1,71	1,05	0,79
Produtos de madeira - exclusive móveis	1,95	1,95	1,00	0,80
Celulose e produtos de papel	2,10	5,26	1,07	0,72
Jornais, revistas, discos	1,76	1,95	0,90	0,64
Refino de petróleo e coque	2,20	64,74	1,13	0,64
Álcool	2,08	9,22	1,06	0,64
Produtos químicos	2,17	8,44	1,11	0,28
Fabricação de resina e elastômeros	2,20	9,42	1,13	0,28
Produtos farmacêuticos	1,76	4,48	0,90	0,28
Defensivos agrícolas	2,26	11,13	1,16	0,27
Perfumaria, higiene e limpeza	2,05	4,81	1,05	0,24
Tintas, vernizes, esmaltes e lacas	1,97	4,56	1,01	0,19
Produtos e preparados químicos diversos	2,06	3,11	1,05	0,18
Artigos de borracha e plástico	2,01	2,41	1,03	0,17
Cimento	2,06	9,36	1,06	0,16
Outros produtos de minerais não-metálicos	1,93	1,77	0,99	0,16
Fabricação de aço e derivados	1,98	6,34	1,01	0,15
Metalurgia de metais não-ferrosos	2,13	3,81	1,09	0,16
Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	1,88	1,68	0,96	0,16
Máquinas e equipamentos, inclusive manutenção e reparos	2,05	2,51	1,05	0,16
Eletrrodomésticos	2,13	4,11	1,09	0,16
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	2,01	5,53	1,03	0,16
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,04	2,82	1,04	0,17
Material eletrônico e equipamentos de comunicações	2,10	4,94	1,08	0,17
Aparelhos/instrumentos médico-hospitalar, medida e óptico	1,62	1,77	0,83	0,17
Automóveis, camionetas e utilitários	2,39	15,38	1,23	0,18
Caminhões e ônibus	2,36	13,37	1,21	0,18
Peças e acessórios para veículos automotores	2,14	3,12	1,09	0,19
Outros equipamentos de transporte	2,10	3,91	1,08	0,20
Móveis e produtos das indústrias diversas	1,90	1,66	0,97	0,21
Produção e distribuição de eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana	1,71	3,49	0,87	0,15
Construção civil	1,77	1,43	0,91	0,16
Comércio	1,43	1,20	0,73	0,16
Transporte e Manutenção	1,74	1,44	0,89	0,17
Serviços sofisticados	1,65	1,59	0,84	0,18
Serviços Financeiros	1,49	2,96	0,76	0,21
Serviços pessoais	1,47	1,29	0,75	0,30
Serviços do Governo	1,48	1,45	0,76	0,13

Fonte: elaboração própria a partir de dados do SCN/IBGE 2009.

Anexo 11 – Produtividade, PO médio e salário médio da indústria total, em valores correntes (R\$) e percentual, 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006
Produtividade	60.295	68.328	75.072	78.974	81.539
		13%	10%	5%	3%
					35%
PO médio	41,1	43,1	44,4	43,6	43,7
		5%	3%	-2%	0%
					6%
Salário médio	12.492	13.935	14.934	16.420	17.436
		12%	7%	10%	6%
					40%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PIA/IBGE, 2002 a 2006

Anexo 12 – Produtividade, PO médio e salário médio de serviços, em valores correntes (R\$) e percentual, 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006
Produtividade	22.919	26.466	29.088	31.861	33.331
		15%	10%	10%	5%
					45%
PO médio	7,4	7,6	8,0	8,4	8,6
		3%	5%	4%	3%
					17%
Salário médio	8.217	9.561	10.192	10.892	11.621
		16%	7%	7%	7%
					41%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PAS/IBGE, 2002 a 2006

Anexo 13 – Capacidade de agregação de valor da indústria e do setor de serviços – 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006
Indústria	0,44	0,43	0,43	0,43	0,44
Serviços	0,52	0,53	0,54	0,54	0,55

Fonte: elaboração própria a partir de dados PAS/IBGE, 2002 a 2006

Anexo 14 – ROL, VTI, salários, PO e nº empresas da indústria, em valores correntes (R\$ bilhões), unidades e percentual, 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006
Receita líquida de vendas	746	931	1.111	1.179	1.258
		24,9%	19,3%	6,1%	6,7%
					68,7%
Valor da transformação industrial	335	408	480	508	552
		21,8%	17,7%	5,7%	8,7%
					64,7%
Salários, retiradas e outras remunerações (R\$ bi)	69	83	96	106	118
		19,8%	14,8%	10,4%	11,8%
					70,0%
Pessoal ocupado em 31/12 (milhões Pessoas)	5,6	6,0	6,4	6,4	6,8
		7,4%	7,2%	0,5%	5,3%
					21,8%
Número de empresas (Unidades)	135.130	138.612	143.979	147.416	154.987
		2,6%	3,9%	2,4%	5,1%
					14,7%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA empresa/IBGE, 2002 a 2006

Anexo 15 - ROL, VA, Salários, PO e nº de empresas de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) e percentuais – 2002 a 2006

	2002	2003	2004	2005	2006
Receita operacional líquida (R\$ bi)	297,2	325,3	380,5	438,9	492,2
		9,5%	17,0%	15,3%	12,2%
					65,7%
Valor adicionado (R\$ bi)	155,5	168,9	201,8	236,9	269,3
		8,6%	19,5%	17,4%	13,7%
					73,2%
Salários, retiradas e outras remunerações (R\$ bi)	55,7	61,0	70,7	81,0	93,9
		9,4%	15,9%	14,5%	15,9%
					68,4%
Pessoal ocupado em 31/12 (milhões)	6,78	6,38	6,94	7,43	8,08
		-5,9%	8,7%	7,2%	8,7%
					19,1%
Número de empresas	919.364	838.214	865.716	890.319	934.846
		-8,8%	3,3%	2,8%	5,0%
					1,7%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PAS/IBGE, 2002 a 2006

**Anexo 16 – Produtividade, PO médio, salário médio e receita média da indústria,
em valores correntes (R\$) e percentual de crescimento, 2007 a 2012**

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Produtividade	80.642	92.377	85.826	99.311	108.043	113.079
		15%	-7%	16%	9%	5%
						40%
PO médio	26,7	25,4	26,3	28,0	27,6	26,7
		-5%	4%	6%	-1%	-3%
						0%
Salário médio	17.747	19.514	20.753	22.513	24.839	27.478
		10%	6%	8%	10%	11%
						55%
Receita média	5.355.605	5.693.719	5.572.357	6.533.208	7.053.775	7.332.312
		6%	-2%	17%	8%	4%
						37%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PIA/IBGE, 2007 a 2012

**Anexo 17 – Produtividade, PO médio, salário médio e receita média de serviços,
em valores correntes (R\$) e percentual de crescimento, 2007 a 2012**

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Produtividade	37.521	41.087	44.142	47.691	51.075	56.302
		10%	7%	8%	7%	10%
						50%
PO médio	10,6	10,8	10,7	10,8	10,5	10,4
		2%	-1%	1%	-3%	-1%
						-2%
Salário médio	12.700	13.978	14.808	16.352	17.734	18.930
		10%	6%	10%	8%	7%
						49%
Receita média	720.849	800.200	825.273	883.880	911.158	980.156
		11%	3%	7%	3%	8%
						36%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PAS/IBGE, 2007 a 2012

**Anexo 18 – Capacidade de agregação de valor da indústria e do setor de serviços
– 2007 a 2012**

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Indústria	0,43	0,44	0,44	0,46	0,46	0,46
Serviços	0,55	0,55	0,57	0,57	0,58	0,59

Fonte: elaboração própria a partir de dados PAS/IBGE, 2002 a 2006

**Anexo 19 – ROL, VTI, salários, PO e nº empresas da indústria, em valores
correntes (R\$ bilhões), unidades e percentual, 2007 a 2012**

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Receita líquida de vendas	1.401	1.632	1.533	1.802	1.992	2.161
		16,5%	-6,1%	17,6%	10,5%	8,5%
						54%
Valor da transformação industrial	601	724	676	833	933	993,4
		20,4%	-6,6%	23,2%	12,0%	6,5%
						65%
Salários, retiradas e outras remunerações (R\$ bi)	132	153	163	189	214	241,4
		15,6%	6,9%	15,5%	13,6%	12,5%
						82%
Pessoal ocupado em 31/12 (milhões Pessoas)	7,5	7,8	7,9	8,4	8,6	8,8
		5,1%	0,5%	6,5%	3,0%	1,7%
						18%
Número de empresas (Unidades)	279.814	309.089	299.082	299.862	312.455	328.735
		10,5%	-3,2%	0,3%	4,2%	5,2%
						17%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PIA empresa/IBGE, 2007 a 2012

**Anexo 20 - ROL, VA, Salários, PO e nº de empresas de serviços, em valores
correntes (R\$ bilhões) e percentuais – 2007 a 2012**

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Receita operacional líquida (R\$ bi)	564,6	665,1	734,0	856,7	989,1	1.132,7
		17,8%	10,4%	16,7%	15,5%	14,5%
						100,6%
Valor adicionado (R\$ bi)	312,0	369,1	420,4	497,9	580,1	675,3
		18,3%	13,9%	18,4%	16,5%	16,4%
						116,5%
Salários, retiradas e outras remunerações (R\$ bi)	105,6	125,6	141,0	170,7	201,4	227,0
		18,9%	12,3%	21,0%	18,0%	12,7%
						115,0%
Pessoal ocupado em 31/12 (milhões)	8,31	8,98	9,52	10,44	11,36	11,99
		8,1%	6,0%	9,6%	8,8%	5,6%
						44,2%
Número de empresas	783.274	831.210	889.376	969.204	1.085.544	1.155.634
		6,1%	7,0%	9,0%	12,0%	6,5%
						47,5%

Fonte: elaboração própria a partir de dados PAS/IBGE, 2007 a 2012

Anexo 21 – Produtividade por grupo de serviços, em valores correntes (R\$) e percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
TOTAL	37.521	41.087	44.142	47.691	51.075	56.302
		10%	7%	8%	7%	10%
						50,1%
Serviços pessoais	17.852	20.043	23.959	26.262	28.670	32.575
		12%	20%	10%	9%	14%
						82,5%
Serviços às empresas	44.610	48.518	51.720	54.720	57.389	63.524
		9%	7%	6%	5%	11%
						42,4%
sofisticados	82.096	88.650	92.784	96.388	97.462	107.293
		8%	5%	4%	1%	10%
						30,7%
não-sofisticados	17.058	18.691	20.236	21.991	24.289	26.997
		10%	8%	9%	10%	11%
						58,3%
Serviços de transporte e manutenção	39.263	43.100	44.622	50.268	55.625	59.983
		10%	4%	13%	11%	8%
						52,8%
Outros serviços	49.936	55.952	60.083	63.134	72.484	82.670
		12%	7%	5%	15%	14%
						65,6%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 22 - Salário médio por grupo de serviços, em valores correntes (R\$) e percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
TOTAL	12.700	13.978	14.808	16.352	17.734	18.930
		10%	6%	10%	8%	7%
						49,1%
Serviços pessoais	7.783	8.133	9.170	10.048	10.788	11.790
		4%	13%	10%	7%	9%
						51,5%
Serviços às empresas	13.675	15.212	15.999	17.953	19.436	20.635
		11%	5%	12%	8%	6%
						50,9%
sofisticados	20.296	22.633	23.368	26.427	27.850	28.832
		12%	3%	13%	5%	4%
						42,1%
não-sofisticados	8.809	9.697	10.349	11.297	12.486	13.795
		10%	7%	9%	11%	10%
						56,6%
Serviços de transporte e manutenção	14.794	16.092	16.905	18.320	20.120	21.391
		9%	5%	8%	10%	6%
						44,6%
Outros serviços	15.122	18.417	18.293	19.276	21.706	24.297
		22%	-1%	5%	13%	12%
						60,7%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 23 – PO médio por grupo de serviços, em número de pessoas – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
TOTAL	10,6	10,8	10,7	10,8	10,5	10,4
		2%	-1%	1%	-3%	-1%
						-2,2%
Serviços pessoais	6,8	7,0	6,8	6,8	6,8	6,8
		3%	-3%	1%	-1%	1%
						0,9%
Serviços às empresas	13,4	13,4	13,4	13,4	13,1	13,0
		0%	0%	0%	-3%	-1%
						-3,3%
sofisticados	6,8	6,8	7,0	7,2	7,3	7,5
		1%	3%	2%	1%	3%
						10,7%
não-sofisticados	46,7	47,1	44,2	42,0	38,0	32,6
		1%	-6%	-5%	-10%	-14%
						-30,2%
Serviços de transporte e manutenção	11,2	11,6	11,6	11,7	11,2	11,0
		4%	0%	1%	-4%	-2%
						-1,0%
Outros serviços	15,9	15,6	14,9	14,7	13,3	12,8
		-2%	-4%	-2%	-9%	-4%
						-19,8%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 24 – Receita média por grupo de serviços, em valores correntes (R\$ mil) e percentual – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
TOTAL	721	800	825	884	911	980
		11,0%	3,1%	7,1%	3,1%	7,6%
						36,0%
Serviços pessoais	218	243	273	301	330	366
		11,2%	12,6%	10,2%	9,6%	10,9%
						67,8%
Serviços às empresas	1.023	1.116	1.156	1.190	1.210	1.315
		9,1%	3,6%	2,9%	1,7%	8,7%
						28,5%
sofisticados	1.031	1.121	1.166	1.203	1.227	1.380
		8,7%	4,1%	3,1%	2,0%	12,5%
						33,9%
não-sofisticados	984	1.091	1.105	1.130	1.136	1.077
		10,9%	1,3%	2,2%	0,5%	-5,1%
						9,5%
Serviços de transporte e manutenção	922	1.049	1.051	1.185	1.218	1.263
		13,8%	0,2%	12,8%	2,8%	3,7%
						37,1%
Outros serviços	1.165	1.281	1.283	1.372	1.446	1.564
		10,0%	0,1%	7,0%	5,4%	8,1%
						34,3%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 25 – Capacidade de agregação de valor por grupo de serviço – 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
TOTAL	0,55	0,55	0,57	0,57	0,58	0,59
Serviços pessoais	0,56	0,58	0,59	0,59	0,59	0,61
Serviços às empresas	0,59	0,59	0,60	0,62	0,62	0,62
sofisticados	0,55	0,55	0,56	0,58	0,58	0,58
não-sofisticados	0,80	0,80	0,80	0,81	0,80	0,81
Serviços de transporte e manutenção	0,47	0,47	0,48	0,49	0,50	0,51
Outros serviços	0,64	0,63	0,64	0,63	0,63	0,64

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 26 – Receita operacional líquida (ROL) por grupo de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) e percentual – 2007 a 2012

	2007		2008		2009		2010		2011		2012	
TOTAL	565		665		734		857		989		1.133	
Serviços pessoais	60	10,6%	71	10,6%	85	11,6%	102	11,9%	126	12,7%	148	13,0%
Serviços às empresas	306	54,2%	359	54,0%	398	54,2%	454	53,0%	517	52,2%	594	52,4%
sofisticados	257	45,6%	302	45,4%	333	45,3%	376	43,9%	425	43,0%	489	43,1%
não-sofisticados	49	8,6%	57	8,6%	65	8,9%	77	9,0%	92	9,3%	105	9,3%
Serviços de transporte e manutenção	171	30,4%	202	30,4%	216	29,4%	260	30,3%	296	30,0%	333	29,4%
Outros serviços	27	4,8%	33	5,0%	35	4,8%	41	4,8%	50	5,1%	58	5,1%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 27 – Valor adicionado (VA) por grupo de serviços, em valores correntes (R\$ bilhões) e percentual – 2007 a 2012

	2007		2008		2009		2010		2011		2012	
TOTAL	312		369		420		498		580		675	
Serviços pessoais	33	10,7%	41	11,0%	51	12,0%	61	12,2%	74	12,7%	90	13,3%
Serviços às empresas	179	57,3%	210	56,9%	239	56,9%	280	56,3%	321	55,3%	372	55,1%
sofisticados	139	44,7%	164	44,3%	186	44,3%	217	43,6%	246	42,5%	286	42,3%
não-sofisticados	39	12,6%	46	12,6%	53	12,6%	63	12,7%	74	12,8%	86	12,8%
Serviços de transporte e manutenção	82	26,1%	96	26,0%	106	25,3%	129	25,9%	152	26,2%	175	25,9%
Outros serviços	19	5,9%	23	6,1%	24	5,8%	28	5,6%	34	5,8%	39	5,8%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

**Anexo 28 – Salários, retiradas e outras remunerações por grupo de serviços,
valores correntes (R\$ bilhões) e percentual – 2007 a 2012**

	2007		2008		2009		2010		2011		2012	
TOTAL	106		126		141		171		201		227	
Serviços pessoais	14	13,7%	16	13,1%	19	13,7%	23	13,6%	28	13,8%	32	14,3%
Serviços às empresas	55	51,9%	66	52,4%	74	52,4%	92	53,9%	109	53,9%	121	53,2%
sofisticados	34	32,6%	42	33,2%	47	33,2%	60	34,9%	70	35,0%	77	33,8%
não-sofisticados	20	19,3%	24	19,2%	27	19,2%	32	19,0%	38	19,0%	44	19,4%
Serviços de transporte e manutenção	31	29,1%	36	28,6%	40	28,6%	47	27,6%	55	27,3%	62	27,5%
Outros serviços	6	5,3%	7	5,9%	7	5,3%	8	5,0%	10	5,0%	11	5,0%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

**Anexo 29 – Pessoal ocupado (PO) por grupo de serviços, em milhões de
trabalhadores e percentual – 2007 a 2012**

	2007		2008		2009		2010		2011		2012	
TOTAL	8,31		8,98		9,52		10,44		11,36		11,99	
Serviços pessoais	1,86	22,4%	2,03	22,5%	2,11	22,2%	2,31	22,1%	2,57	22,7%	2,76	23,0%
Serviços às empresas	4,01	48,2%	4,33	48,2%	4,62	48,5%	5,12	49,1%	5,59	49,2%	5,85	48,8%
sofisticados	1,70	20,4%	1,84	20,5%	2,01	21,1%	2,25	21,6%	2,53	22,3%	2,66	22,2%
não-sofisticados	2,31	27,8%	2,48	27,6%	2,62	27,5%	2,87	27,5%	3,06	27,0%	3,19	26,6%
Serviços de transporte e manutenção	2,08	25,0%	2,23	24,8%	2,38	25,0%	2,57	24,6%	2,73	24,0%	2,91	24,3%
Outros serviços	0,37	4,5%	0,40	4,5%	0,41	4,3%	0,44	4,2%	0,46	4,1%	0,47	3,9%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.

Anexo 30 – Número de empresas por grupo de serviços, em mil unidades e percentual – 2007 a 2012

	2007		2008		2009		2010		2011		2012	
TOTAL	783,3		831,2		889,4		969,2		1.085,5		1.155,6	
Serviços pessoais	274,8	35,1%	290,6	35,0%	312,6	35,1%	338,7	34,9%	380,3	35,0%	403,0	34,9%
Serviços às empresas	299,1	38,2%	322,1	38,7%	344,2	38,7%	381,4	39,3%	427,0	39,3%	451,8	39,1%
sofisticados	249,7	31,9%	269,4	32,4%	285,1	32,1%	313,0	32,3%	346,4	31,9%	354,0	30,6%
não-sofisticados	49,4	6,3%	52,7	6,3%	59,1	6,6%	68,4	7,1%	80,6	7,4%	97,8	8,5%
Serviços de transporte e manutenção	186,1	23,8%	192,7	23,2%	205,3	23,1%	219,1	22,6%	243,4	22,4%	263,9	22,8%
Outros serviços	23,3	3,0%	25,9	3,1%	27,3	3,1%	30,0	3,1%	34,8	3,2%	36,9	3,2%

Fonte: elaboração própria a partir de dados da PAS/IBGE, 2007 a 2012.